



Amantes no paraíso

Barbara Cartland

Coleção Barbara Cartland nº 2



Título original:
"LOVERS IN PARADISE"
Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1979
Tradução: LUZIA ROXO PIMENTEL
Copyright para a língua portuguesa: 1980
EDITORIA EDIBOLSO LTDA. - São Paulo
Uma empresa do GRUPO ABRIL
Composto na LINOART e impresso nas oficinas da
ABRIL SA. CULTURAL E INDUSTRIAL

Debruçado no convés, o conde Viktor odiava cada minuto que ia passar na ilha de Bali, sem o brilho dos salões e a beleza das mulheres. Para ele, aquela viagem era um castigo, imposto pela rainha. O preço por se envolver com uma mulher casada e temperamental, apaixonada demais para se conformar com o fato de que ele não a amava.

Isolado naquela terra selvagem, Viktor jurou não se meter em confusões, mas não podia imaginar que estava indo ao encontro de seu destino e de um amor que não pensou pudesse existir para ele. Logo descobriria por que chamavam Bali de “A Ilha do Paraíso”. Roxana vivia lá. Mas Roxana corria um grande perigo...

NOTA DA AUTORA

Quando, em 1905, um vapor naufragou na costa de Sanur, a poucas milhas do estreito de Badung, os balineses saquearam os destroços, como há séculos costumavam fazer. O governo holandês pediu ao rajá de Badung uma indenização de 7500 florins. O rajá ofendeu-se e recusou o pagamento. Foi a desculpa que os holandeses esperavam. Enviaram tropas para o sul de Bali. Cercados por todos os lados pelo exército holandês, os habitantes preferiram morrer a se render. O rajá incendiou o palácio e, milhares de balineses avançaram silenciosamente em direção aos canhões holandeses. De repente, a pouca distância dos inimigos, o rajá desembainhou a espada. Era o sinal. Imediatamente, todos os balineses se apunhalaram. A partir de então, os holandeses dominaram completamente Bali.

Entretanto, nunca conseguiram realmente dominar aquele povo altivo e orgulhoso, nem fazê-lo abandonar seus costumes e sua religião. A história de amor deste livro foi inspirada nessa luta entre balineses e seus dominadores tendo como cenário a ilha de Bali, considerada por muitos, como a “Ilha do Paraíso”

Capítulo I

1892

O conde Viktor van Haan olhou os campos de arroz, as montanhas cheias de florestas e as palmeiras esvoaçando ao vento.

Tudo era verde. Até as flores, por mais brancas que fossem, pareciam ter um leve tom esverdeado.

Ao descer do vapor, pensou em como a viagem havia parecido interminável. Bali, o seu exílio, apesar de linda, era opressiva.

Talvez passasse ali pouco tempo. Menos de um ano. Mesmo assim, era um exílio. Não podia negar isso, o que era um pouco humilhante, para um homem tão orgulhoso.

Quando a rainha o mandava ir ao palácio, em Amsterdam, esperava pelos pedidos usuais: comparecer a uma festa da corte ou receber, em nome dela, algum visitante ilustre

Já tinha recebido muitos pedidos como estes, no passado. Era um homem encantador, diplomata e conhecedor do mundo, uma pessoa extremamente útil, uma vez que não havia nenhum rei para desempenhar certas funções,

Disse a si mesmo que a rainha já tinha usado muito do seu precioso tempo, nos últimos meses, e não se sentia disposto a fazer mais nada que não fosse única e exclusivamente do seu próprio interesse.

Já estava cansado de acompanhar homens de Estado cheios de pompa, ir a banquetes intermináveis e reuniões que mal conseguia suportar.

Era fácil compreender as dificuldades do conde. Dizia-se que se tratava do homem mais atraente da Holanda e, além de tudo, primo da rainha. Não era de admirar que todos requisitassem sua presença.

Quando o rei William III morreu, em 1890, a princesa Guilhermina, futura rainha, estava com dez anos e ainda no internato. O conde sempre apreciara a prima e lhe oferecera sua total lealdade e respeito.

Colocou-se à disposição para tudo que precisasse, mas ela o havia chamado com tanta frequência que atrapalhava seus planos pessoais.

Aos trinta anos, o conde tinha-se transformado em um homem egoísta e

consciente do próprio prestígio.

Era muito bonito e tinha uma personalidade que impressionava todos que visitavam a apática e convencional corte holandesa.

Talvez fosse porque o conde era apenas meio holandês.

Seu pai tinha sido o chefe de uma das famílias mais respeitadas e honradas do país.

A história dos van Haan se misturava com a história da Holanda. Era difícil falar de qualquer acontecimento importante, sem encontrar nele um parente de Viktor.

Mas a mãe do conde era francesa, filha do duque de Briac. Tinha sido, não apenas bonita, mas cheia de inteligência e alegria contagiante. Todos os salões intelectuais de Paris sentiam sempre muito orgulho em recebê-la .

Quando o conde Hendrih van Haan se casou com Madeleine de Briac, todos foram unânimes em dizer que teriam filhos fora do comum. E o filho, Viktor, satisfazia todas as expectativas. Agora que o pai estava morto, ele era o único dono de propriedades que só rivalizavam com as da própria monarquia.

Caminhou pelos corredores excessivamente enfeitados do palácio da rainha. Sempre que passava por ali achava que tudo aquilo precisava ser redecorado. Havia tesouros inestimáveis por todos os lados, mas em péssimo estado de conservação. O bom-gosto do conde protestava contra o fato da prima não se importar com o castelo e nem pensar em reformá-lo.

Um criado uniformizado com as cores reais lhe abriu as portas dos aposentos privados e o conde entrou, encontrando a rainha à sua espera, como sempre, sozinha.

Curvou-se, fazendo uma saudação, e viu-a olhá-lo com admiração. Não era novidade. A maioria das mulheres, jovens ou velhas, reagia assim.

Entretanto, logo os olhos dela se tornaram ansiosos.

— Mandei buscá-lo, Viktor — disse, baixinho — para informar que aconteceu algo muito sério. Algo que quero que saiba, antes de qualquer outra pessoa.

Imaginou se teria relação com uma festa que dera há duas noites. O comportamento dos convidados podia ser considerado escandaloso.

Mas achou estranho que alguém tivesse comentado os incidentes da festa com a rainha.

— O que a aborreceu? Se for algo relacionado comigo, só posso apresentar minhas profundas desculpas, senhora.

Sempre se dirigia a ela formalmente, como gostava que fizesse, sem se aproveitar do parentesco.

— Na verdade, me aborreci muito. E temo que você esteja seriamente envolvido, Viktor.

O conde franziu as sobrancelhas e esperou.

Não estava preocupado com o que ela pudesse ter descoberto. Sabia muito bem que a rainha desculparia qualquer boato sobre suas festas. Eram sempre muito exagerados e levava isso em consideração.

Ela respirou fundo e disse:

— Luise van Heydberg se suicidou à noite passada!

Falou sem emoção. Entretanto, o tom calmo de sua voz pareceu ecoar pelo aposento todo.

O conde olhou-a incrédulo.

— Não pode ser!

— É verdade. Ela tomou láudano suficiente para matar dois homem bem fortes. Quando a criada a encontrou, esta manhã, já devia esta morta há mais de dez horas.

— Oh, Deus!

O conde não pôde mais se controlar. Esquecendo todas as formalidades, atravessou o aposento e parou perto de uma janela, olhando o jardim triste, sob o céu de novembro.

— Vou fazer tudo o que puder para manter o seu nome fora disse — a rainha disse, depois de um momento —, e pretendo evitar qualquer escândalo.

— Por que eu estaria envolvido? — perguntou, furioso.

— Porque Luise discutiu com Willem, por sua causa.

— Por minha causa?

— Ela escreveu a você uma carta muito indiscreta e o marido se ressentiu.

— Como Willem encontrou a carta?

Luise a estava terminando, quando ele entrou de repente. Ela se mostrou tão nervosa, agitada e cheia de culpa, que se entregou. Tentou esconder a carta, mas ele a tomou, à força.

— É bem típico de Willem fazer isso! — o conde disse, aborrecido. A rainha concordou.

— Você sabe muito bem como ele é ciumento. Claro que, desta vez, tinha todos os motivos.

— Mas já havíamos terminado há dois... não, há três meses.

— Talvez, você achasse isso, mas Luise continuava apaixonada. Precisamos admitir que ela se comportava de um modo histérico.

A rainha fez uma pausa e suspirou:

— Bem, ela morreu.

O conde continuou olhando, sem ver, os jardins geométricos.

Agora desejava, como já desejara muitas vezes, nunca ter se envolvido com a baronesa van Heydberg, a única mulher atraente entre as damas de honra da rainha.

Todas as outras eram gordas, de meia-idade e estúpidas. Só de olhá-las, o conde lembrava os assados gordurosos que detestava desde a infância.

Luise van Heydberg, ao contrário, era como uma brisa de primavera. Linda, elegante e muito jovem para o posto que ocupava, por direito, por ter um marido importante na corte.

Era a segunda esposa do barão, mas tinha idade suficiente para ser sua filha. Nunca sentira nada pelo marido. Entretanto, vinha de uma família humilde e o casamento lhe abriria todas as portas. Os pais aceitaram, entusiasmados, o pedido do barão, quase sem acreditar em tanta sorte.

Para eles, não tinha importância que o barão já passasse dos cinqüenta anos e sua obsessão por Luise devesse ser encarada com medo e revolta.

No momento em que se tornou a baronesa van Heydberg, tornou-se também herdeira do posto de dama de honra da rainha. Uma posição na corte era algo com que a família nem sonhava.

Para o conde, parecia perfeitamente justificável que ela se tornasse o alvo de suas atenções e flertes.

Não tinha intenção de se envolver em algo mais sério, principalmente com a esposa de outro homem. Também não queria dar assunto para boatos nem para os escritores que viviam de divulgar os escândalos da corte. Isso só lhe traria desvantagens.

Luise correspondera imediatamente aos seus olhares.

Deixou bem claro que ele era tudo com que sonhara desde adolescente. Era o herói que procurava desde criança.

— Eu o adoro. Você é como Apolo. Trouxe luz à escuridão da minha vida — dizia-lhe ela.

Estava cansado de mulheres bonitas e de casos amorosos que lhe enchiam as

horas vagas, desde a juventude. Entretanto, sentiu-se tocado pela paixão da moça.

Há três meses, achou que estava perdendo o controle. Viu que era impossível amá-la como ela o amava. Luise, desesperada, perseguia-o, sem se importar com os olhares desaprovadores das pessoas de uma sociedade onde o protocolo era uma espécie de religião.

Implorava que se encontrassem e ele recusava. A moça se arriscava cada vez mais para ficar na companhia dele. Procurava-o, mesmo sabendo que o marido estava por perto.

O conde começou a sentir medo e ela passou a lhe mandar cartas e bilhetes, implorando seu amor. Estava tão apaixonada e tornou-se tão indiscreta que ele ficou nervoso.

Compreendeu, tarde demais, o temperamento histérico da baronesa e como se descontrolava facilmente. Tinha desencadeado uma avalanche e agora não conseguia controlá-la.

— Escute, Luise, você é uma mulher casada — repetia —, tem deveres para com seu marido. Se continuar se comportando assim, ele a levará para o campo e nunca mais poderemos nos ver outra vez.

Pensou que era aquilo que mais desejava, no momento, mas suas palavras fizeram-na chorar, desesperada.

Uma vez, Luise chegou a se ajoelhar a seus pés, implorando, com lágrimas nos olhos, que não a deixasse.

Na verdade, era sempre assim. Todas as mulheres que conquistava não queriam mais viver sem ele. Entretanto, a maioria delas era experiente e sofisticada o bastante para não insistir demais. Nem se arriscar a perder a reputação.

O conde pensava, cinicamente, que eram sempre as mulheres, por mais abandonadas que estivessem em seus braços, que primeiro ouviam passos se aproximando, vozes estranhas ou uma porta se abrindo. E sempre saíam correndo, com medo de serem descobertas.

Havia cometido um engano, ao se envolver com alguém tão jovem como Luise. Além dela ser pouco experiente, ele não tinha temperamento para essas intrigas. Mas como Viktor ia saber disso? Estava casada há quatro anos, tinha dado ao marido o herdeiro que ele tanto desejava e não poderia mais ser considerada uma noivinha inocente. Só que Luise, até então, não tinha encontrado o amor. Entregou-se a ele de corpo e alma. Não se importava que o mundo acabasse, desde que pudesse estar com seu amado.

O conde era um amante muito experiente. Quando fazia amor, era meigo e cheio de ternura. Embora às vezes agisse de modo rude, as mulheres que já tinham tido momentos de intimidade com ele sabiam que sua natureza era outra.

Nunca, em todos os seus anos de aventuras amorosas, encontrara alguém tão apaixonada como Luise. Sem se virar para a rainha, perguntou:

— Senhora, o que Willem pretende fazer?

— Já falei com ele. Como era de se esperar, está amargurado e, se possível, pretende matá-lo!

— Já deveria ter imaginado isso.

— Este não é o problema — a rainha continuou, firme. — Sabe, tanto quanto eu, Viktor, que, se uma palavra sobre este acontecimento escapar, causará um escândalo com repercussões por toda a Europa, prejudicando a futura rainha. E isso é algo que não permitirei.

— Claro que não.

— Quando me tornei regente, decidi que, como Guilhermina é tão jovem, a corte precisava ser um exemplo de pureza e decoro.

O conde queria dizer “muito recomendável da sua parte”, mas achou que poderia parecer irônico.

A corte holandesa era um exemplo de apatia, uma monarquia sem inspiração, que nenhuma das outras cortes européias iria imitar.

Pelo modo como a rainha falava, achou que a coisa era séria.

— Como deve ter percebido, você e Willem não podem se encontrar. Por isso, tomei uma decisão que talvez resolva, por enquanto, os nossos problemas.

O conde afastou-se da janela.

— O que quer que eu faça?

— Estou lhe dizendo que precisa sair do país imediatamente. Pegue um navio que está partindo esta noite, de Zetland, para as índias Orientais.

— Índias? — disse o conde, tão surpreso que quase gritou.

— Informarei o Conselho de que recebi notícias desagradáveis de lá, principalmente da ilha de Bali, e o mandei, como meu enviado especial, para verificar o que está acontecendo.

— Bali! — o conde repetiu, como se nunca tivesse ouvido falar daquele lugar.

— Contanto que você parta hoje, tenho a garantia de Willem de que não dará a ninguém a notícia da morte da esposa, até que você tenha deixado o país.

— Como ele pode adiar a notícia?

— Felizmente, o médico que atendeu Luise é meu amigo pessoal e, além de Willem, só você e eu sabemos que ela está morta. Naturalmente, a criada é de confiança e não diria nada que pudesse prejudicar a reputação de sua ama.

O conde não disse nada. Depois de alguns momentos, a rainha prosseguiu:

— Deve agradecer a Willem por ter vindo me procurar, logo depois de encontrar a esposa morta. Como um velho servidor da corte, ele sabia que a notícia sobre o procedimento dela seria prejudicial à monarquia.

— Quer que eu parta hoje?

— Sim. Deve pegar o navio que indiquei. E só tem poucas horas para arrumar suas coisas.

Ela fez uma pausa, esperando que o conde falasse. Como ele continuasse em silêncio, explicou:

— Antes que parta, receberá suas credenciais e alguns papéis secretos. Levará também os nomes dos oficiais com quem deve conversar, ao chegar a Bali.

O conde não disse nada e a rainha achou que, pela primeira vez, ele parecia inseguro.

Olhou seu belo rosto e sentiu uma certa ternura por ele.

— Lamento que tudo isso tenha de acontecer, Viktor, mas a culpa é apenas sua.

— Apenas minha! — o conde concordou.

Foi uma frase que ele repetiu para si mesmo, muitas vezes, durante aquela viagem.

O navio era confortável, e ele recebeu tratamento especial desde que pisou a bordo. Seu prestígio era tanto, que parecia um representante do rei.

Durante os dias e noites no mar, teve muito tempo para pensar na vida e se lembrar dos pecados que havia cometido. Concluiu que havia chegado a hora de pagar por eles.

Era inteligente e, apesar de aceitar a culpa pela atitude de Luise, sabia que aquilo poderia acontecer com qualquer um que despertasse o amor dela.

A maioria das mulheres é imprevisível, mas havia aquelas que, se não soubessem se controlar, eram capazes de causar grandes problemas.

Saber disso, entretanto, não servia de consolo. Estava triste por ter que deixar suas fazendas, suas casas e suas diversas atividades pessoais.

O que mais o aborrecia era o tédio da viagem.

Tinha trazido muitos livros e agora aproveitava todo seu tempo para aprender mais e mais sobre os costumes de Bali e o papel que os holandeses estavam desempenhando na ilha.

Sabia que, em Java, os holandeses eram os senhores absolutos, enquanto que, em Bali, a maior parte das terras ainda estava sob o domínio de rajás.

Para o conde, parecia natural que os holandeses fizessem todos os esforços para consolidar seu império do Oriente. Mas, pelo que sabia, os dias de agressão aberta já tinham passado. Agora, para justificar uma conquista, os conquistadores tinham que defender alguma causa.

Entretanto, não era difícil encontrar motivos suficientes para satisfazer tanto a consciência quanto a fome de poder.

Nas entrelinhas dos livros que levava, percebeu que a invasão do norte de Bali tinha requerido um pretexto que, na ocasião propícia, foi exagerado. Quando a invasão teve sucesso, logo se estendeu pela ilha vizinha. Lombok.

O conde podia agir de modo rude, algumas vezes, mas era humano e não gostava de lutas desiguais, fossem elas entre homens ou entre nações.

Sabia que os rajás eram corajosos, mas não podiam competir com rifles de repetição e canhões modernos.

Também suspeitava de que os holandeses, no papel de conquistadores, tinham sido desnecessariamente cruéis e insensíveis. Decidiu que, se visse algo que desaprovasse, não hesitaria em tomar as medidas adequadas, quando voltasse à Holanda.

Enquanto isso, a viagem continuava.

Sentia tanto tédio, que decidiu voltar por um percurso diferente.

Teria que agüentar Bali por algum tempo; afinal, era esta a vontade da rainha.

Sabia que, quando terminasse sua missão na ilha, teria muitos lugares a visitar, nos arredores. Seria bom ir até a Índia e ver como os ingleses estavam se saindo no papel de conquistadores. Se eram melhores ou piores do que os holandeses.

Também havia o Sião, Pérsia e Constantinopla, locais dignos de visita.

Aqueles lugares, sim, pareciam bem mais excitantes, e o conde sentiu-se ansioso para já estar indo embora de Bali.

Entretanto, tinha decidido desempenhar bem sua missão e mandar imediatamente um relatório à rainha. Quanto mais cedo, melhor, pensou.

O governador da ilha foi encontrá-lo no porto, usando uma carruagem puxada

por dois cavalos, que, ao conde, pareceu incrivelmente velha. Não seria um veículo digno do posto daquele homem, se estivesse na Holanda.

O governador era grande, gordo, próximo dos quarenta anos e com feições que denunciavam o uso excessivo de álcool.

Falava alto, separando bem as palavras, como aqueles que estão acostumados a dar ordens. O conde achou que ele estava se esforçando para parecer educado e simpático ao visitante.

— Estamos satisfeitiíssimos. Há muito ansiávamos por sua visita, *mijnheer*.

Viktor tinha certeza de que era mentira, mas, a bem da educação, sorriu e deixou-se conduzir através do porto, olhando tudo de um modo que desse a impressão de estar muito interessado.

Pelo que tinha lido, sabia que as mulheres eram lindas. Costumavam carregar na cabeça tudo que precisavam e isso lhes dava um porte lindo, ereto, elegante, um andar de deusas.

Outro fato que chamava a atenção era o costume de andarem nuas da cintura para cima, enfeitadas com inúmeros colares de contas.

Tanto os homens quanto as mulheres enfeitavam os cabelos com flores. O governador comentou:

— Enquanto estiver aqui, precisa ver as danças. Algo que nunca viu. Precisa ir também às brigas de galos.

O conde não respondeu.

Se havia um esporte que não apreciava era a briga de galos. Entretanto, parecia que era uma verdadeira obsessão para os camponeses balineses e, sem dúvida, também para seus conquistadores.

— Faremos tudo para entretê-lo — o governador continuou —, mas tenho certeza de que achará a vida aqui tediosa e sem acontecimentos emocionantes. Aqui no norte, não temos guerras. Cuidamos para que elas não aconteçam!

Fez uma pausa e continuou:

— Acho que os rajás do sul estão sempre brigando uns com os outros. Cedo ou tarde, nos darão um pretexto para entrarmos lá e devolvermos a paz ao povo.

— É isso mesmo que pensa fazer? — perguntou, com ar aborrecido. O governador sorriu.

— Para o camponês, um governante é igual ao outro.

— Duvido de que seja verdade — comentou, mas não queria começar uma discussão sobre o assunto.

Chegaram ao Palácio do Governo, construído em estilo tão comum no Oriente. Os grandes aposentos tinham ventiladores grandes, pendurados no teto; entretanto, o ar úmido ainda parecia quente demais.

O percurso, do porto ao palácio, havia sido longo e o governador sugerira ao conde que descansasse um pouco. Este recusou.

Foram para uma sala grande e confortável, onde o governador pediu alguns drinques. Sua voz, agora, era excessivamente autoritária. Viktor foi direto ao assunto:

— Estou ansioso para conhecer todos os trabalhos da sua administração. A rainha me pediu que lhe enviasse um relatório especial sobre tudo que acontece no norte de Bali.

— Achei que este era o motivo de sua vinda. Só espero que, com seu relatório, tenhamos mais facilidade em conseguir armas e canhões para dominar o resto da ilha.

— Não é esta a minha intenção — o conde respondeu —, mas, sem dúvida, posso colocar o seu pedido no relatório.

— Acho que também acabará chegando à mesma conclusão que cheguei.

Ele ia dizer mais alguma coisa, mas foi interrompido por um criado que se aproximava.

— O que é? — perguntou, aborrecido.

— É a srta. Barclay, que devia ter vindo aqui ontem. Ela chegou agora, excelência.

— Eu disse, ontem! — o governador respondeu, furioso.

— Acho que a senhorita quer apresentar suas desculpas. Ela não pôde vir ontem, senhor.

O governador levantou-se:

— Desculpe, mas há alguém me procurando.

— Barclay não parece um nome holandês.

— A jovem senhorita é inglesa.

— Inglesa? Aqui em Bali?

O governador pareceu relutante em dar mais informações. Depois explicou:

— Ela veio com o tio, um missionário holandês.

— Um missionário!

Não havia dúvida de que o conde estava surpreso. Tinha lido que, desde 1877, uma lei proibia a presença de missionários em Bali.

— Como parece não saber — o governador disse —, agora temos permissão para aceitar, temporariamente, missionários católicos e protestantes.

— Realmente, não sabia.

— Acho que foi algo resolvido a pedido das igrejas, que sentiram pena de tantos nativos sem o benefício e o conforto do cristianismo.

— Mas soube que os balineses têm sua própria religião.

— É verdade.

— Soube, também, que a tentativa de convertê-los ao cristianismo se tornou um fato lendário.

Era uma história que havia encontrado em todos os livros sobre ilha. O primeiro nativo convertido chamava-se Nicodemus. Era aluno empregado do primeiro missionário que colocou os pés em Bali.

Quando a comunidade, à qual pertencia, soube que tinha se convertido ao cristianismo, expulsou-o da cidade e o proibiu de qualquer contato com os parentes. Declarou-o morto.

O infeliz tentou recorrer a outros povoados, mas, em todos, foi ameaçado pelos próprios sacerdotes, que fizeram o povo ignorá-lo.

Expulso de todos os lugares, Nicodemus não agüentou mais viver. Desesperado, matou seu amo e se entregou, para ser executado.

Não era de surpreender que houvesse uma lei proibindo a ida de missionários para lá.

Entretanto, quatorze anos tinham se passado, desde aquele acontecimento, e a lei fora mudada. Os missionários agora eram aceitos.

Olhou o governador e teve a sensação desagradável de que estava escondendo algo.

Seguindo um impulso momentâneo, o conde disse:

— Gostaria de conhecer esta mulher que veio vê-lo. Posso perguntar a ela como vai o trabalho na missão?

— A missão não é dela — o governador disse, aborrecido. — Era do tio.

— Mas ela trabalha com ele, não?

— Ele morreu.

— Morreu?

— Há dois meses.

— De morte natural, ou foi assassinado?

— Morte natural.

— Então, acho que a sobrinha levará avante o trabalho dele. Deixe-me falar com ela.

Achou que o governador ia negar. Foi apenas uma impressão passageira, mas tinha certeza de não estar enganado.

Por algum motivo que não conhecia, o governador estava relutando muito em deixá-lo conhecer a srta. Barclay.

Os dois homens se encararam por alguns momentos. Parecia um combate silencioso. Então, o governador decidiu:

— Mande a moça entrar — disse ao criado, que aguardava.

O conde sentiu-se curioso.

Nem tinha acabado de desembarcar, e já achava que algo muito errado podia estar acontecendo. E o governador não desejava que investigasse nada. Por quê?

Pela primeira vez, viu o tédio se afastar. Fagulhas de interesse brilharam em sua mente.

Tinha se espantado ao impor a própria vontade a um homem mais velho, na primeira vez em que se encontravam. Um homem que gostava dos privilégios que tinha como governador e não abria mão deles.

Nenhum dos dois falou, até o criado anunciar:

— A srta. Roxana Barclay.

Pronunciou errado todas as palavras, mas o conde entendeu. Na sala, entrou uma jovem caminhando com uma graça quase igual à das balinesas.

Parecia flutuar acima do chão, em direção ao governador e ao conde.

Usava um vestido branco, simples, justo no busto, que revelava as curvas suaves dos seios e a cintura fina.

A saia era repuxada para trás, em pregas que a tornavam parecida com uma deusa grega, semelhança acentuada ainda mais pelo modo com que prendera os cabelos.

O que mais espantou o conde foi a falta de chapéu. Em lugar dele, trazia uma sombrinha, para evitar que os raios do sol lhe queimassem a pele branca e perfeita.

Os cabelos não eram do tom dourado comum. Tinham uma nuance avermelhada, diferente. Estavam presos em um coque, com alguns fios escapando dos lados, formando uma moldura perfeita para o rosto oval.

Tinha olhos grandes, verdes, com faíscas douradas que brilhavam aos reflexos do sol. Era um rosto bonito e diferente.

Quando Roxana se aproximou do governador, fez uma reverência.

Foi um gesto gracioso e apropriado.

— Bom dia, Excelência. Posso oferecer minhas desculpas por não ter vindo ontem, como pediu?

— Estou acostumado a ter minhas ordens obedecidas — o governador disse, com uma autoridade que Viktor achou exagerada.

— Não recebi seu recado — Roxana Barclay respondeu. — Não estava em casa.

— Estava na floresta, suponho — o governador falou, aborrecido. — Já avisei para não andar sozinha por aí; é perigoso.

— Ninguém me fará nada. Fui só buscar madeira.

— Madeira?

O conde não pôde conter a surpresa.

Não imaginava por que aquela jovem elegante precisava de madeira, a não ser para cozinhar. Neste caso, podia mandar os criados buscarem.

Como se só agora percebesse sua presença, Roxana olhou para o conde.

Era óbvia a relutância do governador em apresentá-los. Depois de alguns momentos, decidiu-se.

— Posso lhe apresentar a srta. Roxana Barclay? Já lhe disse que ela está aqui temporariamente. O tio tinha permissão para ficar dois anos. Esta permissão, naturalmente, agora está terminada.

Roxana fez uma reverência ao ser apresentada. O conde levantou-se e estendeu a mão para ela.

— Estou satisfeito em conhecê-la, srta. Barclay — disse, em inglês. Os olhos dela se iluminaram, parecendo ainda maiores.

— Fala inglês?

— Espero falar suficientemente bem, para que me compreenda.

— Está sendo modesto, senhor, fala perfeitamente. Estou surpresa.

— Por quê?

— Desculpe, se parecer rude. Mas o criado disse que cheguei numa hora inconveniente, pois um oficial holandês, muito importante, estava com o governador. E todos os oficiais que conheci só falavam o próprio idioma.

— O que lhe aconteceu no passado não nos interessa — o governador interrompeu, abruptamente.

— Oh... desculpe — Roxana murmurou.

— Pelo contrário — o conde insistiu. — Estou interessado em tudo e gostaria

muito de saber sobre o seu trabalho aqui, srta. Barclay,

Ela pareceu confusa:

— Meu... trabalho?

Depois sorriu, compreendendo.

— Oh, deve estar se referindo ao trabalho do meu tio. Não é meu.

— Não é uma missionária?

— Não. Não tenho nenhum interesse em converter pessoas felizes nem forçá-las a aceitar uma religião tão estranha à sua natureza.

— Não é o tipo de coisa que devia dizer — o governador interrompeu. — Sabe, tanto quanto eu, Roxana, que a política das autoridades holandesas é espalhar o cristianismo o máximo possível.

Novamente, o conde percebeu que o governador estava tentando impressioná-lo. Ao mesmo tempo, notou o modo familiar como se dirigia à jovem inglesa.

Roxana ignorou-o e dirigiu-se ao conde:

— Devo explicar que, agora que meu tio morreu, só me interesse por meu próprio trabalho.

— E qual é?

— Faço esculturas em madeira.

— Quer dizer que faz entalhes?

— Parece uma definição muito simples para uma arte que é tão importante, principalmente nesta ilha.

— Li que os entalhes são a ocupação nacional. Fazem com eles enfeites para os templos e máscaras para usarem em suas festas.

O conde estava contente em poder mostrar seus conhecimentos. O governador, surpreso, disse:

— Vejo que sabe muito sobre os costumes nativos, *mijnheer*.

— Sempre procuro me informar sobre o lugar onde vou. Não quer se sentar, srta. Barclay? Quero perguntar uma porção de coisas sobre os balineses. Coisas que os holandeses não querem que eu saiba.

Roxana sentou-se na cadeira indicada. Deu um rápido olhar para o governador e disse:

— Se eu falar muito, não terei problemas?

— Por quê?

— Porque estou aqui apenas com permissão temporária. Acredito que muitos holandeses já disseram: agora que o tio morreu, ela deve deixar a ilha.

— Mora sozinha?

A voz do conde tinha um tom de incredulidade.

— Não exatamente. Vivo com alguém que me parece uma ótima acompanhante, uma mulher idosa que viveu muitos anos com minha tia.

— Uma criada! — o governador disse, agressivo.

— Minha tia considerava Geertruida uma companheira. É isso que ela é, para mim.

O governador concordou, exasperado.

— Já sugeri que a srta. Barclay, se quiser mesmo ficar em Bali, deve morar com uma família holandesa respeitável. Posso encontrar, com facilidade, um lugar adequado. Mas ela não concordou.

— Prefiro viver sozinha. Trabalho muito e, algumas vezes, até tarde da noite. Isso, certamente, será muito inconveniente para a maioria das pessoas.

— Deve aceitar a minha oferta — o governador insistiu.

O conde percebeu que Roxana ficara tensa. Então ela disse, com um tom de voz frio, que não tinha usado antes:

— O que me ofereceu, Excelência, é completamente inaceitável! Não aceitarei em nenhuma circunstância! De jeito nenhum!

Capítulo II

Roxana estava nervosa.

Esperava não ter demonstrado nada. Ao mesmo tempo, tinha consciência de que o recém-chegado podia lhe trazer problemas.

Já tinha problemas demais, causados pelas mulheres da comunidade holandesa, que haviam dito, categoricamente, que não lhe devia ser permitido ficar em Bali, depois da morte do tio.

Roxana sabia que não estavam, na verdade, muito preocupadas com sua posição de jovem sem família; mas sim, com ciúmes.

Quase todas tinham as peles claras estragadas pelo sol forte e haviam aumentado muitos quilos, por causa da comida pesada.

Sentiam-se inseguras com a presença dela e, desde que chegara, tinham deixado bem claro que a família de um missionário não era digna de nenhuma consideração social.

Muitas vezes, Roxana pensou que teria sido fácil mudar a opinião delas. Bastava dizer de quem era filha. Dar o nome de seu pai e mãe e de todos os parentes que tinha, na Inglaterra. Mas isso só serviria para atrair atenções. E, no momento, era melhor permanecer incógnita.

Às vezes, achava que estava lutando uma batalha perdida, com inimigos de todos os lados.

Mas possuía muito senso de humor e ria dos próprios temores, dizendo a si mesma que, na realidade, não havia nada para ter medo.

Isso, até que o governador começou a se tornar um inimigo maior do que todos os holandeses que governava.

Quando seu tio decidiu visitar Bali, como missionário, e concordou em levá-la junto, tudo parecia uma aventura excitante.

Roxana tinha até medo de que algo acontecesse, no último instante, impedindo-os de ir para o Oriente. Para ela, era como ir ao paraíso, um lugar sempre fora de seu alcance.

Logo que chegou à Holanda, depois da morte do pai, para viver com sua tia Agnes, Roxana percebeu como o tio, Pieter Helderik, estava insatisfeito com a pequena comunidade em que viviam.

Ele era um homem inteligente, brilhante e muito sensível. Vivia nervoso. Considerava todos os seus dias de trabalho paroquial apagados e tristes, sem inspiração.

Fazia sermões com um entusiasmo que teria contagiado qualquer pessoa, menos os burgueses da Holanda, desanimados e apáticos.

Sentavam-se, preguiçosamente, em seus bancos, na igreja, e olhavam Pieter, com um ar de desaprovação.

Achavam-no teatral demais, muito dramático. Não queriam sentir nada a respeito de Deus. Apenas saber que Ele estava lá, para as emergências, para satisfazer suas necessidades e confortá-los naquela vida tão tediosa.

— Como poderei atingi-los? — Pieter perguntou uma vez, à sobrinha, desesperado.

— Acho que só com dinamite, tio Pieter — Roxana brincou. Os dois riram juntos.

— Eu tento, Deus sabe o quanto tento entusiasma-los, mas acho que são como penas de um colchão: não se consegue deixar nenhuma marca sobre eles.

Implorava que as autoridades mudassem de idéia sobre a ida de missionários para Bali.

Era apoiado pelos católicos, que também procuravam despertar a opinião pública para a terrível iniquidade de se deixar um país conquistado sem os benefícios e privilégios da mensagem cristã.

Sem acreditar em nada do que diziam, as autoridades, finalmente cansadas, concederam as permissões temporárias para a ida de alguns poucos missionários escolhidos.

A lista deles seria revista ano após ano e os enviados teriam que viver sob condições limitadas.

Algumas vezes, Roxana teve quase certeza de que não ia poder acompanhar o tio.

Mas, achou que Pieter Helderik tinha cansado demais as autoridades holandesas com seus pedidos e todos ficariam satisfeitos em vê-lo partindo com a família inteira.

Finalmente, os Helderik e Roxana embarcaram em um vapor terrivelmente desconfortável. Entretanto, estavam tão contentes que pareciam até os passageiros do “Santa Maria”, acompanhando Colombo na descoberta de um novo continente.

Só a tia Agnes não parecia muito entusiasmada, Roxana lembrou, pois estava

deixando para trás tudo o que conhecia.

Era uma mulher quieta, de temperamento doce, que adorava o marido. Iria segui-lo até o inferno, se ele lhe pedisse.

Roxana acreditava que estavam indo para o paraíso.

Sabia, através de suas pesquisas, que Bali era chamada de “Ilha do Paraíso”, “Ilha Encantada” e “Ilha dos Deuses”.

Quanto mais lia sobre Bali, mais excitada ficava. Queria ver de perto toda aquela beleza, que já conhecia em imaginação.

Só quando atravessaram o mar Vermelho e tia Agnes começou a sofrer uma estranha indisposição, Roxana soube do seu segredo.

Depois de quinze anos de casada, estava esperando um bebê!

— Rezamos tanto para sermos abençoados — Agnes Helderik disse à sobrinha. — Já tínhamos perdido as esperanças.

— Mas por que não contou nada, antes de partirmos?

A tia sorriu.

— Se tivesse feito isso, Pieter ia adiar a partida e eles talvez cancelassem a permissão.

— Por que fariam isso?

— As autoridades deixaram bem claro que não queriam missionários com crianças, em Bali. Não consideram o local seguro.

— Tia Agnes! E agora, que vamos dizer?

A tia sorriu.

— Talvez possamos evitar que eles descubram.

Era algo em que Roxana não se atreveria nem a pensar. Mas sabia também que, no momento em que a tia dissesse a verdade, se encontrariam em grandes dificuldades.

Em primeiro lugar, tinham que evitar que o próprio Pieter compreendesse o que estava acontecendo, até que descessem na ilha.

Não era difícil. Ele parecia estar em êxtase de tão excitado com a nova vida. Roxana pensou que ele nem perceberia, se ela e a tia virassem negras, durante a noite.

Só pensava no trabalho que iria realizar entre o povo de Bali.

A sobrinha descobriu que ele já conhecia muito sobre os costumes balineses.

Sentava-se no *deck*, lendo os livros que havia trazido, tomando notas e dando instruções à esposa e à sobrinha sobre as centenas de coisas que podiam ou não

fazer, evitando causar ofensas ao povo entre o qual iriam viver.

— Minha cabeça está rodando com tantos tabus e restrições! — Roxana disse à tia.

— Uma das nossas amigas, da Holanda, disse que lá é a “terra dos tabus” — a sra. Helderik respondeu —, mas espero que tenha exagerado, como sempre as pessoas exageram. Quando chegarmos lá, vamos descobrir que é um lugar como qualquer outro, nem mais nem menos difícil.

Falou um pouco cansada, como se sentisse pena de não se entusiasmar como o marido, mas, algumas vezes, sentia-se muito sonolenta.

Roxana ajudou-a e, só depois de descerem em Bali e estarem instalados no vilarejo em que iam viver, foi que Pieter Helderik soube a verdade.

Ficou dividido entre duas emoções: a satisfação de ver suas preces atendidas e o terror de que pudessem mandá-lo de volta à Holanda.

Foi Geertruida, a criada da sra. Helderik, que resolveu tudo.

— Pode deixar por minha conta, senhorita — disse a Roxana. — Ajudei no parto de muitos bebês, na cidade onde nasci. Minha mãe era parteira e, quando não podia atender algum chamado, eu a substituí.

— Mas, e depois que ele nascer?

Geertruida sorriu.

— Há crianças por toda parte. Quem vai notar mais uma?

Era verdade.

Roxana nunca tinha visto tantas crianças e tão bonitas. Mas achou que, entre as crianças balinesas de pele dourada, um bebê holandês, louro, iria chamar muita atenção.

Quando Karel nasceu, parecia tão lindo e desprotegido, que soube que procuraria protegê-lo sempre, com todas as forças!

Geertruida ajudou no nascimento de Karel, fazendo tudo em segredo e, aparentemente, com muita eficiência. Entretanto, foi um parto difícil e Agnes Helderik sofreu bastante.

Mas Roxana pensou, o sofrimento tinha valido a pena. O momento em que entregou o filho ao marido foi inesquecível.

Havia algo de solene no rosto dele, como se estivesse se sentindo o mais abençoado dos mortais; como se Deus lhe tivesse dado um presente além de qualquer agradecimento.

Roxana saiu do quarto, deixando o marido e a esposa com o filho recém-

nascido. Sentiu que tinha presenciado um momento tão importante que até procurou a Estrela de Belém, no céu. Mas foi uma felicidade curta.

A sra. Helderik pegou uma febre, que Geertruida não conseguiu curar, e ficava cada dia pior.

Mesmo Roxana, que no começo não se alarmou, ficou surpresa em saber que a tia havia morrido durante a noite, calmamente, enquanto todos dormiam.

Tinha um sorriso nos lábios, como se não tivesse sofrido. Morreu dormindo e deixou Karel, com um mês de idade, entregue aos cuidados de Geertruida e Roxana, e na companhia de um pai que parecia completamente alucinado de dor.

O pior foi na hora de realizar o funeral, quando chegou um número imenso de pessoas e Karel teve que ser escondido.

Só depois de alguns meses, Roxana percebeu que, ao morrer, a tia tinha deixado um vazio na vida do marido, que nunca mais poderia ser preenchido.

Sendo tão quieta e gentil, tanto Roxana como outras pessoas achavam que sua falta não seria sentida.

Quando, contra a vontade do pai, Agnes casou com o homem que amava, cortou todos os laços com a família, na Inglaterra.

Era a filha do dono de muitas terras e de um condado. Tinha muitos amigos em Londres e o pai esperava que fizesse um casamento rico.

A mãe de Roxana tinha seguido o desejo dos pais, ao se casar com lorde Barclay, um homem muito mais velho, mas importante figura na alta sociedade. Entretanto, Agnes preferiu um missionário holandês paupérrimo e os parentes nunca a compreenderam.

— Só queria saber onde ela encontrou aquele homem! — vociferava o pai constantemente.

Mas os dois tinham se encontrado e se apaixonado de um modo tal que, mais tarde Roxana percebeu, nunca poderiam ter vivido um sem o outro.

Agnes fugiu com o missionário holandês. Até a irmã mais velha achou aquilo deplorável e decidiu cortar relações com ela.

Quando Roxana cresceu, ficou curiosa sobre a tia que morava na Holanda, afastada de toda a família.

Os parentes só tinham notícias de Agnes Helderik no Natal e em seus aniversários, mas Roxana suspeitava de que, apesar da tia escrever à sua mãe, as cartas permaneciam sem resposta.

Quando sentiu que precisava sair de casa e ir para algum lugar, a fim de fugir

da atmosfera insustentável em que se encontrava, pensou na tia.

Havia passado um ano da morte de lord Barclay e a mãe tinha decidido casar novamente.

Aos quarenta anos, ainda era muito atraente e havia passado os últimos seis meses servindo de enfermeira para um homem velho, que só abria a boca para reclamar.

Eram ricos o suficiente para terem muitas enfermeiras, mas a vida dela se tornou muito restrita, fechada, sem festas, desagradável.

Quem entrava naquela casa logo percebia que o proprietário estava morrendo aos poucos, e que sua esposa não suportava mais aquele sofrimento.

Roxana sentia muita compaixão pela mãe. Ao mesmo tempo ficava chocada ao vê-la flertar, logo após a morte do marido, com qualquer homem que se aproximasse.

Quando, finalmente, comunicou à filha que pretendia se casar novamente, Roxana ficou ansiosa para saber o nome do escolhido. Dependendo de quem fosse, ela teria que ir embora.

— Não com Patrick Grenton, mamãe!

— Por que não? — Lady Barclay perguntou, friamente. — Sabe o quanto ele gosta de mim. Tenho certeza de que seremos muito felizes juntos.

Roxana mordeu os lábios. Como poderia explicar à mãe que, enquanto Patrick Grenton a cortejava, procurava também conseguir as atenções da filha?

Não gostou dele, desde o momento em que o viu. Era um homem de olhar duro e bebia muito. Seguia-a, quando iam caçar, mantendo todos os homens afastados e insistindo em cavalgar a seu lado. No verão, sempre dava um jeito de aparecer inesperadamente no bosque, onde Roxana gostava de passear sozinha.

Percebeu que ele estava fazendo um jogo duplo. Mas o modo como a mãe o recebeu em casa, todos os cuidados que tomava, preparando-se para a chegada dele, o jeito como lhe falava, deixaram bem clara a verdade.

Não foi difícil para Roxana compreender que, para Patrick Grenton, ela era interessante como mulher, mas a perspectiva de ter uma esposa rica era muito mais atraente.

Roxana ficava doente só de pensar que ele podia ser tão interesseiro: Patrick era cinco anos mais novo do que sua mãe, mas isso não tinha muita importância, já que era muito conhecido e conceituado.

Quando se casassem, sua mãe lhe financiaria as caçadas e todos os confortos

que não podia pagar por desperdiçar muito, com bebida.

— Preciso ir embora, — Roxana disse a si mesma. — Não posso viver na mesma casa com mamãe e Patrick Grenton!

A idéia de tê-lo como padrasto era terrível. Pior ainda era saber que ele teria muito mais facilidades do que antes, para persegui-la.

Entretanto, não era fácil decidir aonde ir.

Tinha muitos amigos, mas não podia morar com eles, indefinidamente. Não queria que a mãe se sentisse pouco à vontade, tendo que pedir a uma das primas ou aos parentes do pai para recebê-la.

Então, veio-lhe a inspiração de escrever para a tia que morava na Holanda.

Afinal, todos compreenderiam se ela quisesse se afastar durante algum tempo, logo depois do casamento da mãe. E que desculpa melhor do que dizer que a tia a havia convidado para passar uns tempos em sua companhia?

Sem falar nada a ninguém, escreveu à tia Agnes, pedindo para ir à Holanda e dizendo que queria conhecê-la.

A resposta foi entusiasmada, dando as boas-vindas e pedindo que fosse logo. Apesar da mãe ter ficado atônita, Roxana partiu da Inglaterra logo após o casamento discreto de lady Barclay e Patrick Grenton.

Na verdade, também ele fez objeções à partida da enteada. Objeções muito mais fortes do que as da esposa.

— Por que quer ir embora? — perguntou, aborrecido, quando soube dos planos de Roxana. — Eu a quero aqui! Quero vê-la! Falar com você!

— Não tenho nenhuma vontade de ficar entre você e mamãe.

Olhou-a nos olhos, e ela não gostou de sua expressão.

— Sabe que não é nada disso.

— Sei o que é e não vou discutir o assunto!

— Suponha que eu não a deixe partir!

— Não pode fazer isso.

— Tem certeza? Afinal, sou seu padrasto e tutor.

— Tenho sérias intenções de sair desta casa o mais cedo possível e quero lhe avisar para não criar problemas!

Roxana falou calmamente, mas de um modo que encheu os olhos dele de ódio.

— Se é esta a sua atitude perante o futuro, mais cedo ou mais tarde farei com que se arrependa!

Ela não respondeu. Olhou-o como a um inimigo e saiu do aposento, mas

ouviu-o assobiando baixinho, de um modo que lhe deu um calafrio.

Não importava como fosse a tia; estava decidida a gostar dela, ficar lá o maior tempo possível. A Holanda, pelo menos, lhe parecia um refúgio seguro contra Patrick Grenton.

Mas adorou a sra. Helderik desde o primeiro momento. E a tia também gostou dela.

Agnes era exatamente como desejava que a mãe fosse. Mas lady Barclay tinha se endurecido durante os anos de frustração e da doença incurável do marido.

Apesar da diferença de idade entre ambos, no início, ela tinha sido muito feliz. Lord Barclay era um homem extremamente inteligente, que prestava grandes serviços à Corte e era muito respeitado nos círculos políticos. Entretanto, quando ficou doente, parecia um carvalho atingido por um raio.

Se ao menos tivesse morrido durante os primeiros dez anos de casamento, teria sido fácil para todos sentir por ele uma compaixão sincera.

Em vez disso, definhou, ano após ano, perdendo pouco a pouco os amigos e o amor da esposa e da filha.

Era errado, Roxana sabia: mesmo usando luto profundo e seguindo o caixão do pai, ela estava satisfeita, sabendo que as lamentações de todos eram apenas uma farsa. Ele tinha ficado livre de tanto sofrimento.

Era um alívio, depois de tanto tempo, ver seu corpo livre da doença.

Roxana chorou no enterro da tia, o que não tinha conseguido fazer no do próprio pai.

Parecia tão cruel, tão desnecessário, que Agnes morresse depois de esperar tantos anos para ter um filho.

Entretanto, a infelicidade de Roxana não era nada, comparada com a de Pieter Helderik.

Não apenas adorava a esposa, como também, ela parecia fazer parte dele; uma parte indispensável de sua mente e de seu corpo.

Parecia um barco sem rumo, um barco que perdera o farol que iluminava sua rota.

Atirou-se ao trabalho em Bali, com todo o entusiasmo e concentração que eram suas características. Mas, desde o dia em que Agnes morreu, algo ficou faltando.

Antes, tudo que ele dizia e fazia era espontâneo, parecia vir de uma fonte de inspiração interior. Agora, havia momentos em que Roxana achava que ele parecia fingir uma emoção que não sentia.

Não saberia dizer exatamente o que estava errado, mas tinha certeza de que a tia, no momento em que morreu, levou algo indispensável para Pieter Helderik.

Logo depois de chegar a Bali, Roxana compreendeu porque os holandeses não queriam aceitar missionários, nem temporariamente.

Percebeu, sem que ninguém lhe dissesse, que os habitantes eram intransigentes em assuntos religiosos e condenavam ao fracasso todo o trabalho missionário.

Ao ler sobre Bali, ela aprendeu muito. Observando os arredores, aprendeu mais. Compreendeu que os feiticeiros, os *pedandas*, não toleravam que ninguém de sua raça mudasse de religião.

Havia poucos cristãos convertidos, mas eram, geralmente, boicotados e expulsos de seus vilarejos.

Os médicos balineses se recusavam a tratar dos cristãos e os ameaçavam, dizendo que não poderiam ser enterrados em cemitérios balineses.

Ela tentou, com muito tato, dizer a Pieter Helderik o que estava acontecendo. Ele não ouviu, ou fingiu não acreditar nela. Mas era óbvio que ficava desapontado quando ia aos vilarejos.

Os balineses, geralmente sorridentes e gentis, desapareciam em suas casas, quando ele chegava, e se afastavam, quando Pieter tentava lhes falar.

Só as crianças não tinham medo. Não se preocupavam com coisa alguma, a não ser com as balas e doces que Pieter lhes levava.

— Não há esperanças! — Roxana disse a si mesma. — Nenhuma esperança!

Mas não se atrevia a dizer isso em voz alta, com medo de ferir ainda mais o tio.

Sabia que ele percebia o que estava acontecendo. Seu rosto ficou enrugado e emagreceu muito. As roupas lhe davam um aspecto de espantalho.

Quase não comia os pratos deliciosos preparados por Geertruida e dos quais, antigamente, gostava tanto.

Começou a dar longas caminhadas, andando pelos bosques e campos, como se fosse um fantasma, ou, como os balineses diziam, um *leyak*, do qual tinham muito medo.

Temiam tanto os espíritos malignos que Roxana logo percebeu: alguém que associassem a um *leyak* seria, para eles, uma pessoa muito perigosa. Achavam que podia andar sobre o fogo, assombrar os cemitérios, e os mais velhos acreditavam que os *leyaks* reencarnavam no corpo de animais ferozes, como tigres, gorilas e

tubarões. Diziam que um homem que se transforma em *leyak* sabe de cor os escritos antigos.

Pensou em Pieter Helderik caminhando pelas florestas e repetindo, para si mesmo, as preces que algumas vezes o sustentavam, mas que geralmente se pareciam com a confissão de um penitente. O povo balinês sentiria medo, se o ouvisse.

Roxana teve certeza de que algo estava errado, quando o tio começou a voltar fraco desses passeios. Chegava completamente exausto, recusava tudo que lhe ofereciam de alimento e caía na cama, olhando para o teto.

— Parece um homem enfeitiçado! — Geertruida disse um dia.

Roxana também tinha pensado nisso, mas sentira medo de falar. Na Inglaterra ou na Holanda, ela teria rido daquilo. Mas ali, em Bali, sabendo do poder dos feiticeiros da crença geral em magia negra, estava convencida de que coisas estranhas podiam acontecer, sem que tivessem uma explicação natural.

Dois meses mais tarde, Pieter Helderik não voltou do passeio. Encontraram-no morto, na floresta. Roxana sabia que não morrera de morte natural, e sim por métodos sobrenaturais.

Mas de que adiantava falar sobre suas suspeitas? O que alguém podia fazer para ajudá-la?

O tio foi enterrado no cemitério holandês, teve que enfrentar o problema que há muito a preocupava.

Os holandeses tinham ordem de não deixar nenhuma criança-órfã em Bali, Todas deviam ser levadas para o orfanato no interior ou em Java. A idéia de mandar Karel para um orfanato era terrível. Sentia-se horrorizada, só de pensar naquilo. Sabia muito bem que se a tia Agnes fosse viva, ficaria com o coração partido ao pensar naquilo. Como amava muito a tia e o tio, estava decidida a lutar para que a criança tivesse tudo que o pai e a mãe lhe teriam dado.

Havia parentes na Inglaterra, Roxana lembrou, que poderiam cuidar muito bem de Karel, se conseguisse levá-lo até lá.

O problema era: como?

Se agora confessasse que tinham enganado as autoridades holandesas, denunciaria a presença do menino. Iriam descobrir, então, que ele não tinha registro de nascimento, o que era considerado um crime.

Certamente, iriam se vingar. Não nela, mas em Karel.

Primeiro, evitariam que a criança saísse da ilha, a não ser que fosse para o

orfanato em Java. Depois, a expulsariam, e teria que voltar para casa sozinha.

Se abandonasse Karel, precisaria de muitos anos para persuadir as autoridades a desistirem dele. Nem sabia até onde a família de sua mãe poderia ajudá-la, uma vez que o garoto era de nacionalidade holandesa.

O problema a aterrorizava, mas tinha certeza de que, no momento, o melhor era continuar mantendo segredo.

Teve muita sorte ao encontrar uma família que morava na floresta e escondera Karel, depois da morte de Pieter, quando os oficiais estavam continuamente entrando e saindo da casa.

Logo depois de chegar a Bali, Roxana tinha descoberto os entalhes em madeira.

Sempre se interessou por escultura, quando vivia na Inglaterra. E, apesar da oposição da mãe, tomou lições de cerâmica.

Mas, quando viu os balineses entalhando a madeira, percebeu que ali estava a sua verdadeira vocação.

No alto das montanhas, ficavam as casas dos mais famosos escultores, escondidas entre as árvores, cuja madeira usavam para seus trabalhos.

Colocavam-na entre os pés nus e entalhavam com facas e canivetes simples.

Usavam madeira de vários tipos, como a *sawo*, de cor avermelhada, usada principalmente para retratar dançarinas e búfalos.

Outros trabalhavam em teca, uma das madeiras mais caras do mundo que servia muito bem para esculturas de figuras femininas ou veados de pescoço longo.

Os mais experientes esculpiam, com talento de gênio e precisão incrível de detalhes, o jovem deus Vishus, com asas e pés humanos. Geralmente, eram figuras pequenas, quase miniaturas, com um perfume suave de sândalo.

Roxana procurou um professor e encontrou Ida Anak Temu. Era um homem baixinho, de cabelos brancos, admirado por todos os outros entalhadores e respeitado pelos mais jovens.

Pediu que lhe ensinasse e, quando ele viu o que ela já sabia fazer, aceitou-a como aluna. Uma nova felicidade entrou na vida de Roxana, diferente de tudo que tinha sentido antes.

Os balineses geralmente pintavam seus trabalhos com tons vibrantes: vermelhos, azuis, amarelos, verdes. E adornavam com eles os templos e as máscaras usadas em festas típicas.

Eram comuns os dragões vermelhos com asas douradas e imensas presas

brancas, com coroas douradas na cabeça, que representavam decorações importantes das casas e templos.

Todas as esculturas de madeira, em Bali, eram pintadas. Todos os motivos eram geralmente exagerados em sua ferocidade, depois pintados com as cores mais violentas que seus autores pudessem encontrar.

Além dos vermelhos, azuis, amarelos, brancos e pretos, havia muito dourado por toda parte. Os templos pareciam caleidoscópios. Os europeus só conseguiam ver a beleza, seis meses depois, quando as cores já tinham desbotado por causa da umidade do ar.

Roxana não precisou de muito tempo para perceber que a textura da madeira era muito bonita e não precisava de mais nada.

Quando disse a Ida Anak Temu que não pretendia pintar suas esculturas, ele pareceu surpreso, a princípio. Depois, como era um artista, compreendeu sua decisão, balançou a cabeça e não fez nenhum esforço para que mudasse de idéia.

Foi com Ida que ela resolveu o problema de Karel. Ele agiu como um balinês típico e gentil. Quando lhe disse que precisava esconder uma criança das autoridades holandesas, ele se ofereceu, sem fazer nenhuma pergunta.

Na verdade, os balineses detestavam os senhores holandeses. Não apenas por sua crueldade e política repressiva, mas pelo fato de terem sido independentes durante muitos anos. Preferiam a tirania dos próprios rajás à humilhação de terem que viver sob o chicote de estrangeiros.

— Minha esposa e eu podemos tomar conta da criança — Ida Anak Temu disse. — Ficará segura e feliz em nossa casa.

A gratidão que seus olhos expressaram era muito maior do que poderia expressar com palavras.

A noite, saiu do vilarejo, com Geertruida carregando Karel nos braços, em direção às montanhas.

Foi difícil e amedrontador. Entre as árvores, a escuridão era intensa. Mas logo apareceu o luar e elas encontraram o caminho. Subiram por pedras íngremes e, depois de algum tempo, viram as luzes na casa de Ida.

Ele baixou as cortinas de bambu, o que quase nunca acontecia nas casas balinesas, e ficaram isolados.

Lá dentro, à luz de um único lampião, entregaram Karel à esposa de Ida. Ela segurou o menino de um modo tão carinhoso e maternal, que Roxana teve certeza de que ali ele ficaria protegido.

Era fácil ver Karel. Só precisava continuar com as lições de escultura. Ninguém suspeitaria de nada ao vê-la indo sempre à casa de Ida.

Com a morte de Pieter Helderik, um novo perigo a ameaçava. Um perigo terrível e real, simbolizado pelo governador van Kaerstock!

Já o havia encontrado uma porção de vezes, quando Pieter foi à casa dele, depois de um ano, para tentar renovar o passaporte.

Instintivamente, Roxana sentiu o perigo, quando o governador a olhou.

Insistiu, de um modo que achou desnecessário, em esticar a conversa e lhe fazer perguntas.

Depois, fez muitas visitas à casa deles, dizendo-se preocupado com o bem-estar de todos. Mas sabia que ele apenas se interessava por uma pessoa.

Entretanto, não sentia medo, porque tinha a proteção do tio e duvida de que o governador tentasse qualquer aproximação maior, quando ele estivesse por perto.

Agora, com sua morte, suas defesas haviam caído. Por causa de Karel, sentia-se vulnerável.

Demorou pouco para que o governador atacasse. Havia, ele dissera, em seu escritório, um lugar que podia ser admiravelmente preenchido por uma mulher que falasse inglês e holandês. Mantinha comunicação constante com os ingleses de Singapura e precisava de alguém para lhe traduzir as cartas.

Parecia muito agradável, mas Roxana só precisou dar uma olhada na expressão do governador para sentir que, na verdade, ele tinha idéias muito particulares sobre aquele emprego.

Recusou, gentilmente.

— Como Sua Excelência já deve ter percebido, estou interessada apenas em escultura e pretendo continuar vivendo com a pensão que recebo e também da minha arte.

— Cuidarei para que tenha bastante tempo para dedicar aos seus passatempos, enquanto trabalhar para mim.

— É muito gentil, Excelência, mas não preciso de um emprego.

— Pode se manter?

Era uma pergunta grosseira, mas ela respondeu com cortesia.

— Tenho rendas pessoais.

Ficou surpreso, como ela desejava. Agora, não podia mais pressioná-la a fazer o que não queria, apenas porque achava que não conseguiria recusar o dinheiro.

— Talvez, deva voltar à Inglaterra, agora que seu tio está morto.

Disse aquilo apenas para amedrontá-la. Não tinha nenhuma vontade que aquela moça partisse.

— Estou muito feliz aqui, em Bali.

— Não tenho certeza se posso permitir que permaneça.

Era um desafio. Uma ameaça. Que seria repetida, ela sabia. Quando chegaram as instruções do governador, no dia anterior, para que fosse vê-lo no palácio, não foi difícil imaginar o que ele queria. Tinha todas as desculpas para chamá-la. Fazia já dois anos que estava em Bali.

Começou a desejar, mesmo sabendo que era impossível, que ele renovasse sua permissão para ficar, já que não podia permanecer mais com a permissão dada a Pieter Helderik.

Quando as ordens chegaram, ela estava, aparentemente, tomando aulas com Ida Anak Temu, mas, na verdade, brincava com Karel, que já tinha feito um ano e meio e, a cada dia, ficava mais bonito.

Reconhecia-a sempre que chegava, estendendo-lhe os bracinhos e tentando dizer seu nome. Entretanto, sempre achava mais fácil dizer as palavras balinesas que tinha aprendido com outras crianças.

Era um garoto gordinho, alegre e feliz. Ao abraçá-lo, Roxana sempre prometia a si mesma que nunca o deixaria ser trancado num austero orfanato holandês, onde a vida seria tão triste e aborrecida como as pessoas que o administravam.

As crianças balinesas que brincavam com ele eram os filhos e filhas de Ida Arak Temu. Pareciam anjinhos dourados.

Não havia dúvida de que eram muito felizes.

Os balineses eram o povo mais feliz do mundo. As crianças tinham brincadeiras alegres e cheias de imaginação, entre as árvores, e com pedacinhos de madeira pintados em cores brilhantes. Era impossível pensar em um lugar mais paradisíaco para elas.

— Precisa ficar aqui, Karel, mas um dia vou levá-lo à Inglaterra — Roxana disse.

As palavras dela pareciam um juramento. Karel olhou-a e riu, murmurando algo ininteligível e acariciando seu rosto.

Agora, sentada na sala do governador, Roxana olhou para o conde.

Pensou, aborrecida, que ali estava mais um inimigo: um outro oficial que poderia se constituir em uma ameaça a Karel e a ela própria.

Procurou imaginar se o recém-chegado era muito poderoso, se iria interferir muito. Bem, ela podia, em último caso, apelar para o governador.

Mas tinha idéia do preço que ele cobraria por qualquer tipo de proteção. Sentia medo só de pensar nisso.

Possuía uma graça natural e muito espontânea. Sentada ali, ao lado do conde, parecia calma e tranqüila, sem deixar transparecer suas aflições.

Ele se parecia com os homens que freqüentavam o castelo de sua mãe. Poderiam ter-se encontrado em uma das festas dela, sem que tivessem conversado sobre nada, além do tempo e das perspectivas de um dia de caça.

Entretanto, todos os nervos do corpo dela ficavam mais tensos. Sua mente se preparava para responder cautelosamente às perguntas que lhe fossem feitas, a fim de não cair em nenhuma armadilha.

— Gosta de morar em Bali, srta. Barclay? — o conde perguntou.

— Acho muito interessante, principalmente do meu ponto de vista pessoal.

— Quer dizer, suas esculturas em madeira?

— Sim, estou tomando lições com um dos maiores escultores da ilha.

— Ele é realmente bom?

Suspeitou de um tom irônico na voz dele.

— Acho que, se seu trabalho fosse mostrado em Londres ou Amsterdam, seria, sem dúvida, aclamado — disse Roxana.

— Não tinha idéia de tal gênio vivendo entre nós! — o governador interrompeu. — Qualquer dia, preciso visitar o homem e ver o trabalho dele.

— Penso que achará difícil chegar até lá, Excelência — Roxana disse, rapidamente —, mas tenho certeza de que ele ficará muito honrado, se eu lhe trouxer alguns de seus trabalhos, aqui no palácio.

Percebeu que havia cometido um erro ao elogiar Ida Anak Temu. Disse a si mesma que precisava pensar mais, antes de falar, tomar mais cuidado.

— E considera o seu trabalho igual ao dele, srta. Barclay?

Novamente, ela achou que o conde estava sendo irônico.

— Não poderia nunca me considerar igual aos balineses, que há gerações e gerações vêm esculpindo em madeira.

— Ao mesmo tempo, parece satisfeita com seu trabalho.

— Sei que tenho ainda muito a aprender.

— Gostaria de poder julgar o que está fazendo e se, como diz, é importante que permaneça no país.

Roxana respirou fundo. Sentiu que o conde concordava com as mulheres holandesas, achando que sua presença ali era desnecessária.

Estava com tanto medo, que se dirigiu ao governador.

— Por favor, Excelência, renove a minha permissão.

Enquanto falava, viu os olhos dele brilharem. Sabia que estava deliciado ao vê-la implorando, suplicando um favor.

— Minha decisão vai demorar um pouco, até que o conde inspecione o seu trabalho. Tenho certeza de que ele é uma autoridade em entalhes.

Agora era Viktor quem achava que o governador estava sendo irônico.

Na verdade, possuía uma grande coleção de estátuas, de enorme valor artístico.

Comprou muitas em Roma e na Grécia, e lhe veio a idéia de que gostaria de mostrá-las à Roxana e comparar o trabalho dela com suas peças.

Havia algo na moça que o fazia lembrar da estátua de Afrodite, que comprara em Atenas. Estava muito estragada, mas as linhas perfeitas dos seios e quadris permaneciam intactas.

Sempre a admirava, percebendo que lhe dava uma sensação de satisfação, como mais nada em sua coleção.

Entre as muitas amantes que teve, ninguém lhe lembrava a estátua de Afrodite.

— Como Sua Excelência, o governador, sugeriu, gostaria de ver o seu trabalho.

Ela percebeu que a reunião estava terminada e levantou-se.

— A que horas devo esperá-lo amanhã, senhor?

— Pela manhã.

Roxana fez uma reverência.

Olhou o governador e a expressão dele lhe lembrou uma cobra.

Fez outra reverência e saiu, sem dizer mais nada.

Capítulo III

Cavalgando um dos pequenos cavalos balineses, o conde chegou ao vilarejo onde Roxana morava.

Dos dois lados da rua havia valas profundas. Mais além, uma linha comprida de altas paredes de barro, cobertas de colmo, eram interrompidas, de vez em quando, por portões enfeitados com entalhes.

Algumas ruas em que passou pareciam túneis escuros, debaixo da vegetação pesada.

Por todos os lados havia crianças brincando nuas e cachorros que avançavam dos portões. Galos de briga, em suas gaiolas penduradas nos muros, faziam muito barulho.

Os moradores acreditavam que galos de briga nunca deviam ficar entediados, de modo que os colocavam sempre em posição de poder apreciar o movimento da rua.

Por todos os lados havia hibiscos e buganvílias; botões de jasmim formavam um tapete branco na rua.

Saindo do vilarejo, Viktor reconheceu a casa de Roxana, pela descrição que o governador lhe dera, em tom aborrecido.

Na verdade, foi Sua Excelência que o lembrou de que devia visitar Roxana e ver os entalhes.

— Ela é uma jovem muito talentosa. Talvez, por isso, apesar do protesto das damas da comunidade holandesa, eu ainda não a fiz deixar o país.

O conde tinha certeza de que havia outras razões para tanta condescendência. Principalmente, depois de ver as convidadas do jantar da noite anterior.

A esposa do governador estava na Holanda, visitando os pais, de modo que a esposa do primeiro-ministro a substituiu no lugar de anfitriã.

Era uma mulher grande, gorda e aborrecida, como muitas que o conde já tinha encontrado em centenas de banquetes a que comparecera, na Holanda.

Sentiu-se um idiota, ali, tendo que entreter aquelas burguesas entediadas que não tinham nenhum assunto, além de seus problemas paroquiais.

Para o conde, era óbvio que ninguém ali se interessava verdadeiramente pelo país que haviam conquistado. Nem conseguiam ver a beleza dos templos balineses,

cujo estilo era semelhante ao hindu, o primeiro povo que habitou a ilha.

Disse a si mesmo que não podia esperar muito daqueles holandeses exilados.

Era compreensível que as mulheres detestassem ver Roxana desacompanhada, sendo tão linda.

A beleza, em qualquer lugar que se encontrasse, sempre despertava o ciúme das mulheres. E percebeu também o interesse secreto do governador.

Naquela noite, decidiu descobrir tudo sobre os balineses, por conta própria, sem a companhia de van Kaerstock.

No café da manhã, enquanto saboreavam um delicioso mamão, disse:

— Excelência, acho que prefiro visitar sozinho a srta. Barclay e ver o vilarejo onde mora.

Não queria parecer muito autoritário, mas viu uma fagulha de ódio brilhar nos olhos do outro.

— Acho que é meu dever acompanhá-lo e lhe assegurar completa segurança.

— Não creio que a minha vida corra perigo.

Sabia que os relatórios enviados à Holanda sempre afirmavam que não havia nenhuma resistência quanto à ocupação de Bali.

Um dos comunicados dizia: “O povo se acomodou às novas leis e não apresenta nenhum sinal de rebelião”.

O governador fez uma pausa, antes de responder, e o conde aproveitou :

— Gostaria de cavalgar um pouco. Preciso de exercício e acho que desta forma poderei ver melhor o interior da ilha.

Recusou-se a levar um acompanhante e saiu sozinho do Palácio do Governo, deixando o governador aborrecido e preocupado.

Mas não se perturbou. Estava acostumado a fazer sempre o que queria, sem se importar com os sentimentos das outras pessoas.

Agora, estava vendo o muro alto, coberto de colmos, com uma porta onde havia uma cruz. Tinha encontrado a casa de Roxana.

Lembrou de como era graciosa e sentiu um novo interesse animá-lo.

Pela primeira vez, desde que deixara a Holanda, sentia-se vivo e bem-disposto. Era um sentimento que geralmente experimentava, quando examinava suas obras de arte ou quando iniciava um novo caso amoroso.

Desceu do cavalo, passou pelo portão e entrou num pátio.

Como esperara, havia vários *bales* — estruturas leves de bambu, cobertas de capim — e também um templo dedicado aos deuses ancestrais.

Sabia que o salão principal, muito antigo, estaria vazio, sem flores, apenas com ofertas de alimentos que todos os dias os balineses colocavam em seus templos pessoais.

Coqueiros altos, hibiscos e buganvílias se espalhavam por todo o sítio. Pensou que era um lugar que combinava bem com Roxana.

Ela apareceu na porta de uma das casinhas, seguida por um garoto balinês que pegou o cavalo do conde.

— Bom dia, srta. Barclay.

Fez uma reverência e disse, surpresa:

— Veio sozinho?

— Sim, apesar de Sua Excelência insistir bastante em me acompanhar.

Viu a moça corar e teve certeza de que suas suspeitas estavam certas.

— Vamos até o meu estúdio — ela disse, rapidamente, pois não tinha nenhuma vontade de falar sobre o governador,

— Naturalmente.

Saiu caminhando à sua frente e ele observou a delicadeza de sua cintura, acentuada pelo vestido de algodão. Achou-a muito bem vestida, para uma missionária.

Imaginou quanto pagaria por aquele vestido. Sua experiência lhe dizia que não tinha sido feito em casa.

O que Roxana chamava de estúdio era um grande *bale* com o chão de madeira elevado quase um metro acima da terra e coberto com folhas de palmeira. Tinha as costureiras cortinas de bambu, que, quando baixadas, formavam paredes dos quatro lados da casa.

Agora, só uma delas estava baixa, como proteção contra o sol.

O conde pensava que o trabalho de Roxana devia ser de pequenas figuras, como as descritas nos livros sobre o Oriente.

Geralmente, eram animais minúsculos, deuses lendários ou amuletos parecidos com peixes ou tartarugas aladas.

Quando entrou no estúdio, a princípio achou que Roxana não tinha nada para lhe mostrar, apenas a madeira que trouxera da floresta, grandes troncos que precisavam de muita força para serem transportados e colocados em seus lugares.

Então, viu que alguns pedaços já tinham sido entalhados, mostrando figuras de pessoas e animais que pareciam sair da própria madeira.

Como sabia muito sobre escultura, principalmente sobre os trabalhos dos

antigos gregos, percebeu que estava vendo algo muito diferente do que esperava.

Ficou em silêncio alguns momentos. Depois, perguntou:

— Este é o seu trabalho ou do seu professor?

— É meu.

Caminhou em direção a um enorme bloco de *sawo*, onde começava a surgir o corpo de um homem.

Percebeu que o trabalho ainda não estava terminado, mas o ângulo da cabeça era tão real, tão bem executado, que a figura parecia viva, prestes a se mover.

O conde olhou, atônico. Então, perto da porta, viu a figura de uma mulher, entalhada em teca.

Tinha pouco mais de um metro de altura, estava ajoelhada, nua da cintura para cima e com as mãos estendidas em atitude de prece.

Mas, em vez de ter a cabeça baixa e os olhos fechados, como era tradicional, o rosto estava erguido e os olhos, bem abertos, como se recebessem uma inspiração divina.

O conde sabia o suficiente para perceber que Roxana havia usado as curvas naturais da madeira, assim como sua textura, para retratar o modelo. Mas havia algo na expressão do rosto! Era como se estivesse em êxtase, não apenas pelo que via, mas pelo que sentia.

Ficou em silêncio, espantado e, ao mesmo tempo, percebendo que se emocionava, diante daquele trabalho. Era a mesma sensação que tinha diante da estátua de Afrodite.

Uma parte de seu cérebro tentava criticar o entalhe, mas os dedos finos, a linha perfeita do pescoço, os seios... tudo era tão lindo... seus olhos se voltavam a todo instante para o rosto da estátua.

Com um esforço, virou-se, quieto, sem falar e observou a figura de um veado erguendo a cabeça, como se pressentisse o perigo, o corpo tenso, os olhos cheios de atenção.

— Como conseguiu aprender tão depressa?

— Já estava em mim, antes de vir para Bali — Roxana explicou. — Sentia em minha mente e nos meus dedos, mas nunca tive a oportunidade de esculpir, até ter um professor.

— Este que escolheu, deve ser um homem excepcional.

— Ele é!

O conde virou-se para ela, olhando-a, como se não tivesse certeza de estar

vendo a criadora de tudo aquilo.

Como era possível, que alguém, tão delicada e frágil, pudesse esculpir como um homem, saber fazer algo que ele só esperava encontrar em um escultor velho e muito experiente?

Como se entendesse suas dúvidas, Roxana sorriu:

— Talvez queira ver os pequenos presentes que faço para aqueles que são gentis comigo.

Foi até uma mesa, onde o conde viu as pequenas esculturas que esperara encontrar no princípio. Mesmo assim, eram muito diferentes do que havia imaginado.

Roxana pegou uma e lhe entregou.

Era a mão de uma mulher balinesa, quase em tamanho natural, os dedos ligeiramente dobrados, cheia de delicadeza e simplicidade, esculpida em sândalo.

— Adoro trabalhar com sândalo — Roxana disse, ao ver que o conde não falava. — Minhas mãos ficam perfumadas durante horas. É como se pudesse segurar toda a magia do Oriente.

O conde pegou a figura de uma deusa. A base da estátua era toda enfeitada com serpentes e macaquinhos, perseguindo uns aos outros.

A deusa se parecia um pouco com Roxana e, inesperadamente, deixando de lado sua diplomacia, ele perguntou:

— Posso comprar esta?

Ela sacudiu a cabeça.

— Nada aqui está à venda.

— Por quê?

— Porque são minhas... porque não desejo... me separar delas.

Era exatamente assim que se sentia a respeito de sua coleção de arte. Mas queria aquela deusa e insistiu:

— Não acha que está sendo egoísta?

Roxana sorriu.

— Meu tio era tão cristão que seria capaz de dar a própria camisa. Eu me tornei egoísta por necessidade e agora é tarde para mudar.

— Mas gostaria muito de comprar esta deusa!

— Então, deixe-me dá-la de presente ao senhor.

— Não posso aceitar.

— Por quê? Está com medo de ser acusado de aceitar suborno? Corrupção?

Aquilo nem tinha passado pela cabeça dele, mas disse:

— Talvez seja isso. Se eu lhe ficar devendo algo, como poderei ser grosseiro, a ponto de sugerir que deixe o país?

Os olhos de ambos se encontraram. Então, ela disse, num tom de voz muito diferente:

— Por favor... não me mande... embora.

— Não tenho poderes para isso. Só posso aconselhar o governador.

— Então, por favor, aconselhe-o a me deixar... ficar. — Roxana fez uma pausa, antes de prosseguir. — Ainda tenho muito a aprender.

— Não acho que seja verdade. Deixe-me dizer, com toda a sinceridade: estou perdidamente encantado com o seu trabalho.

Ela o olhou, cuidadosa, para ver se falava a verdade. Depois disse, hesitando:

— Acha que... está mesmo... bom?

— Muito mais do que bom. Você tem gênio, srta. Barclay. E, sobre escultura, não falo como leigo.

Viu que ela não estava convencida e continuou.

— Tenho uma coleção muito boa de esculturas e não sou um ignorante no assunto. Posso lhe assegurar que seu trabalho é excepcional!

Viu uma expressão delicada no rosto de Roxana e prosseguiu:

— Quando tiver mais peças, gostaria de organizar uma exposição em Amsterdam?

— Preferiria que fosse em Londres.

— Está sendo egoísta novamente.

— Na verdade, não tenho realmente vontade de exibí-las em lugar algum. Faço-as apenas para minha satisfação pessoal.

— Acho que todos os artistas sentem isso — disse Viktor. Caminhou para a figura de homem que tinha visto logo ao entrar:

— O que a fez esculpir isto?

Roxana ficou em silêncio por alguns minutos, como se lutasse para dar a resposta verdadeira. Depois, as palavras pareceram escapar de seus lábios:

— Quando eu... vejo um pedaço de madeira... sinto o que há nele... o que posso retratar... mesmo antes de tocá-lo.

O conde ficou em silêncio, sabendo que era aquilo que todos os grandes escultores sentiam.

Micheangelo, Canova e outros sempre tinham dito que era o material com que

trabalhavam que ditava a obra final, o modo como deviam esculpi-lo.

Olhou novamente a mulher rezando e viu que nem parecia ter sido esculpida, e sim surgida, naturalmente, da madeira.

Esticou a mão e tocou a curva suave da cabeça e do pescoço inclinado.

Ao fazê-lo, sentiu que parecia estar tocando a própria Roxana. Imaginou se a suavidade da pele dela seria sensível à sensualidade de seus dedos.

Ela se afastou em direção a um bloco de madeira, intocado. Era teca macia e bonita, característica das florestas de Bali.

Ficou de pé, olhando. O conde se aproximou e perguntou:

— O que está vendo?

— O que lhe parece?

— Primeiro as damas! — ele disse.

Ela lhe deu um sorriso rápido. Parecia uma criança se divertindo com uma brincadeira.

— Ainda não tenho certeza, mas acho que, aí dentro, ansiosa para sair, está a figura de uma dançarina de *lelong*.

Agora que tinha falado, o conde via que era exatamente aquilo que a madeira prometia: um corpo leve, seminu, cheio de jóias complicadas e uma coroa na cabeça, as mãos finas e delicadas, se movimentando suavemente, seguindo o ritmo de uma antiqüíssima dança ritual.

— Uma coisa eu lhe prometo — ele disse, baixinho —, não sairá da ilha, até que esta escultura esteja terminada!

Ouviu Roxana respirar fundo, aliviada.

Com um tom de voz mais alegre, ela respondeu:

— Talvez, eu deva me transformar numa paciente Penélope, que à noite desmancha todo o trabalho que fez durante o dia, de modo a nunca terminá-lo.

— Será difícil fazer isso com a madeira!

Ela sorriu novamente e ele percebeu que a reserva que a havia acompanhado durante todo o tempo de sua visita tinha desaparecido. Roxana olhou as estátuas à sua volta e disse:

— Não esperava... mas acho que compreendeu... por que tudo isso significa tanto para mim.

— Compreendi. E talvez, um dia, eu lhe possa mostrar o quanto a compreendo.

As palavras vieram a seus lábios, sem que realmente planejasse dizê-las.

Mas, de repente, teve uma visão de Roxana entre suas estátuas favoritas, olhando seus quadros, tocando seus tesouros de arte, compreendendo o que poucas mulheres compreenderiam e sabendo por que ele desejava possuir a coleção.

— Desculpe — ela disse —, não lhe ofereci nada. Os balineses ficariam horrorizados com a minha péssima educação.

— Gostaria, se não for problema, de tomar algo gelado. O clima daqui é muito quente, mas acho que logo me acostumarei.

— Pretende ficar muito tempo?

— Depende...

Roxana saiu com ele do estúdio e dirigiu-se a outro *bale*. Era outra casinha de bambu, desta vez com as cortinas descidas em três lados. Parecia a habitação comum de um balinês.

Entretanto, ali havia muitas poltronas, uma mesa, dois baús entalhados e flores em vasos, espalhados por todos os cantos. E algo que nunca seria visto em uma casa balinesa: uma estante de livros, com vários volumes, que Roxana havia trazido na bagagem.

Os dois se acomodaram nas poltronas e uma garotinha foi enviada a Geetruida pedindo os sucos. Era estranho, mas Roxana não parecia deslocada naquele cenário. Combinava perfeitamente, tanto com aquela casa quanto com o estúdio. Havia algo nela, pensou o conde, que a fazia harmonizar com qualquer ambiente, mesmo assim, conservando sua individualidade.

— Conte-me sobre você — ele sugeriu.

— Está perguntando oficialmente?

Ele riu.

— Por favor, não suspeite de mim. Agora que me mostrou suas esculturas, saiba que insistirei muito para que permaneça em Bali, para sempre, se este for o seu desejo.

— Está mesmo dizendo a verdade?

— Falo sério. Como um conhecedor da beleza falaria com outro.

— É isso que pensa que eu sou?

— É isso que sei que é. A diferença entre nós é que, enquanto eu apenas coleciono a arte, você a cria!

— Acho que este foi o maior elogio que já recebi.

— Posso lhe fazer muitos outros.

Ela o fitou, com uma pergunta nos olhos. Compreendeu que temia vê-lo

transformado em um perigo semelhante ao governador. Antes que pudesse falar, pois não encontrava um modo de tranquilizá-la, uma mulher atravessou o pátio e se aproximou.

Era de meia-idade e tinha um ar de respeitabilidade e autoridade, característico dos velhos empregados.

Seu cabelo grisalho estava coberto com uma touca de linho branco, típica da Holanda, como as das criadas da casa do conde.

Geertruida depositou a bandeja na mesa, depois fez uma reverência respeitosa e disse:

— Espero, senhor, que goste do suco de frutas.

— *Goede morgen* — o conde falou, continuando a conversar em holandês. — Já ouvi sua ama dizer que confia em você, e que você a protege muito. É uma tarefa que está desempenhando muito bem.

— Faço o melhor possível, senhor, mas nem sempre é fácil, em uma terra estranha.

— Compreendo suas dificuldades, e espero tornar as coisas mais fáceis para vocês.

— Obrigada, senhor.

Geertruida fez nova reverência e saiu.

— Foi muito gentil. O governador sempre é rude com Geertruida e ela fica sentida.

— Por que ele é rude?

Novamente, viu que Roxana corava e percebeu que gostaria de não ter falado sobre aquilo.

— Eu disse... a ele que Geertruida é minha... acompanhante e o governador... acha que ela... fica ouvindo o que ele me diz.

— Quer que eu tenha uma conversa com ele?

Roxana deu um gritinho abafado:

— Não... não... claro que não! Por favor... esqueça tudo que eu disse... foi indiscreto e estúpido da minha parte.

— Por que tem tanto medo dele?

— Ele pode... me mandar embora. Pode me fazer... deixar Bali.

— Acha mesmo que ele faria isso?

— Pode fazer...

O conde sabia o resto daquela frase:... “a não ser que eu faça o que ele quer”.

Sentiu uma raiva repentina.

Era insuportável que o governador, um tipo desagradável, ousasse perseguir alguém tão sensível como Roxana.

Ela se levantou e pegou um copo de suco de frutas, oferecendo-o.

— O que posso fazer para ajudá-la?

— Pode dizer que acha importante eu continuar na ilha, de modo a prosseguir com meu trabalho.

— Farei isso, naturalmente, mas o que acontecerá, quando eu partir?

Ela deu de ombros, num gesto de desamparo.

— Tudo ficará mais fácil, quando a esposa dele voltar da Holanda — disse, tão baixinho, que mal pôde ouvi-la.

O conde percebeu que não podia ajudar muito. Se protegesse demais aquela garota inglesa, ela sofreria depois dele partir. Como se soubesse o que pensava, Roxana disse:

— Por favor, não se preocupe demais comigo. Tudo que quero é ser esquecida, ignorada.

— Acho que isso será impossível, onde quer que vá.

Sentiu que ela ficava encabulada com o cumprimento. Provou o suco e distinguiu diversos sabores de frutas nativas. Achou melhor mudar de assunto:

— Gostaria de visitar seu professor. Qual é o nome dele?

Falou naturalmente e não estava preparado para o medo que surgiu nos olhos dela.

— Não é fácil... ir até lá. Ele mora dentro da floresta, um lugar difícil, cheio de subidas.

À medida que falava, percebeu que não fazia sentido: o conde era jovem e atlético. Concluiu, rapidamente:

— Além do mais, Ida Anak Temu não gosta de visitas, principalmente de holandeses...

Viktor anotou aquilo na memória. Depois, comentou:

— O governador me garantiu que não há ressentimento nem revolta entre os balineses.

— Eles não se atrevem a mostrar isso abertamente.

— Mas, se existe, é a mesma coisa!

— Claro que existe!

— Você parece pensar que eles deviam ser abandonados à própria sorte.

Viu que ela lutava consigo mesma, sem saber se devia dizer o que pensava. Então, Roxana disse:

— Os balineses são um povo muito feliz. Antes dos holandeses chegarem aqui, já tinham sua civilização.

Observou o conde, para ver se ia contradizê-la, e explicou:

— A religião deles os mantém unidos por pensamentos e ideais harmoniosos. São unidos pela adoração que devotam aos deuses ancestrais.

— Um estranho comentário nos lábios de uma cristã, na casa de um missionário — ele comentou, secamente.

— Não sou missionária e odeio o que os holandeses estão fazendo com este povo, uma gente nobre e boa. Tudo na fé balinesa é contra o que há de errado e maldoso. Acha que o cristianismo pode lhes ensinar mais do que isso?

— Concordo com você, mas ainda me surpreendo ao vê-la falar deste modo.

— Tentei permanecer em silêncio — Roxana confessou. — Só que, algumas vezes, a estupidez e a visão limitada dos holandeses me deixa furiosa!

O conde riu:

— Só lhe peço para tomar cuidado quando falar na frente dos meus patrícios, principalmente se encontrar os tipos que encontrei no jantar, ontem. São pessoas muito ignorantes. Posso compreender por que pensa assim, mas a sua força incendiaria ameaça destruir a paz de espírito de muita gente.

— Só quero que eles compreendam o mal que estão fazendo a este povo simples.

— Está lutando nesta cruzada, sozinha?

— Acho que tenho... forças invisíveis ao meu lado.

— Tenho certeza disso — ele disse, baixinho. — Mesmo assim, procure ter cuidado.

— É o que tento fazer, e Geertruida sempre me diz, todas as manhãs, para que eu guarde minha língua.

— Geertruida está certa e sinto que ela acha que já é tempo que eu parta, a não ser que desejemos dar motivos para todo o vilarejo falar de nós.

— Não são os habitantes do vilarejo que gostam de mexericos — Roxana respondeu —, e sim os holandeses! Acho que às vezes os odeio, com suas mentes cheias de suspeitas.

Novamente, percebeu que tinha falado demais. Olhou rapidamente o conde, para ver se estava zangado.

— Responderei o que está pensando — ele falou. — Tudo o que comentou comigo não será repetido a nenhuma outra pessoa.

— Obrigada. Não queria ser indiscreta. Às vezes, me entusiasmo demais.

— E de um modo encantador!

— Acho que é porque não tenho ninguém com quem falar, a não ser Geertruida. Apesar de gostar muito dela, é uma pessoa convencional demais.

— Compreendo e como sinto que estou preenchendo um vazio em sua existência, será que poderei voltar outras vezes?

— Gostaria que voltasse. Por favor, aceite como presente a deusa que admirou tanto. Gostaria de pensar que ela vai protegê-lo.

Viu a expressão do conde e continuou:

— Ela tem uma magia toda especial e poderosa. Eu lhe asseguro.

— Neste país, estou preparado para acreditar em tudo, até em magia!

— Se ficar aqui muito tempo, não apenas acreditará, mas poderá vê-la acontecendo, à sua frente.

Havia algo na voz dela que lhe trouxe de volta uma antiga suspeita.

— Acha que seu tio morreu por causa de magia?

Roxana fez que sim.

— Descobri que o *pedanda* disse ao povo que ele era um *leyak*. Depois disso, não tinha mais nenhuma chance.

O conde pensou que, há uma semana, teria rido daquela frase. Agora, não achava graça nenhuma.

Havia algo no ar de Bali, que cheirava a mistério. Algo que vinha dos templos pelos quais passara ao ir ao vilarejo, e que lhe despertaram estranhos sentimentos.

Agora, achava que Roxana quase não parecia humana.

Devia ser uma pessoa mística. Só assim, conseguiria ver, dentro de um bloco de madeira, a expressão de êxtase que ele só havia conhecido nas figuras retratadas pelos grandes mestres italianos.

Tomou a mão dela.

— Vim a Bali para descobrir muitas coisas sobre este povo. Se eu prometer que não farei nada para magoá-los e, talvez, até tornar a vida deles melhor, confiará em mim?

Sentiu que os dedos dela apertavam os seus. Olhou-a nos olhos e ambos ficaram imóveis.

— Não... esperava que fizesse... isso — respondeu, baixinho. — Mas...

confio... em você.

Na volta, o conde viu que Roxana lhe deu muito em que pensar.

Ao mesmo tempo, não podia ignorar que a vida que ela levava, sozinha com uma criada, a deixava muito vulnerável.

Parecia um absurdo que, depois de um conhecimento tão rápido, ele estivesse preocupado com as perseguições do governador e o antagonismo que ela despertara nas mulheres holandesas.

Como era a única inglesa na ilha, não podia pedir proteção a ninguém, se tivesse problemas.

Era ridículo pensar que poderia cuidar de si mesma.

Nenhuma mulher, bonita assim, poderia evitar as perseguições de muitos homens.

O conde lembrou do rosto avermelhado do governador e sentiu que ele não hesitaria em usar suas armas e seu poder para tornar Roxana obediente aos seus desejos.

Ela já o temia, e lembrou a raiva nos olhos do governador, quando decidiu visitá-la sozinha. Sabia o que Sua Excelência sentia.

Mas o conde não costumava se perturbar com os sentimentos alheios.

Em sua vida, já havia muitos problemas, principalmente de Estado, de protocolo e de amor.

Não se lembrava de ter sentido antes vontade de proteger uma mulher com quem não estivesse emocionalmente envolvido.

Não tinha vontade de flertar com Roxana; ela nem mesmo lhe provocou desejo. Entretanto, procurava compreendê-la. Saber, acima de tudo, o que sentia.

Agora, mais do que qualquer outra coisa, queria que ela continuasse esculpindo, seguindo a inspiração que nunca pensou encontrar em uma mulher.

Quando chegou ao Palácio do Governo, estava quase em dúvida se os entalhes de Roxana eram mesmo tão inspirados como lhe pareceram há poucos momentos.

Achava que tanto talento seria impossível, mas algo profundo e desconhecido lhe dizia que ela era um gênio e ele devia admitir isso.

Chegou quase na hora do almoço e caminhou até a grande sala de recepção, encontrando o governador à espera, com um copo na mão.

— Espero, conde, que tenha se divertido.

Seu tom de voz era hostil. Mas o conde respondeu, calmamente:

— Achei muito interessante o trabalho da srta. Barclay. Entretanto, devo

confessar que não tenho muita experiência em avaliar esculturas em madeira.

— Vai encontrar muitas delas, aqui em Bali.

— Acredito.

Um criado ofereceu um drinque. Ele aceitou e se sentou, olhando o jardim colorido. O governador disse, quase cuspindo as palavras:

— O que a moça lhe contou?

— Sobre o quê?

— A vida aqui... as pessoas... o povo..., o modo como ela é tratada.

— Falou quase que apenas sobre as esculturas. Acho que deve permitir que continue a tomar aulas.

— Então, ela o persuadiu a intervir, para que permaneça aqui?

— Penso que o talento dela não deve ser desperdiçado, mas acho que há outros lugares onde pode encontrar bons professores, caso não possa continuar aqui.

O conde procurou falar de modo indiferente e viu que sua atitude tinha provocado o efeito desejado sobre o governador.

— Tentei ser compreensivo — ele disse —, mas posso lhe garantir que, no meu posto, não posso satisfazer a todos.

— Tenho certeza disso. E a justiça, como todos sabem, é cega.

— Está certo! Claro que está certo! — o governador disse, impaciente.

Atirou-se numa poltrona, ao lado do conde, esticando as pernas.

— O problema, neste maldito lugar, é que não há muita diversão, a não ser, naturalmente, para quem gosta de mulheres balinesas.

Logo que o conde saiu, Roxana correu para a cozinha, onde Geertruida preparava o almoço.

— Está tudo certo! Tudo certo! — gritou. — o conde vai nos ajudar a ficar aqui. Não precisamos mais ter medo de que ele insista para deixarmos a ilha!

Viu que Geertruida parecia não acreditar e continuou:

— Ele compreendeu! Ele compreendeu mesmo, Geertruida, tudo o que estou tentando fazer. Ele, é obvio, conhece muito sobre escultura.

— Ouvi falar dele, quando estávamos na Holanda. É muito rico, parente da rainha e tem mais casos de amor por mês do que posso contar nos dedos!

O modo como falou fez Roxana ficar em silêncio.

Olhou-a, preocupada.

— Não... gostou do conde, Geertruida?

— Ele é muito simpático e bonito.

A moça riu.

— Não pode acusá-lo de ser bonito! Não é culpa dele!

— Dizem que ele consegue tudo que quer!

— E se quer nos ajudar, por que devemos nos preocupar? Ele me prometeu tentar influenciar o governador para que nos deixe ficar. É tudo que importa.

— Ele vai voltar aqui? — Geertruida perguntou, cheia de suspeitas.

— Tenho certeza de que tem outras coisas para fazer, pessoas com quem falar... — respondeu, evasiva.

— Agora, escute, srta. Roxana. Já temos problemas suficientes com o governador, aparecendo por aqui a todo instante. Não precisamos de um conde! Não quero confiar nele!

— Por que diz isso?

— Porque, se ele descobrir a existência de Karel, vai agir como qualquer outro holandês e insistir para colocá-lo num orfanato. E nada do que dissermos fará a menor diferença!

Roxana tentou protestar, mas Geertruida continuou:

— Você é inglesa, senhorita. Os holandeses não ouvem ninguém, a não ser eles mesmos. Só obedecem suas próprias leis, e o conde não é diferente deles. Guarde minhas palavras!

Geertruida terminou, batendo com as duas mãos na mesa.

Depois, percebeu que estava falando sozinha. Roxana havia saído.

Viu o vestido dela através das sombras das palmeiras. A moça tinha ido para o estúdio.

Ao chegar lá, tocou a cabeça da estátua ajoelhada, exatamente no mesmo ponto em que o conde a havia tocado.

De um modo irresistível, seus dedos percorreram o pescoço da figura, movimentando-se gentilmente sobre a suavidade da madeira.

Capítulo IV

Roxana estava trabalhando na estátua que seria o corpo de um homem, quando ouviu um cavalo entrando no pátio.

Nem virou a cabeça, certa de quem era o visitante. Minutos depois, o conde estava a seu lado.

Era um dia muito quente e ela usava o mais fino dos seus vestidos. A pele parecia brilhar através da transparência da fazenda.

Não ergueu os olhos do trabalho, mas como depois de alguns momentos, o conde não dissesse nada, comentou:

- Chegou cedo, esta manhã.
- Vim pedir a sua ajuda.
- Minha... ajuda? Olhou-o, espantada.

Ele vestia apenas uma camisa e as calças de montaria. Veio-lhe à mente que o corpo dele parecia com o da escultura que estava fazendo. Parecia tão íntimo, comparar os dois, que sentiu vergonha e virou o rosto, dizendo:

- Não posso acreditar que tenha ouvido... bem. Como posso ajudá-lo?

O conde não respondeu. Em vez disso, disse:

- Tem um modelo para este trabalho?

Enquanto falava, pousou a mão na cabeça da estátua.

- Não. Já tinha esta idéia na cabeça, quando vi o pedaço de madeira.

Sorriu e continuou:

- Quero lhe mostrar algo.

Atravessou o estúdio e, do outro lado, o conde viu vários pedaços de madeira empilhados. Um deles era muito estranho, com galhos que pareciam se entrelaçar acima do tronco principal.

Sentiu que Roxana queria testá-lo, ver se ele conseguia perceber que estátua ela faria com aquela madeira.

Ficou olhando, fazendo um esforço para se concentrar. Durante um momento, queria esquecer dela e de como estava bonita, quando a encontrou trabalhando.

Seus cabelos avermelhados brilhavam ao sol, de um modo que o deixava fascinado.

- O que vê? — Roxana perguntou, trazendo-o de volta à realidade.

Inesperadamente, ele riu.

— Tenho medo de errar e mostrar minha ignorância.

— Não vou gostar, se fizer isso.

— Então, diga-me: o que você vê? — ele perguntou a Roxana.

— Para mim é óbvio que aqui há duas pessoas, juntas, se abraçando. Suas cabeças estão próximas, talvez estejam se beijando. Mas, como sabe, este não é um costume balinês.

Assim que terminou, ele viu tudo aquilo, como se seus olhos se abrissem de repente.

Era tão claro: um homem com os braços ao redor da mulher, abraçando-a, seus corpos juntos um do outro. Até as curvas de suas cabeças apareciam perfeitas, completamente visíveis.

Sentiu que parecia mágica o modo como Roxana o fazia ver, com olhos interiores. Ao mesmo tempo, ressentia-se da superioridade dela.

— Se estivéssemos na Holanda, eu acreditaria que você está me hipnotizando, mas aqui em Bali...

Fez uma pausa.

— Você apenas está vendo com... o espírito, com a alma — Roxana terminou.

— Você me amedronta — ele protestou — e, mesmo assim, preciso de sua ajuda.

— Como?

— Quando vim para Bali, contra minha vontade, e, para ser sincero, duvidando de encontrar algo bom aqui, disse a mim mesmo que, ainda assim, faria tudo para entender este povo e seus costumes.

— Que bom que tenha sentido isso.

— Mas compreendi que, vivendo no Palácio do Governo, será muito difícil conseguir isso. Na verdade, tenho escapado todas as manhãs, saindo antes que o governador chegue para o café.

— Ele ficará furioso.

— Isso não me perturba. Ao mesmo tempo, começo a compreender que, se só visitar as construções holandesas, encontrar os holandeses e conhecer os planos de desenvolvimento deles — que duvido sejam executados —, poderia muito bem ter ficado em casa.

Estava curioso sobre o país e sobre Roxana. Não tinha intenção de dar satisfações ao governador sobre tudo que fizesse.

— Como posso ajudá-lo? — Roxana perguntou.

— O governador está tentando me convencer a assistir às brigas de galo, um esporte que não suporto, assistir brigas de novilhos, que acontecerão ainda este mês, e me fazer ver as dançarinas.

O modo como disse a última palavra fez Roxana olhá-lo, espantada.

— Ele ordenou que elas venham ao Palácio do Governo — explicou Viktor.

— Então, não será a dança verdadeira. Ela deve acontecer em um lugar apropriado.

— Foi o que pensei.

Não disse a Roxana que sabia o tipo de garotas que o governador havia convidado. Obedeceriam todas suas ordens e iriam diverti-lo do modo que quisesse, assim que a dança terminasse.

Apesar de quase ninguém saber disso, o conde só fazia amor com uma mulher, se sentisse alguma atração por ela.

Mesmo em Paris, onde passava muito tempo, nunca freqüentava as “casas de prazer”, como a maior parte dos seus compatriotas.

Não achava nenhum divertimento naquilo e as mulheres com quem fazia amor ou pertenciam à sua própria classe social, ou então eram estrelas de bale ou de teatro.

Não queria criticar o governador por tentar divertir-se, enquanto a esposa estava longe. Mas as graciosas mulheres balinesas não podiam servir de entretenimento para ele, mesmo que as achasse bonitas.

Estava também determinado a ver as danças no lugar tradicional, e não em um show montado para outros propósitos.

Tinha lido que a dança de *lelong* era o resumo da perfeição dos movimentos humanos e só podia ser dançada por meninas que ainda não tinham chegado à adolescência. Aquilo, pensou, devia ser de uma pureza difícil de encontrar no mundo inteiro.

Os *Topeng*, peças teatrais históricas desempenhadas com máscaras, eram geralmente dançados por velhos que, trocando as máscaras, retratavam reis corajosos, príncipes encantadores, primeiros-ministros idiotas e guerreiros.

Havia também as danças dos templos, mas sabia que seria difícil vê-las, sendo estrangeiro.

Viu que Roxana pensava e, de repente, ela bateu as mãos.

Apareceu uma garotinha, correndo.

Roxana falou com ela, devagar, em balinês. Quando a criança entendeu o que desejava, saiu correndo de volta pelo pátio, em direção ao portão.

— Espero que ela consiga responder as suas dúvidas em poucos minutos — Roxana disse ao conde. — Enquanto isso, acho que vou continuar com meu trabalho.

— Por que tanta pressa?

Ela pareceu confusa com a pergunta.

— Tenho uma sensação de urgência, como se não pudesse terminar. Se não trabalhar rápido. É... algo que não consigo explicar e, entretanto... está aqui, dentro de mim.

— Acho que está sendo misteriosa, para me deixar mais curioso.

Sabia, enquanto falava de modo brincalhão, que aquela idéia nem tinha passado pela cabeça dela.

Como se a frase fosse boba demais para ser respondida, ela a ignorou. Pegando o cinzel e o martelo, voltou ao trabalho.

Ele sentou-se numa cadeira de vime.

Observou-a e ficou imaginando se qualquer mulher, de qualquer nacionalidade, poderia ser tão graciosa assim.

Tinha certeza de que se parecia com a estátua de Afrodite. Quando a comprou tinha passado centenas de anos no fundo do mar. O mármore havia adquirido uma suavidade semelhante à pele humana.

Pensou que, se tivesse rosto, seria o de Roxana.

— Está me deixando... nervosa.

— Por quê?

— Porque sinto que está... pensando em mim.

— E por que isso a deixaria nervosa?

Hesitou durante um momento.

— Talvez eu sinta medo de suas críticas.

Sabia que não era verdade: ela percebera que ele pensava algo bem diferente.

Ia responder, mas a garotinha voltou e, com ela, veio um homem de meia-idade, vestindo apenas um *sarong*.

Roxana apressou-se a cumprimentá-lo e conversaram durante alguns minutos. O conde observava, enquanto o sol brilhava nos cabelos dela. Os gestos de suas mãos delicadas davam mais ênfase ao que queria dizer.

Finalmente, virou-se, sorrindo.

— Tenho boas notícias!

O conde levantou-se e fez um gesto de cumprimento, em direção ao homem.

— Este é Ponok e, apesar de não ser fácil, ele prometeu levar-nos esta noite para ver o *ketjak*.

— É uma dança?

— É a mais selvagem e dramática de todas as danças balinesas, mas só acontece à noite e precisamos caminhar uma pequena distância, dentro da floresta.

Olhou, ansiosa, para o conde, enquanto dizia.

— Acho que não há outro jeito de chegar lá, a não ser a pé.

Havia um tom de desculpa em sua voz e ele riu:

— Está sugerindo que pode ser muito longe e cansativo para mim?

— Não é isso. Mas é que é uma pessoa tão importante...

— Asseguro-lhe de que não passo de um humilde peregrino, em busca da fonte do conhecimento, onde quer que ela esteja!

— Então, pode vir nos encontrar aqui, às quatro e meia?

O conde não ficou surpreso com a hora. Bali não era distante da linha do Equador, onde o pôr-do-sol começa às cinco horas, as sombras se estendem até cinco e meia e, às seis, tanto as flores brilhantes quanto as pedras douradas e os templos já estão mergulhados numa luminosidade cinzenta.

— Estarei aqui! E agradeço muito. Pode dizer a este homem o quanto lhe agradeço?

Roxana traduziu e Ponok fez uma reverência, com a dignidade característica de sua raça.

— Devemos lhe dar algum dinheiro? — Viktor perguntou, em voz baixa.

Ela sacudiu a cabeça.

— Claro que não. Ele está fazendo um favor para mim. Seria impossível comprar seus serviços.

Viu a surpresa surgir no rosto dele e continuou:

— Vou retribuir sua amizade amanhã ou depois, lhe dando de presente uma das minhas pequenas esculturas.

— Isto, estou convencido, é uma sorte para ele. Conseguirá algo que nunca poderia comprar.

Fez um gesto em direção ao garoto que segurava seu cavalo e, quando este lhe trouxe o animal, disse:

— Vou deixá-la, mas não tenho nenhuma vontade de fazer isso. Tomarei parte

num programa extremamente aborrecido, que o governador organizou para mim. Mas garanto que estarei aqui às quatro e meia. Nada me impedirá de vir.

— Servirei alguns drinques, antes de partirmos — Roxana prometeu.

— Parece temer que eu desmaie na estrada.

— Assistir ao *ketjak* é muito mais cansativo do que ir à ópera ou ao bale *Les Sylphides*.

O conde se afastou, irritado por ela achar que era um homem que valorizava demais o conforto, só preferindo os melhores lugares e esperando encontrar tudo fácil, à disposição.

Ao mesmo tempo, sabia que estava ansioso por aquela noite. Tão ansioso como um colegial que vai ao teatro pela primeira vez.

Há muito havia escurecido, antes de Roxana e o conde chegarem ao que parecia o centro da floresta.

Ao pôr-do-sol, tinham visto fazendeiros voltando às suas casas, com os instrumentos agrícolas sobre os ombros e as pernas cobertas de lama.

Passaram por vilarejos onde a fumaça subia das cozinhas, contra a sombra das árvores e muros alaranjados.

Às vezes, o ar parecia repleto de vaga-lumes e, depois de uma longa caminhada, chegaram a uma clareira, onde um grande número de balineses estava agachado ao redor de uma fogueira.

Tinham seguido Ponok, que ia adiante, levando uma tocha. Na escuridão, Roxana começou, em voz baixa, a explicar o *ketjak* ao conde.

— É chamada a “Dança do Macaco”. Garuda, o pássaro simbólico de Vishana, é auxiliado por Hanuman e seu exército de macacos, para libertar o príncipe Rama e a princesa Sita, que foram raptados pelo rei dos demônios.

O conde ouvia, distraído, prestando mais atenção à voz de Roxana do que à história.

Tinha uma voz musical, suave, que parecia mágica, entre as sombras das grandes árvores e com o perfume da floresta à sua volta.

— Inicialmente, o *ketjak* era dançado pelos camponeses, quando as pragas ameaçavam seus rebanhos. Acreditavam que a dança afastasse os maus espíritos.

— E atualmente?

— Geralmente, há um motivo específico para que o *ketjak* seja dançado: quando alguém acredita estar sendo perseguido por um *Leyak* ou enfeitiçado por

aquilo que chamam de *Rangda*.

— E acha que o *ketjak* é eficaz contra estes problemas?

Roxana achou que estava caçoando dela e lhe deu um olhar inquiridor, antes de responder:

— Acho que a fé, não importa o modo como seja despertada, sempre causa... milagres!

Era uma resposta perfeita, o conde pensou, mas qual das mulheres que conhecia a teria dado?

Ponok arranjou um espaço vago, perto do lugar onde as personagens da peça iam aparecer.

Então, enquanto esperavam, Viktor tentou descobrir o que estava acontecendo por ali.

Cada vez chegavam mais homens, e a luz começou a aumentar, de modo que se podia, agora, ver tudo mais claramente.

Havia apenas tochas e lamparinas de óleo de coco. As chamas da fogueira crepitavam dentro de um silêncio absoluto.

Parecia que todos estavam prendendo a respiração. O conde sentiu que aquela espera era quase insuportável.

Ouviu palmas e levantou-se o mais que pôde. De fora do círculo chegaram homens seminus, cantando uma canção de encantamento, longa, parecida com o chamado de um muezim árabe, em seu minarete.

Terminou com um assobio, escapando como o vapor de uma chaleira e aumentando cada vez mais, até se tornar um rugido de desafio e terminar em um canto vagaroso.

O coro acompanhou e começou o *ketjak*, em vozes roucas, bem compassadas, agudas.

Os homens se curvaram para a frente, esticando bem os braços, e suas vozes eram gritos, rugidos e assobios terminando com sons guturais que pareciam atingir as pessoas no estômago, feito um soco.

Dali em diante, o conde sentiu que estava fazendo parte do próprio drama. Ele era o príncipe Rama, com roupas preciosas, louco de desespero em busca da esposa perdida.

Sentiu que tomava parte do vôo de um demônio, que lhe atirava uma flecha, a qual se transformava em uma serpente e o enlaçava.

Mas os deuses vieram em sua ajuda e Hanuman e seus macacos conseguiram

libertar o príncipe e trazer de volta a princesa Sita.

Foi quando o coro de vozes masculinas, sem nenhum instrumento a acompanhá-las, atingiu o auge e o conde sentiu que sua pele se arrepiava.

Então, os sons desceram a profundezas amedrontadoras; assobios e estalar de dedos tornavam a tensão intolerável.

Sentiu-se hipnotizado pelos movimentos de pesadelo daqueles corpos, seus braços rodopiando, lançando sombras mágicas, ao mesmo tempo em que centenas de vozes cortavam a escuridão da noite, atingindo o coração dos que ouviam.

Quando, finalmente, tudo terminou, os homens caíram num estado de exaustão parecido com o dos cavaleiros, depois de uma longa corrida.

O conde estava fisicamente cansado, também; mas, mentalmente, satisfeitiíssimo, como nunca se sentira em toda sua vida.

Parecia ter sido elevado a alturas que nem conhecia e depois voltado à terra, e tinha certeza de que Roxana sentia a mesma coisa.

Por alguns minutos, não conseguiram se mover. Ficaram ali, sentados, respirando, como se tivessem atravessado uma tempestade violenta em alto-mar, e sobrevivido.

Então, Ponok ergueu-se e o conde estendeu a mão para ajudar Roxana.

Ao tocá-la, sentiu que fagulhas percorriam todo o seu corpo, unindo-o ao dela, em uma só chama.

Seus olhos se encontraram e ela disse, com voz quase imperceptível:

— Você... entendeu?

Ele fez que sim. Parecia ter perdido a fala.

De mãos dadas, seguiram Ponok, em silêncio, através da multidão que se dispersava na escuridão.

Era como se não tivessem nenhuma substância e se misturassem a própria floresta.

Caminharam algum tempo, antes do conde dizer:

— Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, e ouvido com meus próprios ouvidos, nunca acreditaria que isso fosse possível!

— Sabia que ia dizer isso.

Os dedos dele apertaram os dela e o conde perguntou:

— Por que me levou lá, se sabia que eu me sentiria assim?

— Não sei.

— Como sabia que aquilo teria este efeito sobre mim?

— Eu sabia, só isso — ela disse, com simplicidade.

— Nunca me aconteceu nada parecido. Agora, você abriu uma porta, Roxana, e acho que será difícil fechá-la.

— Quer que ela se feche?

— Não! Ao mesmo tempo, significa que terei que me adaptar.

— Acho que a palavra deve ser... desenvolver — ela respondeu.

— Sim, claro,

Caminharam em silêncio. Enquanto andavam, Viktor notou que conversavam um com o outro, sem necessidade de palavras, dizendo coisas que ele nunca havia dito nem a si mesmo, quanto mais a outra pessoa.

Quando saíram da floresta, as estrelas e a lua brilhavam sobre os campos de arroz.

Um pouco triste e cheio de vibrações que nunca tinha sentido, o conde achou que havia entrado em um outro mundo. Um lugar encantado e de uma beleza que as palavras não conseguiam descrever.

Apareceram luzes ao longe, mais brilhantes do que as dos lampiões das casas.

— O que está acontecendo lá? — ele perguntou.

— Acho que é uma festa. Cada vilarejo tem coisas especiais para comemorar, há danças e oferendas aos deuses, principalmente por ocasião de casamentos.

O conde parou, e perguntou:

— Podemos ir lá, ver?

Não desejava apenas ver o que estava acontecendo, mas temia que a noite chegasse ao fim, logo que estivessem na casa de Roxana e ela precisasse deixá-lo.

Falou com Ponok e o homem pareceu pensar durante um momento, considerando se seriam bem-vindos em um vilarejo desconhecido.

Então, decidiu que podiam ir. Roxana pegou a mão do conde e caminharam em direção às luzes.

Andaram pouco tempo. A entrada do local estava enfeitada com folhagens e flores. Ao chegarem, viram que a rua principal estava cheia de oferendas que as mulheres traziam na cabeça.

Tudo ali era de um colorido vivo. Além das estátuas de madeira, havia ainda alimentos e frutas.

Cuias de arroz e sal eram passadas pelo feiticeiro. Havia tartaruga do mar com coco ralado, churrasco de carne de porco e galinhas que, ali, se chamavam “pássaros de corrida”.

Tudo era muito simples e bonito. Os habitantes do vilarejo sentavam-se em círculo, observando uma garotinha de uns doze anos, vestida com algodão cru e usando uma tiara de flores.

Os músicos tocavam e ela se movimentava para frente e para trás, em uma estranha dança, sem nenhuma expressão no rosto.

Mexia o queixo da direita para a esquerda e revirava os olhos, com rapidez extraordinária.

O conde e Roxana observaram durante algum tempo, Sem falar, com medo de perturbar os espectadores, ela puxou-o para um portão e saíram na noite escura.

— Gostaria de ficar até o fim — ele disse, parecendo ressentido.

— Aquilo é o *lelong* e pode durar até mais de cinco horas.

— Cinco horas!

Riu de sua surpresa.

— Nunca há pressa, aqui em Bali.

— Mas você está me apressando para eu ir para casa — reclamou.

— Estou pensando em Ponok. Os balineses odeiam a escuridão. Se ele estivesse sozinho, cantaria e gritaria o mais alto que pudesse.

O conde sorriu.

— Sei por quê: para afastar os maus espíritos!

— Está começando a aprender. A escuridão está cheia de coisas desconhecidas; por isso, adoram a luz do sol. Não gostam de encontrar os *leyaks*, que só saem à noite.

Caminharam juntos, de mãos dadas, e logo chegaram ao vilarejo de Roxana.

Ele havia deixado seu cavalo no pátio da casa dela. Tudo ali estava escuro, a não ser uma pequenina lâmpada, que devia ser de Geertruida, aguardando a volta de ambos.

Do lado de fora do portão, Ponok parou. Roxana agradeceu e ele se afastou.

Enquanto ia embora, a moça fez menção de entrar. Mas Viktor puxou-a para um lado, debaixo de grandes árvores, onde o ar cheirava a jasmim.

Quando o som dos passos de Ponok se perdeu na distância, tudo ficou em silêncio. O luar iluminava o rosto de Roxana e ela se aproximou do conde, curiosa.

— O que foi? — perguntou, como se ele tivesse algo especial para lhe dizer.

— Quero lhe agradecer por esta noite encantada.

— Foi mesmo encantada?

— Esta não é a palavra certa, mas não encontro nada melhor para definir o que

você acabou de me dar.

— Estou contente que tenha gostado.

O conde sorriu.

— Gostar também não é bem a palavra... mas acho que serve.

Roxana esperou.

Ainda segurava a mão dela e a moça esperava, sentindo a tensão aumentar.

Ele colocou os braços em volta dela e puxou-a para si.

— Não posso agradecer com palavras. Por isso, farei de outro modo.

Roxana não tentou resistir. Seus lábios se encontraram e ele a abraçou mais forte.

Durante um momento, o beijo foi gentil, quase tão calmo como a beleza mágica dos campos de arroz. Então, a suavidade dos lábios dela e um sentimento de intensidade espiritual, que ele nunca tinha conhecido, tornaram o beijo mais insistente, exigente.

Não era apenas uma paixão física que despertava, mas algo mais profundo.

Parecia parte da emoção provocada pela dança e parte vinda de uma força secreta que estava nele, apesar de nunca a ter sentido antes.

Queria Roxana, do mesmo modo que um homem deseja algo divino. Todo seu ser ansiava por ela. Enquanto a segurava nos braços, sentiu que ela era parte de si mesmo, que ambos eram indivisíveis.

Para Roxana, o conde parecia ser o luar, as estrelas, a terra que ela amava e aquele povo que tinha conquistado seu coração. Era como se voltasse para casa e encontrasse o passado e o futuro juntos, transformados em presente muito vivo, vibrante. Tanto, que a emoção do amor já não precisava mais explicações.

No momento em que o conde a beijou, soube que toda magia de Bali estava naquele beijo. Todos os mistérios que haviam observado juntos os levaram ao ponto de sentirem que já se conheciam há muito tempo.

Quando, finalmente, Viktor ergueu a cabeça, para olhá-la, ela o viu rodeado por uma luz, a mesma luz que a guiava, quando esculpia, e aparecia também em seus sonhos.

— Eu o amo!

Aquelas palavras davam a impressão de já terem sido ditas ao conde muitas e muitas vezes, mas agora parecia que ele as ouvia pela primeira vez.

— Como pude vir encontrá-la aqui? Com tantos lugares...

— Estive... esperando por você — murmurou Roxana — e não importa onde

estamos. Mas acho que aqui é um lugar perfeito para nosso encontro.

— Claro — ele respondeu. — A “Ilha do Paraíso”, a “Ilha dos Deuses”.

— Eles nos abençoaram e, esta noite, acredito que o *ketjak* tenha afastado o mal.

— Vou protegê-la de tudo — ele respondeu, não pensando em demônios, e sim no governador.

Beijou-a novamente e o tempo pareceu parar.

Podia ter passado uma hora ou um século, antes que um cão latisse no vilarejo e os trouxesse de volta à realidade.

— Eu... preciso ir!

A voz de Roxana soava como música.

— Minha querida, minha querida! Como eu podia saber que existia alguém no mundo, como você?

Afastou-lhe os cabelos da testa e, olhando-a nos olhos, disse;

— Vá, minha querida. Virei vê-la amanhã, mas não sei a que horas.

— Estarei esperando... você sabe.

Então, ela compreendeu que não conseguiriam se despedir diante do garoto que trazia o cavalo dele. Escapou de seus braços e, de repente, ele ficou sozinho.

Esperou alguns momentos, sentindo que o coração ainda batia de modo estranho, diferente de quando havia amado outras mulheres.

— Isto é o amor — disse a si mesmo — e nunca sonhei que ele existisse realmente.

Um amor que não podia ser comparado com o desejo ou atração, as sensações que o haviam prendido por pouco tempo a algumas mulheres.

Sentia-se como um peregrino caminhando em direção ao verdadeiro amor. Mas o caminho tinha muitas ramificações e, só agora, parecia ter encontrado a direção certa.

Lembrou-se de seu passado e lamentou ter perdido tanto tempo com mulheres que o magoaram e iludiram em sua busca da perfeição.

Pensou em Luise van Heydberg e sentiu-se envergonhado. Como pôde ser tão tolo, a ponto de se envolver com ela? Por um momento, lembrando os sentimentos de Roxana, ficou com medo. Medo de ser punido pelos pecados que cometera no passado. Medo de perdê-la, pois esta era a punição que merecia.

A luta entre o bem e o mal, que assistira no *ketjak*, ainda estava em sua mente. Depressa, caminhou em direção às casinhas de bambu, mas não viu sinal de

Roxana. Só encontrou o garoto e o cavalo, que o esperavam.

Deu ao menino uma moeda e este o olhou, espantado. Sem falar, o conde montou e foi embora.

Lá fora, olhou a árvore, sob a qual havia beijado Roxana, e pensou que a magia ainda estava ali, quase como uma luz fantástica, iluminando as sombras.

Então, consciente da alegria de seu coração, passou pelo vilarejo adormecido e foi em direção ao Palácio do Governo.

Roxana acordou na manhã seguinte sentindo uma enorme felicidade e achando que o sol estava mais brilhante do que nunca.

Como era possível alguém se apaixonar tão rapidamente, tão completamente?

Sempre achou que um dia iria encontrar um homem que a amasse e iria amá-lo também, como nas histórias de fadas, que lia quando criança. E ambos seriam felizes para sempre.

Mas, como podia imaginar que o encontraria em Bali e que seria um holandês?

Detestava tanto os holandeses, desde que fora para lá com o tio e a tia, que achava impossível encontrar um amigo entre eles.

Seu preconceito se devia ao modo do tio encará-los, quando morava na Holanda, e aos problemas que lhe causaram depois de chegar a Bali.

Odiava o esnobismo deles e um dia jurou a si mesma que nunca iria usar sua posição social para ter maior contato com eles.

Na verdade, como dissera ao conde, só queria que a ignorassem e a deixassem em paz.

Ser recebida em festas, por causa dos seus antepassados, era algo que achava intolerável; uma espécie de insulto, principalmente quando os holandeses estavam envolvidos.

Mas, agora, inexplicavelmente, estava apaixonada por um deles. E, até onde podia perceber, suas nacionalidades não tinham mais nenhuma importância.

— Eu amo Viktor — disse olhando para o sol —, eu o amo tanto que minha mente e meu corpo estão voltados inteiramente para ele!

Só desejava que as horas passassem rapidamente, para poder estar outra vez com ele. Levantou-se, achando que estariam mais próximos um do outro, se ela fosse logo trabalhar no estúdio.

Viktor compreendia, sabia o que ela estava tentando retratar com suas esculturas. Tinha certeza de que, na noite passada, quando a beijou, suas emoções

tinham sido as mesmas. O *ketjak* os havia aproximado muito.

Ainda sentia os lábios dele nos dela. Tentou reviver o êxtase e a chama que percorreram seu corpo, como que elevando-a até o céu.

— Nada mais tem importância — disse.

E, de repente, lembrou-se de Karel. Por um momento, sentiu como se um vento frio passasse por perto. Será que Viktor compreenderia? Será que estava preparado para desobedecer as leis holandesas e ajudá-la a tirar Karel do país? Não seria fácil, pensou. Mas, certamente, não era impossível,

Assim que ele chegasse, ia lhe contar tudo. Tinha certeza de que a compreenderia.

Depois de se vestir, estava saindo do quarto, quando Geertruida entrou, com o copo de suco de frutas que sempre lhe trazia de manhã.

— Já está de pé? Por que tanta pressa?

Com os olhos brilhando, ela disse:

— Oh, Geertruida, que manhã maravilhosa!

A criada olhou-a, desconfiada. Depois, perguntou, em voz áspera:

— O que aconteceu?

— Estou apaixonada! O amor mais perfeito, maravilhoso e completo que já imaginei!

Os lábios de Geertruida se estreitaram.

— Ele a pediu em casamento?

— Não deu tempo de conversarmos. Ele vai voltar aqui hoje e, então, as coisas serão muito simples. Vou lhe dizer tudo sobre Karel e ele nos levará de volta para a Holanda... para a Inglaterra... não importa, desde que possamos ficar juntos.

— Como tem tanta certeza de que ele fará isso?

— Sei tudo sobre ele. Sentimos a mesma coisa, pensamos do mesmo modo, somos um só!

Geertruida colocou o suco de frutas sobre a mesa. Seu rosto estava sombrio, mas não disse nada. Pegou a camisola de Roxana, que estava no chão, e começou a arrumar a cama.

Depois de algum tempo, a moça deu um longo suspiro.

— Estou tão feliz, Geertruida, sinto-me como um pássaro voando sobre as árvores. Ou uma borboleta voando sobre as flores. Nunca me senti tão feliz em toda minha vida!

— Mas precisa ter certeza!

- Certeza de quê?
- Certeza de que o conde compreenderá, quando lhe contar sobre Karel.
- Sei que ele compreenderá.
- E se não compreender? E se ele o levar para um orfanato?
- Como pode pensar que faria isso? Como ele poderia trair o nosso amor?
- Não estou dizendo que isso acontecerá, estou só pedindo que se certifique.

Fez uma pausa, antes de dizer:

— Já tem idade suficiente para decidir o que quer para a sua vida, mas Karel é indefeso, Não há ninguém que possa cuidar dele, a não ser você e eu, srta. Roxana.

— Terei certeza, antes de contar ao conde onde Karel está. Ele me pediu que confiasse nele, e confio. Hoje, quando ele chegar, confiarei completamente, e lhe contarei tudo como pretendo fazer o resto de minha vida.

Enquanto falava, saiu do quarto, em direção ao estúdio. Geertruida cruzou as mãos e começou a rezar.

— Oh, Deus — disse baixinho, em tom angustiado —, por que, entre tantas pessoas, tinha que ser o conde van Haan.

Capítulo V

Roxana trabalhou durante toda a manhã, e nem sinal de Viktor.

Geertruida preparou uma refeição leve e, ao meio-dia, com o calor, enquanto todos repousavam, Roxana voltou aos seus entalhes.

Percebeu, pela primeira vez, que não conseguia se concentrar, como sempre fazia.

Na verdade, todos os seus nervos estavam alertas, esperando pelo barulho de um cavalo que se aproximasse, tentando ouvir os passos do conde, atravessando o pátio.

Ao mesmo tempo, sabia que nunca tinha trabalhado tão bem, pois todas as marcas do cinzel, agora, eram feitas com amor.

Durante um longo tempo, olhou a madeira onde havia visto as duas figuras se abraçando.

Era assim que ela e o conde tinham ficado na noite passada, um nos braços do outro, seus lábios unidos, seus corpos bem próximos e suas mentes iluminadas por uma estranha luz.

Como poderia saber que o amor era tão lindo? pensou Roxana. No entanto, sentia que sempre soubera. Talvez, o conde a tivesse amado em uma outra vida. Refletiu que desde que tinha chegado a Bali, sentira que os deuses abençoavam o povo. Não seriam eles o mesmo Deus dos cristãos, o Alá dos maometanos ou o Buda dos budistas?

Como parecia idiota, pensava sempre, que homens como seu tio, movidos por um desejo fanático de propagar a fé, tentassem arrancar daquele povo, todo o profundo sentimento religioso que lhes havia sido transmitido, geração após geração!

Todas as religiões que lutam contra o mal devem ser boas e o que conta é o modo de vida das pessoas, o modo como agem, e não seus credos ou as orações que seus lábios murmuram.

Roxana sentia que tudo nos balineses era um exemplo vivo de como uma religião devia ser praticada, desde a união da vida familiar até a gentileza que demonstravam uns com os outros, com as crianças e os velhos.

Eram muito mais religiosos do que os holandeses com suas barreiras sociais, sua intolerância para com todos que não seguissem suas regras e não pensassem como eles.

Com certeza, os holandeses não tinham aprendido o segredo de uma vida harmoniosa.

Durante os dois anos que vivera em Bali, nunca tinha visto uma briga entre adultos ou crianças. Os habitantes dos vilarejos cuidavam uns dos outros, principalmente dos doentes ou dos que tinham problemas, de um modo que nunca tinha visto, na Inglaterra ou na Holanda.

Aquele dia, por estar tão contente, Roxana não queria criticar os holandeses, que haviam ignorado seu tio. Nem pensar em Patrick Grenton, que a fizera sair da Inglaterra.

— Por causa do conde, eu amo o mundo inteiro! — disse, baixinho.

E seu coração deu um pulo, pois ouviu alguém entrando no pátio.

Estava tão excitada com a idéia de vê-lo novamente, que sentiu-se um pouco envergonhada ao, involuntariamente, lembrar do beijo. Não correu ao seu encontro, como desejava fazer.

Permaneceu de costas para a entrada, trabalhando na escultura.

De repente, ouviu, não a voz dele, mas outra, que lhe dava muito medo:

— Achei que estaria trabalhando, enquanto todos dormem.

Olhou para cima e viu o governador, seu rosto avermelhado e gordo se aproximando. Sentiu-se tão surpresa que não conseguiu se mexer.

— Quero falar com você, Roxana.

— Sobre o quê?

— Em primeiro lugar, sobre o seu pedido para ficar em Bali.

Estava tentando amedrontá-la. Mas, como já sabia tudo que ele ia dizer, não sentiu mais medo.

— Seu visitante, o conde van Haan, acha que o meu trabalho é importante — disse, em voz baixa, sem olhá-lo.

— Esta decisão não depende da opinião do conde. Sei que ele não ficará aqui muito tempo. A decisão depende só de mim!

— Então, só posso pedir que Vossa Excelência seja generoso.

— Isso, eu lhe digo, é o que desejo. Mas, como qualquer pessoa, tenho o meu preço.

Houve um momento de silêncio. Então, Roxana falou:

— Já lhe disse que não pretendo trabalhar no seu escritório. Quero continuar com minhas esculturas e preciso de todo o tempo de que possa dispor.

— Acho isso muito bom e tenho outra sugestão a fazer.

Apesar das palavras parecerem gentis, escondiam segundas intenções. Roxana esperou, sabendo qual seria a sugestão.

— Não acho certo que viva aqui, sozinha, com uma criada. Já lhe disse isso antes, mas não quis me ouvir. Agora, vários dos meus ministros me informaram de que algo precisa ser feito com você.

— Sou inglesa e não sei por que os seus ministros iriam se preocupar comigo!

— Roxana disse, desafiadora.

— Eu me preocupo.

Sabia que a sugestão só iria favorecer os desejos pessoais dele, os quais desprezava.

— Acho que o pior de tudo — o governador continuou —, é que viva em algo que não passa de um *bale* nativo.

— Foi um lugar bom para o meu tio e minha tia, quando chegaram aqui.

— Pieter Helderik era um missionário. Mas você, Roxana, é muito diferente.

— Sou um ser humano comum e me sinto feliz aqui.

— Estou preparado para lhe oferecer uma casa adequada. Está vazia, no momento, porque um dos meus oficiais, que há três anos veio para cá, teve que regressar à Holanda.

Roxana não falou. Achava que conhecia o homem a quem ele se referia.

— É uma ótima casa, com todo conforto ocidental, ao contrário do que tem aqui.

Fez uma pausa e continuou:

— Faz parte do conjunto de casas governamentais.

Havia algo em seu tom de voz que era impossível deixar de entender. De repente, Roxana sentiu uma vontade imensa de desafiá-lo. Levantou-se e disse:

— Isso é muito importante? — perguntou, erguendo o queixo, enquanto

encarava o governador.

— É importante para mim! — respondeu o governador.

— Acho que não entendi o que Vossa Excelência está propondo. Já lhe disse que não tenho tempo de trabalhar para o senhor.

— Sabe muito bem o que estou tentando dizer. Eu a quero, Roxana, e, por Deus, pretendo tê-la de qualquer modo!

Ela nem piscou, apesar de ter a sensação de estar encarando um animal selvagem.

— Posso lhe dar tudo o que quiser — ele disse. — Não apenas uma casa, mas dinheiro, jóias. É só pedir.

— Acha mesmo que eu me degradaria, assumindo esta posição na sua vida, ou na de qualquer outro homem?

— Qual a alternativa? Continuar vivendo como uma camponesa? Ser isolada por toda uma sociedade?

— Está sugerindo que irão me aceitar se me tornar... sua amante?

— Então, não precisará de mais ninguém. Só de mim!

— Deve estar louco para pensar assim. Pensar que eu o quero e que pode significar alguma coisa em minha vida! Considero a sugestão que me fez um grande insulto. Peço que saia da minha casa!

— Não devia me tratar assim. Se não conseguir o que quero, por sua livre e espontânea vontade, conseguirei de outro modo.

— Está me ameaçando e não gosto disso.

— Pelo amor de Deus, por que estamos discutindo? — o governador perguntou, áspero. — Não tenho nenhuma vontade de ameaçá-la. Estou lhe oferecendo tudo que qualquer outra mulher acharia desejável.

— Não está me oferecendo nada! E só lhe peço um favor: deixe-me sozinha!

— Basta eu dizer uma palavra e você partirá da ilha!

— Aí, então, não precisarei mais ouvir seus insultos! — gritou Roxana.

Ela o encarou, desafiadora, e viu que o rosto dele se enchia de ódio.

— Não fale assim comigo! — gritou.

Deu um passo na direção dela e, como Roxana pensasse que ele queria tomá-la nos braços, lhe apontou o cinzel, ameaçadora.

Era um instrumento fino, pontudo, que usava nos trabalhos mais detalhados. E tão perigoso como um punhal.

O governador chegou mais perto, mas não a tocou.

— Poderia mesmo me ferir? — perguntou, entre dentes.

— Se me tocar, pode apostar que não hesitarei!

— E sabe o que lhe aconteceria depois? — ele perguntou, após um momento de silêncio.

— Tenho certeza de que iria me condenar a uma boa punição.

— Nossas prisões não são confortáveis.

— Acredito.

— E quando sua pena de prisão terminasse, seria deportada.

Pela primeira vez, desde que desafiara o governador, Roxana pensou em Karel.

Tarde demais, compreendeu que devia ter agido com mais calma, ter tentado ganhar tempo.

Talvez, por estar tão desapontada por ele ter vindo, em vez do conde, não procurou conciliar as coisas, como havia feito no passado, e disse as primeiras frases que lhe vieram à cabeça.

Sentiu-se enfraquecer.

Um pouco da raiva desapareceu do rosto dele e o homem falou, em outro tom:

— Agora, está voltando ao normal! Escolha entre a prisão, Roxana, e uma vida muito agradável na casa que escolhi para você.

— É impossível. Completamente impossível! — respondeu, achando que não podia deixá-lo pensar que concordava.

Baixou a mão que segurava o cinzel.

— Não o atacarei, mas ainda tenho a liberdade de recusar o que está me oferecendo.

— E pretende continuar vivendo aqui, sem se importar com o que penso?

— Sim.

— Então, deixe-me esclarecer algo: não vou permitir isso. Eu a quero, Roxana, e você brincou comigo durante um longo tempo! Mandarei criados com uma carruagem para levarem você e seus pertences amanhã de manhã. Se recusar, usarei a força.

A moça perdeu a calma.

— Como se atreve a me dar ordens, como se eu fosse sua escrava? Sou inglesa e, se tentar se comportar assim comigo, vou criar um caso internacional que o deixará profundamente arrependido.

— A quem apelará? — perguntou, com um sorriso desagradável nos lábios.

Ao cônsul britânico em Jacarta? Posso lhe assegurar que suas cartas nunca chegarão a ele. Ou prefere apelar ao governador da Malaia?

Estava tentando acuá-la. Mas, como um animal ameaçado, ela decidiu lutar.

— Não importa o que diga. Não precisa perder tempo, mandando a carruagem ou preparando uma casa onde não vou viver. Prefiro dormir ao relento do que lhe dever algum favor!

Quase cuspiu as palavras e seus olhos estavam tão furiosos que brilhavam mais do que nunca.

Inesperadamente, ele se aproximou e, antes que ela tivesse tempo de erguer o cinzel, abraçou-a.

Deu um grito. Estava com medo da força dele e sua proximidade era tão revoltante que sentiu-se prestes a desmaiar.

— Largue-me!

Os braços dele a apertaram mais e seus lábios procuraram os dela.

Roxana virou a cabeça, nervosa, de um lado para o outro. Estava quase sem fôlego, com o horror da cena, e não conseguiu gritar ou fazer nada. Tentou lutar, mas, presa nos braços dele, isso lhe parecia impossível.

De repente, uma voz disse, calmamente e em tom baixo, atrás deles:

— Então, está aqui, Excelência. Foi o que pensei, quando vi sua carruagem lá fora.

Para Roxana, parecia que um anjo havia descido do céu para salvá-la. Seu coração deu um pulso, não apenas por sentir-se segura, mas porque o conde estava ali.

Engolindo em seco, o governador largou-a e se afastou.

Viktor estava olhando-os, parado no pátio. O governador encarou-o, feroz, com o rosto muito vermelho. Viktor continuou calmo e, com a voz gentil que usava sempre nos mais importantes salões de festas, disse:

— A reunião que preparei para mim terminou mais cedo do que esperávamos. Como tenho muitas perguntas a lhe fazer, acho que poderemos voltar juntos.

Durante um momento, pareceu que o outro ia dar uma resposta rude e grosseira. Mas os modos calmos do conde o trouxeram ao normal e a disciplina de anos fez com que dominasse a raiva.

Foi como se, de repente, lembrasse da importância do visitante, seu parentesco com a rainha e sua própria posição.

Havia uma dúvida: estando ele de costas para o pátio, será que o conde tinha mesmo visto o que havia acontecido?

Fazendo um esforço enorme para se controlar, disse:

— Já que sugeri, podemos voltar juntos ao Palácio do Governo.

— Ótimo!

Enquanto o governador descia para o pátio, o conde agiu como se, só naquele momento, tivesse visto Roxana. Tirou o chapéu.

— Bom dia, srta. Barclay! Espero que seu trabalho esteja progredindo, apesar do calor.

Ela não conseguiu responder. Ficou ali, parada, olhando-o, expressando todo o alívio e o amor que sentia.

— Voltarei uma outra vez, para ver o andamento do seu trabalho — o conde continuou. — Agora, espero que compreenda que tenho negócios a tratar com Sua Excelência e por isso não posso ficar.

Por um segundo, seus olhos se encontraram e Roxana sentiu que ele a compreendia.

O conde virou-se e caminhou ao lado do governador, cruzando o pátio.

— Fiquei muito impressionado — Roxana ouviu-o dizendo —, com o progresso que trouxe à ilha, mas, pelo que ouvi esta manhã...

Os dois homens passaram pelo portão e Roxana não pôde mais escutar o que diziam. Só então sentou-se, como se suas pernas já não suportassem mais o peso do corpo.

Ele a salvara desta vez, mas sabia que o governador não ia desistir.

Disse a si mesma que tinha sido uma tola em desafiá-lo tão abertamente. Tudo porque estava amando, sentindo-se imune a tudo que fosse maldoso.

Foi até em casa e, aliviada, percebeu que Geertruida, entretida em preparar a refeição, não havia percebido nada.

Entrou no *bale* que servia de sala e logo a criada chegou, trazendo uma bandeja.

— Espero que goste do que preparei, senhorita. É uma receita diferente de galinha, que encontrei numa das velhas revistas que trouxe de minha casa, na Holanda.

— Tenho certeza de que está deliciosa! — respondeu, procurando parecer calma.

— Seria muito melhor, se tivéssemos uma boa e gorda galinha holandesa. As

daqui só têm ossos.

— Está ótima, para mim.

Geertruida colocou a bandeja sobre um dos baús, preparou a mesa e serviu.

— Agora, coma enquanto está quente.

Roxana tinha descoberto, há muito tempo, que não adiantava pedir a Geertruida que servisse comida fria nos dias de calor. Ela acreditava que o almoço devia ser sempre um prato quente e, Roxana sabia, iria manter esta rotina estando no Equador ou no Pólo Norte.

Desapontada, viu a moça se servir de uma pequenina porção de galinha.

Tinha estado tão nervosa que até um pouquinho de comida poderia engasgá-la. Mas conseguiu provar e dizer, sorrindo:

— Está deliciosa! Você é muito inteligente, Geertruida, e sempre consegue achar alguma novidade.

— Tudo é difícil, neste lugar. Sua tia sempre dizia que eu cozinhava com imaginação e é isso que sempre tento fazer.

Saiu e Roxana, imediatamente, tirou uma boa porção do prato e colocou novamente na travessa.

Como poderia comer, quando tinha que enfrentar tantas dificuldades? Quando sabia que, mesmo contando com a proteção do conde, o governador podia ser cada vez mais desagradável?

E ainda havia Karel, que precisava ser levado embora, em segurança. Pela primeira vez, imaginou se o conde não acharia aquele bebê um empecilho.

Ao pensar nisso, sentiu-se amedrontada. Decidiu ir até a floresta, ver se Karel estava bem. Queria apertá-lo nos braços. Talvez, a proximidade dele acabasse com grande parte de suas dúvidas.

Sem esperar que Geertruida voltasse, correu para a cozinha a fim de avisá-la:

— Vou ver Karel, não demoro. Se o conde voltar, por favor, peça que me espere.

Viu os lábios de Geertruida se estreitarem. A empregada não gostava do conde. Mas, o que ele tinha feito na Holanda não era da conta dela.

Mudará de idéia, quando o conhecer melhor, pensou Roxana.

Saiu, andando rapidamente em direção à floresta, esquecendo tudo e sentindo apenas a urgência de ver Karel. Como seria tudo mais fácil, se ao menos pudesse viver com elas! Mas era perigoso demais levá-lo para casa, onde o governador aparecia sempre, sem ser anunciado.

O que Viktor ia dizer, imaginou pela milésima vez, quando lhe perguntasse se podiam levar Karel, ao partirem da ilha?

Então, pareceu ouvir Geertruida perguntando se Viktor a pedira em casamento.

Apressou o passo, a caminho da casa de Ida Anak Temu.

Como esperava, o mestre estava sentado no pátio, rodeado de aprendizes, cada um com seu bloco de madeira, trabalhando com a competência e seriedade dos entalhadores balineses.

Quando pedira a Ida que lhe desse aulas, ele lhe dissera que, quando um homem entalha, sua alma está dentro da madeira e não precisa de nenhum modelo.

Naquele momento, o professor estava trabalhando em uma máscara.

Ele era um velho bonito, com seu boné de *batik* colocado em um ângulo todo especial, deixando ver os cabelos grisalhos. Quando Roxana apareceu, olhou-a, curioso e sorridente.

Tinha a boca escurecida com bétel, como todos os que trabalhavam com esta substância, mas seu sorriso foi gentil e acolhedor.

Roxana agradeceu, procurando parecer calma, pois, em Bali, era grosseria ter pressa. Admirou a máscara que ele estava entalhando em uma madeira chamada *pule*.

Perguntou sobre sua saúde, sobre a esposa e os filhos menores e, então, passou para o *bale*, à sombra de grandes árvores, onde sabia que Karel costumava brincar com os outros garotinhos.

Quando o encontrou, ele estava dormindo, deitado sob um arbusto, nu, parecendo um anjinho. Pensou em como era bonito e meigo. Ajoelhou-se a seu lado, observando os cabelos loiros e o rosto rosado.

Não resistiu: tocou-o, pegando-o gentilmente no colo. Sentou-se com as pernas cruzadas, como as mulheres balinesas costumavam fazer, e apertou-o contra o peito.

Ele se espreguiçou, pôs um dedo na boca e dormiu novamente.

Havia algo de confortante no contato com aquela criança que fez Roxana ter vontade de chorar.

Precisava protegê-lo. Tinha que cuidar dele e levá-lo para a Inglaterra. Há muito havia escolhido quem poderia adotá-lo. Sua mãe e a tia Agnes tinham mais uma irmã, muito jovem, que não podia ter filhos. Um grave acidente durante uma caçada, logo depois do casamento, tirara toda a possibilidade de ser mãe.

Felizmente, havia casado com um homem compreensivo, que a amava muito e não deixara que isto perturbasse o casamento.

Roxana tinha certeza de que tia Nancy ficaria muito feliz em criar o sobrinho e o amaria como se fosse sua própria mãe.

Mas a Inglaterra era muito longe e ali estavam eles, em um mundo estranho, com exceção daquela família balinesa que abrigava Karel e, no momento, naturalmente, o conde.

Viktor compreenderá, sei que compreenderá, pensava Roxana. Entretanto, algumas dúvidas penetravam em sua mente. Se estivesse querendo se casar com ela, apesar de ainda não ter dito, será que estaria preparado também para desafiar as leis do seu próprio país e tirar, às escondidas, um órfão de Bali?

A dúvida era terrível. Apesar de todas as decisões de ignorá-la, uma outra tinha de ser encarada: e se, como o governador, ele não quisesse se casar? Afinal, não tinha motivos para ter certeza de que ele a achava tão importante.

Roxana tinha vivido longo tempo em Amsterdam e sabia que o protocolo social era algo quase sagrado entre os membros da Corte e entre os burgueses holandeses e suas esposas.

O conde estava no topo da pirâmide, que subia mais e mais alto, até chegar à rainha.

Podia esperar que ele, um parente da rainha, tão rico, tão cobiçado, estivesse preparado para se casar com uma garota que não conhecia? Afinal, ele só sabia que ela pertencia à família de um missionário!

Sentiu um calafrio na espinha.

Ao mesmo tempo, seu orgulho a fez jurar a si mesma que não lhe diria nada sobre seus pais, até que ele a aceitasse.

Encostou-se a uma árvore e acomodou Karel, procurando fazer com que a paz da floresta o acalmasse também.

As crianças, em suas brincadeiras, se afastaram. Algumas dormiam, pelo chão, seus corpos nus recostados em árvores, parecendo bonequinhos dourados.

Não havia crianças mais lindas do que as de Bali, mas era impossível deixar de ver a diferença entre elas e Karel. Não estava apenas na cor, mas na força de seus corpos.

Entretanto, Karel já parecia ter ombros largos e um tronco bem formado. Roxana sabia que ele iria se parecer com o pai, um homem alto e muito bonito.

Tentou imaginar como seriam seus próprios filhos com o conde, e sentiu uma

onda de calor percorrer seu corpo, como um forte raio de sol. Achou que, um dia, estaria segurando seu próprio filho nos braços.

Devia ter adormecido, pois sonhou, não apenas com o conde, mas também com seus filhos. Quando abriu os olhos e o viu ali, achou que ainda estava dormindo.

Fechou-os novamente e sua mente parecia lhe dizer que continuasse a dormir.

— De quem é esta criança?

A voz dele, áspera, pareceu quebrar o silêncio da floresta.

Roxana só conseguiu olhá-lo, não achando palavras para responder. Seu tom de voz amedrontou-a e, de repente, em pânico, sem ter plena consciência do que dizia, respondeu:

— É minha! Minha!

Enquanto falava, apertava Karel nos braços. Ele acordou e tentou se libertar do abraço.

Houve um silêncio e o conde observou o rosto dela e o do menino. Então, ainda com uma voz que lhe dava medo, perguntou:

— E quem é o pai?

Novamente, sem pensar, movida apenas pelo terror que não conseguia controlar, Roxana disse:

— Eu... não... sei!

Viu a suspeita dele se transformar em desgosto. Virou-se e se afastou. Caminhava pesadamente, com dificuldade.

Partiu.

Por um momento, Roxana não conseguiu acreditar que tudo aquilo tinha realmente acontecido: que ele a encontrara, lhe fizera duas perguntas e, porque não se atrevera a responder com a verdade, seu mundo, agora, desabava aos pedaços.

Sentiu-se como se mergulhasse numa escuridão profunda.

A dor era tão insuportável que, durante um longo tempo, ficou com os olhos fechados, sabendo que Karel havia descido para o chão, sentindo-se sozinha... completamente sozinha.

Finalmente, percebeu que precisava fazer alguma coisa.

Levantou-se e, de repente, sentiu-se muito velha.

Devagar, caminhou até o *bale* onde Ida Anak Temu ainda trabalhava.

— Quero falar com você, em particular.

Era difícil, para ela, encontrar as palavras certas em balinês, mas ele

compreendeu. Levantou-se e acompanhou-a.

— Ajude-me, por favor, ajude-me — ela implorou.

Ida a olhou demoradamente. Apesar de não dizer nada, Roxana sentiu que ele a compreendia.

— Preciso fugir. Se ficar, mesmo que não encontrem Karel, podem me mandar para a prisão.

Ida Anak Temu fez que sim com a cabeça, como se não precisasse de mais explicações; como se já soubesse que podia esperar tudo dos holandeses.

— Onde posso ir? Diga-me! Onde posso ficar, para que o governador não me encontre?

Hesitou um momento, depois prosseguiu:

— Preciso levar Karel comigo. Sua Excelência sabe que sou sua aluna. Se eu desaparecer, ele pode descarregar a raiva em você.

Pouca coisa acontecia em Bali que todos não ficassem sabendo, mesmo os que moravam na floresta.

Não era segredo para ninguém que o governador a estava perseguindo.

— Onde posso ir?

Ida Anak Temu pensou um momento e, depois, disse apenas uma palavra:

— Badung.

Roxana o olhou, ansiosa:

— No sul de Bali? Como posso chegar até lá?

Os holandeses tentavam evitar que os moradores do norte cruzassem a fronteira para o sul, uma região independente e sobre a qual não tinham nenhuma autoridade.

— Há um caminho — Ida respondeu.

— Pode me mostrar? Pode me dizer como encontrá-lo?

O homem ficou em silêncio, concentrado, da mesma forma como se concentrava no trabalho. Depois, disse:

— Njoman vai levá-la.

Roxana sabia que Njoman era um dos filhos dele, um jovem forte, sempre preocupado em cortar madeira e trazê-la para o pai, para os irmãos e aprendizes.

— É muita gentileza sua. Quando podemos ir?

— Ao amanhecer.

— Estaremos prontos. Levarei Karel de volta comigo, agora.

Novamente, Ida Anak Temu fez que sim e Roxana procurou a criança, que

brincava com pedacinhos de madeira.

— Como posso agradecer sua gentileza? — perguntou, em voz baixa. O velho sorriu, um sorriso quente e encantador, apesar dos dentes escurecidos pelo bétel.

— Você tem olhos na alma — ele disse. — Alunos assim são raros!

Era um grande elogio, dito em balinês, e Roxana tomou as mãos dele.

— Vou lhe agradecer até o dia da minha morte. Quando eu partir, por favor, cuide das minhas esculturas.

Ele fez que sim e ela continuou:

— Tudo o que eu deixar, é seu. Tenho certeza de que poderei levar muito pouco.

Pela primeira vez, imaginou se iriam a pé. Como se adivinhasse seus pensamentos, o homem falou:

— Njoman levará a *gharry*, mas esteja pronta logo à primeira luz do amanhecer.

— Diga-lhe que estaremos esperando.

Enquanto falava, pegou Karel. Ele, feliz com as brincadeiras, esboçou um protesto.

Ida Anak Temu gritou:

— Soka!

E apareceu sua filha mais velha, vinda de um dos *bales*. Ida lhe deu instruções rápidas e ela voltou com um *sarong* em que envolveu Karel, cobrindo-o completamente, deixando apenas o rosto à mostra.

Roxana agradeceu. Soka cuidava de Karel, junto com seus filhos.

Queria lhe dar algo de presente e se lembrou do broche de pérolas: que usava no decote do vestido.

Não era valioso, mas, para Soka, era diferente de tudo que havia visto. Sentiu-se como se ganhasse uma pedra preciosa da coroa dourada da deusa do templo.

Agradeceu tanto que Roxana ficou embaraçada. Apressou-se, pois sabia que havia muito a fazer, quando chegasse em casa.

Pensou em voltar sozinha, mas Ida Anak Temu insistiu em mandar uma de suas netas com ela.

Era uma precaução, para o caso de algo lhe acontecer. Se alguém a encontrasse, fizesse perguntas sobre a criança que tinha nos braços ou lhe tomasse Karel, a menina voltaria imediatamente, para contar ao avô,

Não era apenas pela sua própria segurança, mas também por Njoman, caso

fosse apanhado com a *gharry* e acusado de estar levando fugitivos para o sul.

Há dois meses, Roxana tinha escondido Karel na floresta, após a morte do tio. Ele agora estava muito mais pesado e, antes de chegar em casa, seus braços já doíam.

Olhou atentamente o pátio, antes de entrar, para ver se o governador ou o conde a esperavam. Mas, do lado de fora, não havia nenhuma carruagem.

Geertruida veio correndo da cozinha e, espantada, viu o que Roxana trazia nos braços. Ela passou pela criada dizendo:

— Dê à garota alguns ovos e frutas e quando ela partir, tranque o portão!

— Trancar o portão?

Sabia que a ordem estava relacionada com Karel e fez o que Roxana mandou. Minutos depois, entrou na sala.

— O que aconteceu? Karel está doente? Por que o trouxe aqui?

— Vamos partir amanhã. Ao amanhecer.

— Para onde vamos?

— Para Badung, no sul.

Geertruida ficou atônita, enquanto Roxana explicava:

— O conde seguiu-me até a floresta. Você lhe disse onde eu tinha ido?

— Não. Claro que não! — respondeu, aborrecida. — Acha que eu faria algo tão tolo?

— Então, como ele descobriu o caminho?

Geertruida pensou por alguns momentos,

— Acho que ouvi um cavalo, logo depois que você partiu. Quando fui ver, já não havia mais nada.

— O conde deve ter vindo me ver — Roxana disse, quase como se falasse consigo mesma —, e perguntou por mim às crianças que brincam à beira da estrada. Elas lhe disseram para onde eu havia ido.

— Deve ter sido isso! É impossível guardar um segredo em Bali! Certamente, foi isso mesmo que aconteceu.

Lembrou-se de ter deixado escapar o nome de Ida Anak Temu ao conversar com Viktor. A partir daí, era fácil encontrá-la.

Qualquer um que encontrasse, na floresta, lhe indicaria a casa do mestre. Todos, em Bali, tinham muito orgulho do trabalho dele.

— Por que aquele louco tinha de ir lá nesta tarde?

Agora, sabia que não havia tempo para arrependimentos e recriminações.

Tinha perdido Viktor. Perdido todo o amor que ele lhe trouxera.

Só precisava se preocupar com uma coisa: a segurança de Karel.

Ao mesmo tempo, seu coração e sua alma choravam, porque aquele amor tão lindo não passou de um sonho rápido demais.

Mas ficariam as lembranças, durante os longos anos de solidão que teria a sua frente.

Capítulo VI

Enquanto o conde cavalgava pela floresta, sentia-se furioso. Na verdade, seu ódio era tanto que o corpo tremia inteiro.

Tinha acreditado em Roxana, na sua perfeição e pureza, e ficara acordado toda a noite, pensando nela.

Dissera a si mesmo que havia encontrado alguém tão especial, tão diferente, que podia até considerá-la como um presente dos deuses.

Ao entrar no pátio, viu que algo estava acontecendo entre ela e o governador. Seu primeiro impulso foi o de dizer ao homem o que pensava dele e atirá-lo ao chão.

Então, os anos de treinamento diplomático, a prática do autocontrole que já se tornara um instinto, fizeram com que compreendesse que, para a segurança de Roxana, a última coisa que devia fazer era uma cena.

Como ambos estavam na outra extremidade do estúdio, não conseguiu ver claramente. Por isso, não tinha certeza de nada, mas suspeitava de que o governador tentava beijá-la.

Manobrou a situação do modo que lhe pareceu melhor, fazendo com que Sua Excelência não pudesse ficar ofendido.

Pelo modo como o governador correu para a carruagem, percebeu que o aborrecera, mas logo depois de partirem, começaram a conversar.

Para ter certeza de que a situação não fosse usada contra ele, o homem falou:

— Acho, conde, que gostará de saber que resolvi o problema da srta. Barclay.

— Oh, como fez isso?

— Eu a convenci a sair deste lugar onde está vivendo e mudar para uma casa

excelente que, felizmente, está disponível.

— E ela concordou?

— Ela, é claro, adorou a idéia. Principalmente pelo fato da casa pertencer ao conjunto governamental. Isso terminará com os boatos que têm circulado sobre ela.

O conde não acreditou e esperou que o governador continuasse:

— Claro que você e eu, homens experientes, sabemos muito bem que a beleza da srta. Barclay provoca comentários desagradáveis, entre as senhoras.

Deu uma risadinha e prosseguiu:

— Entretanto, devo confessar que há razões para este tipo de antagonismo.

— O que quer dizer? — o conde perguntou, fazendo o possível para que sua voz soasse indiferente.

— Bem, naturalmente, há boatos de muitos amantes, todos eles, não preciso explicar, muito inconvenientes. Minha esposa me disse, antes de partir, que ouvira um boato sobre a srta. Barclay ter um filho.

Era difícil para Viktor resistir ao desejo de dar um murro no rosto daquele homem.

Como alguém se atrevia a dizer estas coisas sobre Roxana?

Estava preparado para achar que tudo era causado pelo ciúme das mulheres de uma pequena comunidade.

— Tenho certeza de que não pode ser verdade.

O governador deu de ombros.

— Com as inglesas, nunca se sabe. Parecem pessoas geladas, mas geralmente nos surpreendem.

Falou como se estivesse lembrando algo e o conde sentiu vontade novamente de bater nele. Mas, se fizesse isso, teria que deixar Bali, imediatamente.

Resolveu procurar Roxana e avisá-la para ter cuidado. Ao mesmo tempo, queria fazer os planos para o futuro de ambos.

O conde ainda não tinha decidido pedi-la em casamento.

Durante anos, havia sido perseguido por mulheres que queriam se casar com ele. Transformara-se em uma pessoa extremamente cautelosa.

Não era apenas sua mãe a pedir que se acomodasse, também os amigos lhe diziam que devia se tornar logo o chefe de uma família.

Havia também, naturalmente, a rainha.

— Precisa se casar, Viktor — ela tinha dito várias vezes, antes do incidente infeliz com Luise van Heydberg. — Sabe muito bem que causa uma influência

perturbadora na Corte. É muito bonito e atraente. Precisa de uma esposa.

— E acha que ela conseguirá me controlar? — perguntara, sorrindo.

— Precisa ser uma mulher corajosa, para tentar fazer isso — a rainha respondera. — Mas, pelo menos, você poderá mostrar ao mundo uma fachada mais respeitável.

O conde rira e, interiormente, decidira não deixar que ninguém o levasse ao altar. Não escolheria uma esposa, enquanto não tivesse certeza completa de que era exatamente a pessoa que queria.

Não sabia bem o que queria. No mundo em que vivia, casamento era uma coisa, e amor, outra.

A condessa van Haan, sua esposa, teria uma alta posição na Corte e todas as mulheres desejavam isso.

Na Holanda, todas as portas se abririam para ela, desde o palácio da rainha até os melhores lugares do teatro, da ópera e das corridas. Poderia freqüentar todos os divertimentos que quisesse.

Ela seria uma privilegiada, pois o conde sempre hospedava em seus castelos os visitantes estrangeiros. Teria que ser uma ótima anfitriã.

E mais: seria aceita pelos círculos sociais mais exclusivos de Paris e da Inglaterra, ou de qualquer país europeu que visitasse.

O conde não tinha nenhum desejo de se amarrar a uma esposa cujas qualificações fossem um nascimento em família importante, habilidade para receber visitas ou outras coisas superficiais.

Sempre diziam que ele era um anfitrião perfeito e a esposa teria que estar à sua altura.

O importante era: será que a acharia interessante, quando ficassem a sós?

Na noite anterior, admitira para si mesmo que estava apaixonado, de um modo surpreendente.

Será que, desta vez, com Roxana, seria diferente? Sabia a resposta, pois ela lhe trazia emoções que nunca sentira.

Tinha se tornado um homem cínico a respeito de mulheres, e perguntou a si mesmo se a magia dos beijos dela não se devia ao fato de estarem ainda envolvidos pelos estranhos sentimentos despertados pelo *ketjak*.

Sabia que Roxana também tinha sentido algo muito especial.

— Eu a amo! — disse para si mesmo.

Detestou o fato do governador lhe ter marcado uma série de reuniões antes do

almoço, com homens que, em outras ocasiões, acharia interessantes.

Após as reuniões, saiu correndo, achando que ali estava sua oportunidade de ver Roxana a sós.

Quando deu com a carruagem do governador, do lado de fora da casa dela, achou que o homem tinha ido até ali numa hora em que, dificilmente se visita as pessoas.

Agora, voltando com ele, decidiu que, se o governador estava disposto a enganá-lo, faria a mesma coisa.

— Tenho que escrever uma porção de relatórios esta tarde, Excelência. Portanto, peço que só me espere depois das cinco horas.

Enquanto falava, entraram pelos portões do palácio. Ao passarem, os guardas apresentaram armas.

Então, o governador apontou uma casinha próxima do palácio, rodeada de árvores, e disse:

— Aquela será a residência da srta. Barclay.

Havia um tom de satisfação em sua voz, de que o conde não gostou. Sem dúvida, tratava-se de uma casa muito bonita, com uma grande varanda e buganvílias floridas por toda parte.

Notou que a casa ficava, convenientemente, próxima ao palácio, separada dele apenas por uma cerca de arbustos, alta e espessa.

Precisava levar Roxana embora daquele lugar. Mas, para onde? E ela estaria preparada para viajarem juntos? Preciso pensar nisso com cuidado, refletiu.

Desejou ver Roxana na Holanda ou na Inglaterra. Queria vê-la em seu próprio ambiente, antes de tomar qualquer decisão sobre o casamento.

Gostaria de apresentá-la à sua mãe e a outros parentes.

Pensou nos *bales* cobertos de capim, onde ela se sentia à vontade, e comparou-os com sua imensa e imponente casa, em Amsterdam; o castelo no campo, que havia herdado dos antepassados; e o luxuoso apartamento de Paris.

Estavam sempre prontos para serem usados a qualquer momento. Possuía também um pavilhão de caça na Bavária, onde dava muitas festas memoráveis.

Como saber se Roxana gostaria daqueles lugares?

Como saber se o que sentia por ela não era apenas uma atração passageira? Como saber se ela, uma espécie de flor tropical, seria capaz de sobreviver em um clima frio e em ambientes mais austeros?

Queria logo testar seus sentimentos e vê-la o mais rápido possível.

Quando deixou o governador, foi para seus aposentos, numa ala afastada do palácio. Lá, chamou um criado e pediu um cavalo.

Montou e saiu pela mesma estrada que tinha percorrido naquele dia.

Ao chegar à casa de Roxana, deu uma olhada no estúdio e viu que ela não estava trabalhando.

Então, desmontou e chamou o garoto que segurara o animal, na noite anterior.

— A senhorita saiu! — o menino disse.

— Onde ela foi?

Por um momento, o garoto pareceu confuso. Então, sorrindo, como se acabasse de entender, apontou para o leste, na direção da floresta. Achou que Roxana tinha ido ver o professor.

Sem perder tempo, montou novamente e tomou a direção indicada. Pensou que seria interessante encontrar Ida Anak Temu, de cujo nome se lembrava, e comparar seus trabalhos com os da aluna.

Não foi difícil encontrar pessoas que lhe indicassem a casa do famoso escultor. Mas não conseguiu chegar até lá a cavalo.

Felizmente, encontrou um menino que cuidou do animal e continuou a pé, pelo caminho que Roxana percorria com tanta frequência.

Já tinha quase chegado ao *bale* de Ida Anak Temu, quando ouviu vozes de crianças. Logo encontrou um grupo de garotinhos brincando na floresta. Riam felizes e nus. Como Roxana, o conde lembrou-se de pequenos anjos.

Havia também crianças maiores, usando *sarongs*, mas não lhe prestaram nenhuma atenção. Caminhou mais um pouco, esperando encontrar a casa de Ida Anak Temu.

Foi então que viu Roxana dormindo debaixo de uma árvore. Era inacreditável, mas tinha nos braços um bebê louro e de pele branca.

Tudo que o governador havia dito lhe veio à mente. Foi um choque que o fez estremecer.

Então, era verdade: ela tinha um filho!

Não era tão pura e inocente como acreditara. Entretanto, ele parecia ter sido o primeiro homem que ela beijara.

Havia algo de tão inexperiente, tão maravilhoso, que ele tinha certeza: aquele era seu primeiro beijo.

Mas ela estava ali, segurando de modo protetor uma criança adormecida. Era evidente que os dois tinham uma ligação de sangue.

Ficou parado, olhando-a, observando os cílios escuros de encontro à pele clara, o dourado dos cabelos, os dedos finos segurando a criança. Então, Roxana abriu os olhos...

Enquanto ia embora, Viktor se acusava de ter sido um tolo, deixando-se enganar, como nunca acontecera antes.

As palavras de Roxana ecoavam em sua cabeça. O pior de tudo aquilo era a humilhação dela admitir que não sabia quem era o pai da criança..

O governador tinha falado de seus amantes. Um deles devia ter sido claro, de cabelos louros, provavelmente holandês.

Ele a odiava!

Com sua perfídia, havia destruído algo que ele achava tão lindo, glorioso; algo que perdera logo após ter encontrado e sabia que nunca encontraria novamente.

— Eu a odeio — disse muitas e muitas vezes, até que se encontrou novamente na rua cheia de árvores que levava ao palácio.

Mas só se lembrava da expressão espiritual dela, das coisas que tinham conversado, do fogo que os incendiara, quando se abraçaram.

No palácio, Viktor pediu *brandy* e bebeu de um modo que o criado o olhou, surpreso.

Sempre pensou que seu amo era abstinência; na verdade, não se lembrava de tê-lo visto bebendo, antes.

Por causa do rápido efeito do álcool, nunca conseguiu se lembrar do que aconteceu em seguida.

Encontrou-se conversando com pessoas que tinham ido vê-lo. Agüentou um longo jantar, com os mesmos convidados que já parecia ter encontrado uma dúzia de vezes, e conseguiu dar a impressão de estar se divertindo, rindo até das piadas do governador.

Quando, finalmente, foi para o quarto e ficou sozinho, resistiu ao impulso de ir até a casa de Roxana e tentar descobrir se tudo não passara de um engano.

Então, violentamente, disse a si mesmo que ela não o enganaria outra vez; que, entre os dois, estava tudo terminado.

Dormiu pouco e, de manhã, sentiu-se mal, devido aos muitos drinques da noite anterior.

— Pode começar a arrumar as malas — disse ao criado, enquanto se vestia. — Quanto mais cedo sairmos deste lugar, melhor!

— Para onde vamos, senhor?

— Cingapura, Índia... o que importa? — respondeu, irritado. — Já lhe disse para arrumar tudo! — completou, dirigindo-se para a sala do café

Como sempre, ia comer sozinho. Mas, naquela manhã, não conseguia nem agüentar a própria companhia. Queria dizer ao governador que estava partindo.

Pediu que lhe servissem o café na varanda.

O dia ainda estava fresco, àquela hora.

Quando saiu para a varanda, viu o governador sentado, de costas para a porta. A seu lado estava o oficial encarregado dos transportes.

— Leve duas carruagens. Vai precisar de uma para a bagagem e a criada da srta. Barclay — o governador estava dizendo.

Instintivamente, o conde ficou imóvel.

— Não aceito bobagens. Se ela não quiser vir, use a força. Discretamente, é claro. Não aceite os protestos dela. Entendeu?

— Sim, Excelência, entendi — disse o oficial.

Falou com voz insegura, como se achasse a tarefa difícil.

— Mais tarde, ainda hoje — o governador continuou —, pode voltar lá e trazer o resto das coisas dela: as esculturas, a mobília e tudo que ela tiver.

— Muito bem, Excelência.

— Mais uma coisa...

Mas o conde já não ouviu o que ele dizia.

Virou-se e saiu, tão silenciosamente quanto tinha entrado.

Ao ouvir o governador dizer para usar a força, entendeu que, mesmo sem saber o que sentia por Roxana, mesmo achando que ela o enganara, não podia deixar que fosse maltratada.

Voltou ao quarto e encontrou o criado arrumando as malas.

— Pegue o meu cavalo, depressa! — gritou. O homem saiu apressado.

Não tinha nenhum plano. Só sabia que a decisão do governador de usar seu poder sobre ela o enojava. Não a deixaria ser aprisionada naquela casa, a poucos passos do palácio.

Mesmo que já tivesse tido outros homens, o conde sabia que se sentia revoltada com os avanços do governador.

Ao chegar à casa de Roxana, estava suando.

Entrou no pátio e ficou atônito, ao ver uma carroça puxada por dois bois parada do lado de fora do estúdio. Dois homens traziam as esculturas para a carroça.

Desceu do cavalo e se aproximou deles.

— O que está acontecendo?

Continuaram acomodando as estátuas e o olharam, respeitosamente, demonstrando que não tinham compreendido.

— Onde está a srta. Barclay? — perguntou, sem saber se seria entendido.

O mais velho sorriu.

— Srta. Barclay... partiu!

— Para onde ela foi?

O homem sacudiu a cabeça. Depois de alguns segundos, como se tivesse encontrado a palavra, disse em holandês:

— Longe... foi para longe!

O conde deixou o cavalo solto e dirigiu-se ao *bale* que Roxana usava como sala de visitas.

Não havia ninguém lá. Atravessou o aposento em direção a outro, o quarto dela.

Estava vazio. A porta da cômoda, aberta, mostrava que tudo ali tinha sido retirado.

Olhou em volta e depois revistou toda a construção.

Não havia ninguém.

Voltou ao pátio e viu que a carroça estava cheia de estátuas.

Subiu ao estúdio e dirigiu-se à mesa onde ela guardava os pequenos entalhes que dava de presente.

Pensava na deusa de sândalo que ela lhe quis dar, dizendo que o protegeria.

Pegou-a, sentindo que devia ficar com ela. De repente, pensou, em pânico, que talvez aquilo fosse a única recordação que teria dela.

Voltou ao pátio e pegou o cavalo.

De nada adiantaria conversar com os balineses.

Dirigiu-se ao portão e, de repente, seu coração deu um pulo. Viu Ponok se aproximar, vindo do vilarejo.

Quando o balinês o levou para ver o *ketjak*, percebeu se tratar de um homem inteligente. Talvez entendesse o que queria perguntar.

— Onde está a srta. Barclay, Ponok?

O homem fez uma reverência e respondeu, educadamente, com a mesma calma dos homens do carro de bois.

— Partiu.

— Para onde? E por que tão depressa?

Viu que Ponok não compreendia, mas, percebendo seu estado de nervos, o balinês ergueu a mão:

— Espere aqui!

Falou em balinês. Mas, pelo gesto, o conde compreendeu.

Ponok correu de volta ao vilarejo.

Passaram-se alguns minutos e Viktor tentou raciocinar sobre os acontecimentos.

Teve certeza de que o governador e ele tinham feito Roxana fugir.

Para onde? Suspeitou de que estivesse na casa de Ida Anak Temu.

Decidiu que, assim que Ponok voltasse, a não ser que lhe dissesse algo importante, iria até a casa do escultor, perguntar o que estava acontecendo.

Então, quando já achava que o homem o havia esquecido, Ponok voltou, acompanhado de um velho, que andava com muita dificuldade.

O conde dirigiu o cavalo até eles. O velho disse em holandês, quase sem sotaque:

— *Guten morgan, Mijnheer*. Sou Kantor, o supervisor do vilarejo.

Viktor suspirou, aliviado.

Sabia que os holandeses tinham designado supervisores em todos os povoados. Ainda bem que eram homens que falavam sua língua.

— Sou o conde van Haan e estou visitando o governador. Marquei com a srta. Roxana Barclay para nos encontrarmos esta manhã, mas parece que ela partiu.

O supervisor teve uma longa conversa com Ponok. Para o conde, aquele diálogo estava demorando demais. Então, finalmente, Kantor falou:

— Ponok disse, senhor, que não quer causar problemas à srta. Barclay. Ela avisou-o de que o senhor era um amigo digno de confiança. Sentimos que podemos confiar no senhor.

— Prometo que não farei nada para magoar a senhorita.

O outro traduziu tudo para Ponok, que começou a falar rapidamente, acenando com a cabeça. Quando, finalmente, terminou, Kantor virou-se para o conde, que já não agüentava esperar mais.

— Onde ela está? O que aconteceu?

— Ponok disse que a srta. Barclay e a velha criada saíram ao amanhecer, em uma *gharry*. Ele as viu partir, mas não quiseram despedidas.

— Onde foram?

O supervisor deu uma olhada para Ponok e o conde viu que a resposta foi um movimento quase imperceptível, significando “não”.

— Escute — insistiu —, preciso saber o que aconteceu com a senhorita, porque tenho algo muito importante para dizer a ela.

O supervisor traduziu tudo, mas o rosto de Ponok continuou impassível.

— Peça a ele, faça-o compreender que lhe pagarei tudo que pedir, mas preciso saber onde foi a srta. Barclay, para a própria segurança dela.

Novamente, o supervisor traduziu tudo. E mais uma vez, Ponok não respondeu.

Então, Viktor disse:

— O governador mandou soldados. Eles estarão aqui dentro de poucos minutos, para levar a senhorita presa, até o Palácio do Governo.

Viu uma outra expressão nos olhos do supervisor. O homem falou, num tom de voz diferente, com Ponok, traduzindo as palavras do conde.

Depois, os dois homens trocaram palavras entre si, rapidamente. Kantor virou-se e disse:

— Ponok acredita que o senhor é um grande amigo da srta. Barclay. Disse que não se preocupe. Ela está á salvo.

— Como sabe disso?

— Que horas são, senhor?

Viktor não entendeu a pergunta, mas precisava ser gentil, se quisesse saber algo sobre Roxana.

— Passa um pouco de nove horas.

Os outros dois homens também olharam para o relógio de Viktor e Ponok disse algo ao supervisor. Devia ter dito a ele que podia contar, pois o homem falou:

— A srta. Barclay levou todas as roupas em uma *gharry*.

— O que significa isso?

— Foram fazer uma viagem longa.

— Para onde? Onde foram?

— Ponok não sabe, mas acha que seguiram o caminho secreto que atravessa as montanhas.

— Para as montanhas? Mas em que parte das montanhas?

O supervisor deu um passo em direção a ele, respirou fundo e, numa voz que Viktor mal conseguia ouvir, respondeu:

— Para o sul, onde não há holandeses.

O caminho era lindo e em qualquer outra época Roxana teria adorado viajar por ali, subindo sempre através das pedras, numa estrada que se afastava dos campos de arroz.

Passaram por uma fileira de mulheres que desciam com cestos na cabeça.

Depois, só encontraram a beleza selvagem das florestas e montanhas. Njoman acreditava que no topo moravam muitos deuses, estranhos espíritos e demônios vingativos que podiam atacá-los a qualquer momento.

Todos os vilarejos por onde passaram pareciam fortalezas em miniaturas, rodeados por muros altos, uma proteção contra os espíritos que, eles acreditavam, não podiam se erguer do chão.

Na primeira noite, dormiram num vilarejo onde morava um parente de Ida Anak Temu. O homem os recebeu bem, muito curioso.

A entrada do vilarejo era estreita, dando passagem a apenas uma pessoa de cada vez.

Tiveram que deixar a *gharry* do lado de fora, mas o cavalo que a puxava entrou com eles.

Lá dentro, além do portão, um outro paredão de pedras servia para impedir a entrada dos espíritos malévolos que conseguissem passar pela porta.

Para ter certeza de que o povoado ficaria completamente protegido, penduravam uma porção de amuletos na ponta de varas compridas de bambu.

Tinham viajado muito, no primeiro dia, para se afastarem cada vez mais dos holandeses, que podiam descobri-los e levá-los de volta.

Roxana percebeu que Njoman estava nervoso e, a todo momento, incitava o cavalo, para que andasse mais depressa.

Geetruida tinha resolvido grande parte do problema. Deixou de lado os baús de couro que tinha trazido da Europa e enrolou os vestidos de Roxana em lençóis. Eles foram colocados no fundo da *gharry*, mas, mesmo assim, a moça sentiu-se envergonhada de estar causando tanto peso ao animal.

Entretanto, o cavalo era mais forte do que parecia. Rapidamente saíram da planície em direção às montanhas, deixando para trás o calor abafado dos campos e encontrando um ar muito mais fresco.

À noite, dormiram enrolados em roupas quentes. Roxana e Geetruida deitaram-se lado a lado em colchões de palha. Karel ficou entre as duas. No dia seguinte, agradeceram a hospedagem e deixaram no vilarejo uma pequena quantia

em dinheiro, que os moradores olharam espantados. Partiram ao amanhecer.

Foi bom que Roxana tivesse dinheiro suficiente. Quando Pieter e Agnes, seus tios, chegaram a Bali, haviam decidido colocar tudo que tinham em um cofre. Entretanto, teria que pedi-lo e, depois, apresentá-lo às autoridades holandesas, que podiam fazer perguntas sobre seus gastos.

Logo descobriram que os balineses guardavam o dinheiro no meio do capim que cobria as casas, ou simplesmente o colocavam num buraco, no chão.

Quase não havia ladrões no país e Roxana soube mais tarde que, antes da chegada dos holandeses, não existia crime de espécie alguma naquela “Ilha do Paraíso”.

As portas das casas dos vilarejos não tinham trincos nem fechaduras. As prisões, construídas pelos holandeses, estavam sempre vazias e qualquer criminoso mais perigoso era sempre mandado para a penitenciária, em Java.

Roxana cavou um buraco no chão de um dos *bales* e pegou o dinheiro que o tio havia trazido.

Ela própria tinha seu esconderijo, no teto do quarto.

— Temos o bastante para alguns meses, ou até anos, se for necessário — disse a Geertruida.

— Não precisamos gastar muito, senhorita — disse a criada.

Na viagem, seriam generosos com os que as hospedassem e com aqueles que as protegessem.

No segundo dia, pela primeira vez, viram o vulcão de Batur, um dos mais altos do mundo.

Roxana imaginou se um dia teria oportunidade de visitar os templos que ficavam no sopé daquela montanha.

Mas, no momento, só se preocupava em prosseguir, sabendo que estariam a salvo em Badung.

A ilha tinha apenas oitenta quilômetros de extensão, de norte a sul, mas precisavam viajar muitos quilômetros por dia, pois a estrada era difícil e o cavalo não conseguia desenvolver grande velocidade.

No terceiro dia, o cavalo estava tão cansado quanto eles. Felizmente, pararam em outro vilarejo onde Ida Anak Temu tinha amigos.

Com exceção do costume dos habitantes mascarem bétel e cuspirem em qualquer lugar, os *bales* eram sempre imaculadamente limpos.

Mesmo assim, Geertruida insistia sempre em cobrir com um dos seus lençóis a

cama nativa, onde ela e Roxana dormiam.

Mas, estavam sempre tão cansadas, que Roxana nem se importava de dormir na cama ou no chão.

Sentia-se tão infeliz com os acontecimentos relacionados ao conde que esperara passar as noites em claro, pensando nele. Mas o cansaço da viagem, as longas horas carregando Karel e a tensão de escapar das autoridades, relegou suas emoções a segundo plano.

Quando, às vezes, pensava em Viktor, sentia uma dor no coração, uma dor aguda, profunda, e quase gritava de desespero.

Então Karel a chamava, Geertruida começava a conversar e Roxana via as coisas mais urgentes tomarem o lugar de suas recordações.

No terceiro dia, deixaram para trás o frio e começaram a descer para um lugar mais quente. Novos campos de arroz apareceram, árvores e flores desabrochavam por toda parte. Os camponeses que encontravam pareciam caminhar mais devagar, com mais graça, como se qualquer esforço fosse cansativo.

Passaram mais uma noite em um vilarejo maior e sentiram que o cavalo estava mais bem-disposto, como se soubesse que estava chegando ao seu destino.

Njoman disse que ficariam em um vilarejo próximo ao mar. Era onde morava o melhor aluno de Ida Anak Temu, que já possuía uma reputação brilhante como escultor.

Quando encontraram Gweda Tano, ele ficou encantado em conhecer Roxana e encontrar Njoman novamente. Levou a moça para ver seu trabalho.

A casa dele era composta de mais de uma dúzia de *bales* e mais telhados do que Roxana já havia visto juntos.

Parecia um homem muito próspero e Njomam contou que, quando Ida Anak Temu morresse, aquele seria o seu sucessor em toda Bali.

Roxana estava muito impressionada com o trabalho dele. Entretanto, achava que não era tão bom quanto o do professor. Mas tinha que admitir que muitos dos entalhes eram magníficos. Sentiu vontade de mostrá-los ao conde e ouvir sua opinião.

Depois de terminarem os cumprimentos e tomarem alguns refrescos, Roxana perguntou se Gweda poderia lhe indicar uma casa que pudesse comprar ou alugar.

Ele sorriu, satisfeito, e assegurou que, se ela podia pagar, tinha muitos *bales* à disposição, caros demais para os moradores do vilarejo.

Respondeu que pagaria qualquer quantia razoável e foi informada de que

havia uma casa vaga, no conjunto de *bales* ao lado do dele.

Tinha sido ocupado por seu filho mais velho, que agora vivia em Cingapura.

Roxana olhou-o, espantada.

— Meu filho é muito inteligente. Ele é pintor e quer vender suas obras. Não há jeito de fazer isso, aqui, em Bali; as paredes não são fortes o suficiente para agüentar os quadros.

Era verdade e todos riram. Um quadro emoldurado jamais poderia enfeitar as paredes de bambu que subiam e desciam para proteger as casas, de acordo com o clima.

O homem trouxe um quadro, para mostrar a Roxana um exemplo do trabalho do filho. Era, não apenas bonito, mas também muito original. Tinha certeza de que ele encontraria um bom mercado para suas obras, entre os ingleses de Cingapura.

Sentiu-se aliviada ao saber que não precisaria ir mais longe.

A casa indicada servia perfeitamente e Gweda Tano disse que lhes emprestaria tudo que precisassem, até terem tempo de fazer compras.

— Só quero — Geertruida disse, depois que o anfitrião saiu — uma cozinha onde se possa preparar uma refeição decente.

Roxana estivera tão infeliz durante a viagem que nem se preocupara com a comida. Mas Geertruida sempre procurava servir um bom arroz, carne de tartaruga e leite de coco.

Sabia também que os anfitriões gostariam de lhes oferecer um churrasco de carne de porco; entretanto, isso levaria algum tempo. Sempre chegavam ao anoitecer e só faziam uma refeição leve, antes de deitar.

Karel dormiu calmamente durante toda a viagem. O balanço da *gharry* parecia deixá-lo sonolento. Apreciava as refeições; enquanto morou com Ida Anak Temu, aprendeu a gostar de arroz e leite de coco.

Geertruida reclamava que aquilo não era suficiente para uma criança em desenvolvimento, mas o bebê estava sempre sorridente e nunca adoecera.

Depois de mudarem para a casa vizinha de Gweda Tano, Njoman partiu de volta ao norte, com um presente que o deixou sem fala. Geertruida conseguiu alguns utensílios de cozinha e agora Roxana tinha tempo de pensar em si mesma.

Então, a agonia começou a parecer insuportável. Sentia tanta falta de Viktor, que entrou em completa angústia. À noite, não dormia, perambulando pela escuridão.

Sempre pensou que o amor seria algo calmo e pacífico, uma felicidade intensa

e aconchegante.

Mas, desde que conhecera o conde, o amor se tornara muito diferente: mágico, misterioso, cheio de êxtase, capaz de elevá-la a imensas alturas.

Agora, estava mergulhada na mais profunda infelicidade e desespero. Sentia que cada centímetro do seu corpo era cortado por centenas de punhais.

— Eu o amo! Eu o amo! — murmurava, tentando imaginar por que o amor dele não tinha sido grande o suficiente para perdoá-la e compreendê-la.

Geertruida estava certa. Precisava ter certeza de que podia confiar nele, para depois lhe revelar seu segredo.

Felizmente, para segurança da criança, não lhe dissera a verdade. Estava convencida de que, agora, o conde já os denunciara às autoridades holandesas, e se não tivessem fugido, Karel seria levado para um orfanato, em Java, de onde dificilmente conseguiria tirá-lo.

Tentou se convencer de que, Karel estando a salvo, já era um grande motivo de satisfação e não devia pedir mais nada aos deuses. Mas isso não diminuía seu sofrimento; suas lágrimas corriam livremente à noite, quando estava sozinha.

Como era possível que tivesse encontrado o paraíso e depois o perdesse, no dia seguinte?

Só precisava fechar os olhos para lembrar do rosto de Viktor, cheio de raiva e desgosto, na hora em que fora embora.

O importante era pensar no futuro, não no passado. Tinha que encontrar um modo de sair de Bali e levar Karel até a Inglaterra.

Ali não seria tão difícil, como no norte. Mas, no primeiro dia em que foi a Badung, soube que a maioria dos navios que paravam ali era de nacionalidade holandesa.

Raramente apareciam vapores ingleses, e geralmente eram de carga. Tinha que esperar e confiar em que sua boa sorte lhe trouxesse um cargueiro com um capitão que concordasse em levá-la a Cingapura.

Não se sentia muito otimista, mas tentou se acalmar. Ficariam onde estavam, até que a sorte lhes sorrisse novamente.

Como era impossível ficar sentada, sem fazer nada, enquanto Geertruida cuidava de Karel, Roxana comprou madeira e começou a trabalhar.

Procurou um pedaço que servisse e decidiu o que esculpiria: o rosto de Viktor. Tentou, em pedaços pequenos, e conseguiu fazer as mãos dele.

Finalmente, começou a esculpi-lo, encontrando um prazer que lhe parecia

divino. O cinzela quase trabalhava sozinho, acentuando os traços dele, a testa, a curva da cabeça, o queixo.

— Não pode fazer outra pessoa? — Geertruida perguntou, um dia. Roxana não respondeu e ela disse:

— Pode se achar infeliz agora, mas um dia compreenderá que teve muita sorte em escapar.

— O que você tem contra o conde?

Mesmo sabendo que Geertruida o condenava, sentiu-se satisfeita em conversar sobre ele.

— Ele sempre teve muitas mulheres! A senhorita era apenas mais uma.

— Acha que um homem sente a mesma coisa... com toda mulher que ama?

— Não me surpreenderia, se fosse assim.

Mas Roxana sabia que tinha feito uma pergunta que seria impossível para a criada responder.

Geertruida se afastou e, de repente, olhando a escultura, sentiu uma enorme vontade de chorar.

Será que aquele beijo significara tão pouco para ele?

Para ela tinha sido um momento quase divino, cheio de luz, que elevou sua alma ao céu. Tinham-se tornado uma só pessoa e jamais se sentiria feliz novamente, sem o seu carinho.

Não podia continuar trabalhando, com as lágrimas escorrendo pelo rosto. Colocou o cinzel de lado.

Sabendo que ninguém podia vê-la, debruçou-se sobre a mesa e acariciou o rosto esculpido.

— Eu o amo... — disse baixinho. — Eu o amo e, se tiver que continuar sofrendo assim, acho que vou... morrer!

As lágrimas rolaram por suas faces, caindo sobre a madeira. Então, percebeu que não estava mais sozinha. Olhou para cima e viu que o conde a observava.

Capítulo VII

Durante um minuto os dois permaneceram imóveis.

Então, como se depois de um longo sofrimento encontrasse alívio, Roxana se atirou nos braços de Viktor.

Ele apertou-a contra o peito e começou a beijá-la nos lábios, depois nos olhos cheios de lágrimas e voltou novamente aos lábios.

Roxana sentiu que todas as suas preces tinham sido atendidas. Pensava ter morrido e estar num paraíso tão perfeito, que nem se atrevia a respirar.

Mas os beijos dele eram reais. Já não precisava sofrer com a solidão, nem ficar infeliz. Ele agora era parte dela, como havia acontecido no primeiro beijo.

Estava linda e seus lábios tremiam. Não de medo, mas de felicidade.

— Eu... o... amo! — murmurou, sentindo que a voz quase não saía

— Como pôde me abandonar? Como pôde fugir de mim? Fiquei tão desesperado, com medo de nunca mais a encontrar.

Beijaram-se novamente. Ele parecia ter medo de perdê-la uma segunda vez.

— Eu a encontrei, minha querida, e juro que não a deixarei ir novamente. Quer se casar comigo?

Viu que os olhos dela pareciam iluminar-se com milhões de luzes. Deitou a cabeça no ombro dele.

— O que os holandeses dirão? Como chegou aqui, sem que eles soubessem?

Sentindo medo por Karel, gritou:

— Eles não vieram com você? Não veio aqui... para nos levar de volta?

— Claro que não! Acha mesmo que eu a deixaria voltar para lá? Foi muito inteligente, minha querida, em ter fugido. Ao mesmo tempo, gostaria que confiasse em mim.

— Como conseguiu me encontrar? Como chegou aqui?

As perguntas pareciam saltar dos lábios dela. Ele a beijou na testa, dizendo:

— É uma longa história. Que tal, se formos nos sentar em algum lugar confortável? Está muito quente e eu gostaria de tomar um dos refrescos de Geertruida, se ela quiser me preparar um.

Roxana saiu dos braços dele e lhe tomou a mão, como havia feito na noite em que andaram pela escuridão da floresta.

Dirigiram-se ao *bale* mais próximo, muito parecido com o que Roxana usava

como sala de visitas, no norte, só que este não tinha muitos móveis.

Sentaram-se num sofá nativo, forrado com uma linda almofada de seda bordada.

Roxana saiu por um momento, chamando Geertruida. Sua voz vibrava de felicidade e excitação.

Voltou poucos minutos depois.

Ao voltar ao *bale*, parou alguns minutos, olhando-o. Depois, correu para os braços dele.

— É você mesmo! E está mesmo aqui! Não estou sonhando?

— Sonhou comigo muitas vezes? — ele perguntou, emocionado.

— Todas as noites. E quando não estava sonhando, pensava em você:

— E chorou de saudade?

— Tentei não chorar, mas não consegui!

— Essas lágrimas são muito preciosas — ele disse, beijando os olhos dela.

Sentaram-se no sofá improvisado e a intensidade do sentimento de ambos parecia uni-los ainda mais. Roxana olhou-o, com um ar de adoração:

— Conte como me encontrou.

— Deve agradecer isto a Ida Anak Temu.

— Ele lhe disse! — Roxana exclamou, incrédula, — Eu tinha certeza de que guardaria o meu segredo!

— Ele guardou, no começo.

— Como conseguiu falar com ele?

— Levei comigo o supervisor do seu vilarejo.

— Oh, naturalmente... Tunas Kantor. Ele fala muitas línguas.

— Ele fala holandês, o que foi muito importante para mim. Sempre lhe deverei este favor.

— Continue. E então, o que aconteceu?

— Ponok viu quando você partiu e entendeu que não pretendia se despedir de ninguém. Ele também reconheceu o dono da *gharry* que a levou.

— Ele sabia que era um dos filhos de Ida Anak Temu?

— Achou que era. O supervisor e eu fomos até a floresta.

Sorriu, antes de continuar.

— Asseguro-lhe que, no início, seu professor foi muito discreto e negou saber da sua fuga.

— Sabia que ele seria leal. — Roxana murmurou.

— Mas, quando eu disse a ele que tinha visto seus homens transportando as esculturas que lhe pertenciam; e sabia que um de seus filhos havia partido com você, ele começou a ficar... pouco à vontade.

— Você não... o tratou mal?

— Eu nunca trataria mal um amigo seu.

— Por que então, ele lhe contou o que queria saber?

— Porque eu disse a ele que pretendia pedi-la em casamento, que não podia perder a única mulher que amara em toda minha vida. Então, ele me observou, como se estivesse me testando, penetrando em meu pensamento...

— Olhando... com a alma! — Roxana murmurou.

— Exatamente! Sei que ele estava fazendo exatamente isso, minha querida. E passei no teste!

Ela se aproximou mais dele e o conde a abraçou novamente.

— Então, ele me disse para onde você havia ido e que estaria em segurança na casa de seu melhor aluno, Gweda Tano. Aí, tive que enfrentar um novo problema.

Fez uma pausa, e continuou:

— Compreendi que não ia ser fácil chegar até aqui. Primeiro, tinha que me livrar dos holandeses, a fim de que não soubessem para onde eu estava indo.

— Tive... tanto medo! — disse Roxana. — Um medo terrível de que alguém viesse, para me levar de volta.

— Juro que eles nunca farão isso. E, ao mesmo tempo, para sua segurança, minha querida, não pude ser desagradável com o governador.

Roxana corou e escondeu o rosto no ombro dele:

— Senti... que... ele era... uma ameaça para mim.

— Ele já não será mais, no futuro. Mas não queria que ele a mencionasse, de modo desagradável, nos relatórios que manda a Amsterdam.

— Ele faria isso?

— Poderia fazer. Tomei muito cuidado, quando vim para cá.

— Diga-me o que fez.

— Não pode adivinhar?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não! Como chegou aqui?

Enquanto ele falava, Roxana pensava que teria sido um caminho muito longo para percorrer a cavalo. E como ele teria encontrado os amigos de Ida Anak Temu, em cada parada, nos pequenos vilarejos onde dormira?

— Vim pelo mar.

— Pelo mar?

— Pareceu a melhor coisa a fazer. Conteí ao governador que pretendia dar a volta à ilha, para conhecê-la inteiramente. Ele me avisou para não descer até o sul, uma região independente. Respondei que partiria de Goulbeng, no norte, e faria a volta até Lambok, que está sob o domínio dos holandeses.

— E ele aprovou a idéia?

— Para falar com franqueza, acho que ele ficou até satisfeito em se livrar de mim. Eu estava interferindo na busca que ele fazia a você.

— Ele... não sabia... para onde eu vim?

— Quando parti, ele tinha quase certeza de que você estava escondida na floresta. Mas, no norte, a floresta é muito grande e ele vai precisar de bastante tempo para descobrir que você não está escondida em qualquer vilarejo minúsculo ou cabana isolada.

Roxana segurou as mãos dele. O conde prosseguiu:

— Quando nos casarmos, minha querida, nenhum governador irá atormentá-la. Cuidarei disso!

Roxana ergueu o rosto, mas antes que o conde pudesse beijá-la, Geertruida entrou com uma bandeja. Trazia um grande copo de suco de frutas.

— Está surpresa em me ver Geertruida? — o conde perguntou, em holandês.

— Sim, senhor.

— Não parece muito contente — ele disse, acusador. — Espero que continue conosco, depois de nos casarmos. Minha esposa não vai querer perdê-la, depois de tudo que passaram juntas.

— Casados? Vocês vão se casar? — Geertruida estava espantada.

O conde respondeu, com firmeza:

— Vamos nos casar, Geertruida, na primeira oportunidade.

— Graças a Deus que minhas preces foram atendidas!

Então, virou-se e saiu rapidamente. Roxana sabia que era para o conde não ver as lágrimas que lhe afloravam aos olhos.

— Gertruida tinha certeza de que você estava apenas flertando comigo. Que tem admiradoras demais!

— Eu nunca faria isso, minha querida. Mas confesso que não sabia que estava tão apaixonado, que a amava tão desesperadamente.

Ele ficou imóvel por um momento, como se recordasse o sofrimento por que

tinha passado, o medo de nunca mais encontrá-la.

— Senti-me como o príncipe rama — disse, em voz baixa —, louco de desespero, procurando a esposa que estava em poder dos demônios.

Roxana sorriu.

— E você não tinha Hanuman, e seu exército de macacos, para ajudá-lo.

— Mas tinha Lalor, que foi muito forte. Ele me conseguiu um bom barco, tripulado por ótimos marinheiros, e me trouxe até aqui, com toda segurança.

— Foi uma idéia muito inteligente. Quando desejei fugir de Bali, nunca pensei em nenhum barco, a não ser nos que pertenciam aos holandeses.

— Vamos procurar um vapor que nos leve até Cingapura. Soube que muitos barcos param lá, quando passam a caminho das outras ilhas.

— Não pode ser... um barco holandês.

— Ainda está com medo? Os holandeses não podem mais magoar você, agora que está sob a minha proteção, é minha noiva e logo será minha esposa.

— Mas... e Karel? Eles podem levar o menino embora.

— Por que fariam isso?

— Porque há uma lei que obriga os órfãos a irem para um orfanato em Java.

— Órfão? — o conde repetiu, confuso, Roxana olhou-o, longamente, e disse:

— Acreditou mesmo, quando eu disse que Karei era meu? Achei que Ida Anak Temu lhe tivesse dito toda a verdade.

Por um momento, o conde permaneceu imóvel.

— Karel não é... seu filho?

— Não. Claro que não! Eu só disse aquilo porque estava com tanto medo de você... porque é holandês.

— Então, ele é filho de quem?

A voz do conde soou estranha a ele próprio.

— É filho da tia Agnes. Ela morreu logo depois que ele nasceu. — Roxana suspirou, lembrando a expressão de desgosto do rosto dele, e continuou: — Ela sabia que ia ter um bebê, antes de deixarmos a Inglaterra e depois de estar casada com Pieter Helderik há quinze anos. Mas manteve o segredo, porque tinha medo dos holandeses não darem a permissão para irmos a Bali.

— É filho... de sua tia? — o conde quase não conseguiu pronunciar as palavras.

— Está dizendo — Roxana perguntou, baixinho — que me pediu para ser sua esposa, mesmo achando que eu tinha um filho... sem ser casada?

— Desculpe, querida, devia ter confiado em você. Devia saber que não era verdade. Entretanto, todas as provas eram contra você.

Roxana não falou e ele continuou:

— Seu isolamento, as insinuações do governador, o fato de encontrá-la adormecida com o bebê nos braços, e você me disse...

— Perdoe-me! Perdoe-me! Você me deixou com medo. Eu estava em pânico. Afinal, Geertruida e eu podíamos ser... se não escondêssemos Karel, ele seria... levado embora... mandado a um orfanato.

Por um momento, Viktor não conseguiu falar. Abraçou Roxana, em silêncio, beijando-lhe os cabelos.

Amava-a de um modo que nenhum homem havia antes experimentado. Tinha certeza de que a queria como esposa, sem se importar com o que ela tivesse feito, no passado.

Quando não a encontrou, percebeu que seu amor era tão grande, que não podia se importar com mais nada. Entre ambos havia uma união espiritual que nada podia separar.

Agora que a encontrara, tudo o que queria era não se separar mais dela. Sabia que era pura, inocente, tudo o que desejava e não acreditava poder encontrar.

Como se soubesse o que ele estava pensando, Roxana disse:

— Pensar que teria casado comigo, acreditando nas coisas que disseram sobre mim. Só posso dizer que nenhum homem seria... tão maravilhoso, tão... nobre... em todos os sentidos!

Ergueu o rosto para ele e se olharam nos olhos. Então, ele a beijou, com urgência, insistência e desejo. Havia no beijo, também, a reverência de um homem que sabe que o amor não é apenas paixão e posse, mas algo sagrado.

Muito tempo depois, Viktor disse:

— Precisamos fazer nossos planos, querida. Vamos conversar com Gweda Tano. Acho que ele pode nos ajudar a chegar a Cingapura.

Roxana estava tão feliz que faria tudo que ele quisesse.

Encontraram Gweda trabalhando em suas esculturas.

Estava sentado, com as pernas cruzadas, a cabeça curvada. Não se levantou, mas pediu que um dos seus aprendizes trouxesse cadeiras.

Trabalhava em uma peça, que seria destinada ao templo.

Passava para a madeira — um bloco de hibisco vermelho —, um conjunto de músicos que tinha idealizado. No momento, terminava o flautista.

Ao chegar, Roxana descobriu que Gweda Tano, ao contrário de seu mestre, não falava holandês, pois detestava os holandeses, mas sabia *um* pouco de inglês.

Ele, sorrindo, dirigiu-se ao conde:

— Encontrou a srta. Barclay? Muito bom!

— Sim, eu a encontrei. E agora, precisamos de sua ajuda.

O artista fez um gesto, indicando que estava à disposição. O conde perguntou:

— Tem alguma idéia de quando chegará um vapor que nos leve a Cingapura?

Quando cheguei, perguntei no porto e me disseram que dentro de duas ou três semanas haverá um.

— É verdade. Há três dias, partiu um. Agora, tem que esperar pelo outro.

— Gostaria de perguntar também, se há alguém aqui no sul de Bali que possa fazer o nosso casamento?

Roxana olhou-o, espantada, e ele lhe disse, baixinho:

— Não posso esperar mais para torná-la minha esposa. Não acha este lugar perfeito para uma lua-de-mel?

O rosto dela estava radiante de felicidade e ambos olharam o balinês, sentado, com as pernas cruzadas, à sua frente.

— São cristãos?

O conde fez que sim.

— Não há nenhum cristão no sul de Bali. Os ingleses foram embora e os holandeses ficam só no norte.

Viu o desapontamento no rosto do conde e da moça.

— Por que não fazemos um casamento balinês? Vocês são pessoas boas. Nossos deuses os abençoarão. A srta. Barclay é uma escultora, como eu.

O conde olhou para Roxana e viu uma pergunta em seus olhos. Como ela não falasse, ele perguntou:

— Casaria comigo aqui, com as bênçãos dos deuses nos quais nós acreditamos?

— Podemos... fazer... isso?

— Podemos, se confiar que eu casarei com você novamente, assim que chegarmos a Cingapura.

— Quero... casar com você.

— Estará casada comigo, por todas as leis que existem, pois não a quero perder nunca. Mas também não quero esperar mais!

— Nem eu!

Não precisaram contar a decisão a Gweda Tano. Ele viu a alegria que lhes surgia nos rostos e disse, excitado:

— Arranjo tudo! Muito bonito, casamento muito bom! Falo com o sacerdote!

— Acho que esta foi a idéia mais perfeita que já teve! Vou me tornar sua esposa aqui, na “Ilha do Paraíso”!

Um casamento é algo importante em todos os países, em todas as religiões. Mas os balineses nunca tinham tido um casamento em que os noivos fossem estrangeiros. Gweda Tano explicou que nunca havia visto um casamento entre pessoas tão bonitas.

Entretanto, o conde sabia as razões para o sacerdote desejar tanto celebrar a cerimônia, apesar de não serem da mesma religião. Acreditava que Roxana era uma abençoada dos deuses, por possuir um talento tão grande.

As pessoas de Bali respeitavam aqueles que sabiam entalhar, pois são eles próprios, grandes artistas.

Roxana achou que também a grande doação em dinheiro, que o conde fez ao templo, contribuiu muito para que o sacerdote encarasse aquela cerimônia com muito entusiasmo.

Ela não queria diminuir a magia daqueles preparativos, que mais pareciam destinados a um casamento de contos de fadas.

Gweda Tano arranhou tudo, insistiu para que esperassem dois dias, a fim de que as mulheres tivessem tempo de preparar o banquete das cerimônias mais importantes.

— Se vamos fazer tudo ao modo balinês — Roxana disse, em tom brincalhão —, primeiro, você tem que me raptar. Isso era tradicional entre os balineses, antigamente.

— E depois, o que acontecia?

— Apesar de todos já saberem o que ia acontecer, o pai devia ficar furioso e organizar uma equipe de resgate. Tudo era arranjado de modo a encontrarem o casal, num esconderijo, em lua-de-mel.

O conde olhou-a, confuso, e ela riu.

— A lua-de-mel, em Bali, sempre acontece antes do casamento.

— É algo meio perigoso!

Ela sorriu e ele viu o amor em seus olhos. Sentiu-se o mais feliz dos homens.

— Não há outra parte da cerimônia de casamento, que deseje evitar?

— Qual?

— Logo antes do casamento, há um velho ritual de iniciação: se os dentes da noiva ou do noivo não estiverem obturados, eles devem obturá-los, antes de se tornarem marido e mulher!

— Oh, Deus!

— É parte do hinduísmo balinês — Roxana explicou — e era praticado para que a alma dos jovens pudesse entrar no mundo espiritual.

— Recuso-me, recuso-me terminantemente, categoricamente, a ter os meus dentes obturados!

— Eu também! — Roxana concordou. — Esperemos que esqueçam este antigo ritual!

— Pode ter certeza de que esquecerão. Acho que seus dentes estão perfeitos assim.

— Obrigada — Roxana disse, em tom de brincadeira.

— Tudo em você é perfeito. Um dia, talvez encontre as suas falhas; mas, por enquanto, ainda não encontrei!

— Então, por favor, não olhe muito de perto. Quero ser perfeita e rezarei todas as noites para ser... digna de você.

O conde abraçou-a.

— Como pode dizer isso? O caso é exatamente o oposto. Eu é que não sou digno de você. Fiz muitas coisas que a deixariam envergonhada.

Enquanto falava, pensou em Luise van Heydberg e achou que perder Roxana seria pagar um preço muito alto por seus pecados.

— O passado está esquecido! — Roxana disse, suavemente. — É o futuro que importa, e eu sou o seu futuro, assim como você é o meu.

— Não peço mais nada.

Abaixaram a parede de bambu, de modo a conversarem a sós e não poderem ser vistos do pátio.

— Há algo que quero lhe dizer — Roxana falou.

— O que é?

— Não contei aos holandeses, nem aqui nem na Holanda, quem era o meu pai.

— E quem era ele?

O conde parecia não estar muito interessado. Observava o rosto de Roxana, bem de perto, analisando cada curva, como se quisesse guardá-lo para sempre, na memória.

— Papai era o líder da Câmara dos Lordes e assistente da rainha Vitória.

O conde sorriu.

— Estou muito impressionado, minha querida. Mas, na verdade, sabia que seu pai devia ser alguém importante.

Ele a abraçou e seus lábios se uniram, como se nada mais tivesse importância, agora que possuíam um ao outro.

Quando se soube que iam casar, as mulheres iniciaram suas atividades, enfeitando todos os pátios com *lamaks*. Eram faixas decorativas, feitas com folhas de palmeira. Recortavam-nas de tal modo que formavam desenhos intercalando o verde mais escuro com uma tonalidade de branco esverdeado.

As faixas eram presas com lascas de bambu, que faziam o mesmo efeito, apesar da casa permanecer constantemente aberta.

O pátio principal estava lindo e todos colaboravam, trazendo frutas. Sabendo que as convidadas estariam lindas, com os cabelos enfeitados flores, ovos, galinhas e arroz branco em folhas de bananeira. Com flores e seus *sarongs* coloridos, Roxana temeu que a superassem em beleza.

A cada hora, aumentava o número de presentes, formando pilhas coloridas em azul, amarelo, esmeralda e branco.

Roxana sabia que, em todas as cozinhas do vilarejo, mulheres trabalhavam, preparando um banquete.

Havia churrasco de carne de porco, carne de vaca e porco defumado, que, depois da cerimônia, seriam servidos aos convidados.

Seriam acompanhados de *penjon*, coco ralado temperado com pimentas verdes e vermelhas, e *mritja*, a palavra balinesa que designava a pimenta preta.

Apesar do conde estar preparado para pagar uma grande festa, Roxana lhe avisou que não haveria muitos drinques.

— Os homens gostam de cerveja, vinho de arroz e vinho de palmeira, mas a maior parte é abstinência, pois, quando bebem, suas mentes são invadidas por sensações que desprezam.

Como aquele era um casamento diferente de tudo que ela imaginara; parecia ainda mais maravilhoso do que a cerimônia tradicional que teria se casasse na Europa.

Parte daquela magia era devida ao sentimento que ela e o conde partilhavam, despertado no êxtase do *keíjak* e, depois, quando se beijaram; pela primeira vez.

Viktor não ficou no conjunto de casas que ela ocupava. Apesar de existirem vários *bales* vazios, preferiu que Gweda Tano lhe encontrasse uma casa fora do

vilarejo, que outrora pertencera a um inglês e, que no momento, estava vazia.

Gweda Tano deu instruções às mulheres para que limpassem o local e o criado do conde arrumou tudo, a fim de que seu amo se sentisse confortável.

Geertruida deu alguns lençóis e, depois de pronta, a casa ficou muito aconchegante.

O conde havia comprado tudo que lhe faltava.

Mesmo quando se afastava para fazer compras, ninguém tocava em nada.

Depois de uma longa discussão, decidiu usar seu mais bonito vestido de noite.

Era todo enfeitado de fitas, com rendas que formavam babados.

Geertruida lhe fez um véu, que emoldurava seu rosto perfeitamente, como se fosse um halo branco.

Ela estava linda e, ao mesmo tempo, tão sublime, que o conde comparou-a a Afrodite em pessoa.

Ele lhe enviou um buquê de camélias e ambos acharam que seria perfeito aquele casamento, não apenas com a bênção do sacerdote nativo, mas com a presença de pessoas simples e gentis, que os dois apreciavam tanto.

Não haveria críticas, ciúmes ou pompa exagerada, o que certamente aconteceria, se o casamento fosse na Inglaterra ou Holanda.

— Ele chegou! — Geertruida avisou, excitada, quando Viktor entrou no *bale* onde Roxana o estava esperando, escondida atrás de uma cortina de bambu, que escondia a noiva do povo que estava lá fora. Os dois caminharam para o pátio.

Por um momento, ele parou, olhando-a, como se não conseguisse ver mais nada, além da expressão de amor dos olhos dela. Sabia, instintivamente, que era diferente de todas as mulheres que conhecia.

Caminhou na direção dela, e sem tocá-la, disse:

— Este é um casamento muito estranho, minha querida, mas acredito que os deuses nos abençoarão. Você parece uma deusa e eu a adoro de todo meu coração.

Enquanto falava, Roxana sabia que estava repetindo um juramento tão sagrado como o que pronunciaria, se estivessem diante do altar da Catedral de St. Paul.

Desde o amanhecer, o local estava apinhado de gente. Todos os homens tinham ramos de hibiscos vermelhos atrás das orelhas; as mulheres usavam colares de flores sobre o busto nu e haviam enfeitado os cabelos com camélias e jasmims.

O sacerdote estava de pé, atrás de uma cortina de *lamak*. Usava um *sarong* verde escuro e um *baju* branco, um chapéu próprio para cerimônias de casamento.

À sua frente, havia uma caixa entalhada, um sino de bronze e flores em vasos com água benta.

Roxana e o conde sentaram-se sobre os calcanhares, como Gweda Tano lhes havia dito para fazerem.

Viktor estendeu uma folha de palmeira, fazendo uma oferenda de frutas.

O sacerdote, delicadamente, tocou o sino, rezando em silêncio. Depois, rasgou um pedaço de folha de palmeira e, com ela, respingou a água benta.

Então, esticou um barbante branco, até que arrebetasse em duas partes; jogou uma bem longe e a outra sobre o buquê de camélias que estava à sua frente.

Depois disso e durante alguns momentos, apenas o sacerdote se mexia.

Sentou-se com os olhos fechados, rezando, fazendo gestos ritmados sobre as flores e em direção aos noivos.

Ao fundo, uma orquestra de gamelas começou a tocar. O som parecia imitar os ruídos que vinham dos campos de arroz, as folhas das palmeiras sopradas pelos ventos.

O silêncio era absoluto entre os espectadores. Roxana rezou, do fundo do coração, para que trouxesse felicidade ao conde, para que se amasse: até o fim de suas vidas.

Finalmente, o sacerdote levantou-se e pegou uma tigela de água benta. Respingou algumas gotas sobre a cabeça dos noivos.

Depois, estendeu a ambos botões de uma flor nativa. O conde colocou o seu na lapela. Se fosse balinês, o teria colocado atrás da orelha. Roxana usou o seu para enfeitar os cabelos.

O sacerdote deu a ela um quadrado de folha de palmeira e ao conde, um *kris*, espada balinesa entalhada e enfeitada com pedras preciosas, que, geralmente, os guerreiros levavam para as batalhas.

Por fim, entregou-lhes dois ovos, símbolos da fertilidade, que trocaram entre si, enquanto o sacerdote tocava o sino de bronze e erguia os braços para o céu, chamando os deuses, em voz baixa, para que viessem dar suas bênçãos.

Roxana rezou:

— Por favor, Deus, faça-me ter filhos fortes e bonitos como ele próprio.

A música aumentou de intensidade e a cerimônia terminou. As crianças começaram a rir.

Geertruida, carregando Karel, conversava com uma porção de mulheres balinesas, apesar de não entender bem a língua delas.

A cerveja foi servida, junto com arroz seco, e o banquete começou.

As crianças esperaram por seus pratos de *lawar*, carne crua cortada fininha, misturada com coco temperado.

O conde e Roxana agradeceram ao sacerdote e a Gweda Tano. Depois beijaram Karel. Então, tomando Roxana pela mão, Viktor a retirou daquela multidão agitada, puxando-a para o portão.

— Onde vamos?

Ele riu e a ajudou a entrar na *gharry* toda decorada e enfeitada com guirlanda de flores.

Só poucas pessoas perceberam que os dois haviam saído, apressados, e lhes acenaram, enquanto a *gharry* se afastava.

— Como se sente, agora que é minha esposa?

Os olhos dela pareciam estrelas.

— Foi uma cerimônia tão bonita! Sei que usarei o seu nome e somos marido e mulher na ilha de Bali.

— Pretendo me casar com você em Cingapura e, se quiser, também na Índia, ou onde quer que paremos, a caminho de casa.

— É isso mesmo que deseja? Agora você tomará todas essas decisões para mim.

Abraçou-a, enquanto prosseguiam, em silêncio.

A estrada chegou ao fim, e só havia um caminho estreito debaixo das árvores. À sua frente, Roxana viu a casa onde ficariam.

Era rodeada por uma enorme varanda, mas havia tantas folhagens e cercas de arbustos, que quase não se via a casa. Os ramos, cheios de flores e folhas, subiam até o telhado. Parecia mais um buquê de flores coloridas, alegres e brilhantes.

— Parece uma casa de contos de fadas!

— Foi o que pensei. E a comprei para a minha esposa de contos de fadas!

A *gharry* parou. O cocheiro lhes desejou boa sorte e se afastou, sorrindo.

— Nossa primeira casa! — o conde disse, suavemente, enquanto tomava Roxana nos braços.

Carregou-a, passando pela porta e entrando na sala de visitas. Era uma sala pequena, mas arejada, com paredes brancas e toda enfeitada de flores.

Havia imensos vasos de camélias que perfumavam todo o ambiente. Através da porta, ela viu o quarto. Era branco também, com uma cama grande, entalhada. O quarto dava para a varanda e, à distância, se via o mar azul.

— Gosta, minha querida?

— É tão lindo! Nenhum lugar do mundo poderia oferecer um cenário tão perfeito para o nosso amor.

— Nenhum lugar. Eu a amo tanto, querida, que nem consigo palavra para exprimir.

Puxou-a para si e Roxana pensou que seus beijos ficavam cada vez mais maravilhosos, pois agora eram marido e mulher e nada mais podia separá-los.

— Eu o amo! — tentou dizer, mas o conde estava certo. Aquela palavras não diziam tudo que sentia.

Estavam muito próximos, não apenas em seus corpos, mas também nos corações e mentes.

Todo o ambiente recendia o perfume das flores. A beleza daquela casa e da ilha parecia protegê-los, mantendo-os a salvo e juntos para sempre.

Ele a tomou nos braços, depois pegou-a pela mão e lhe colocou uma aliança de casamento. Em seguida, beijou-a.

— Com este anel, eu a faço minha esposa. Com o meu coração eu te adorarei por toda eternidade, minha amada!

Ela olhou o anel e o beijou, com lágrimas nos olhos.

Ele a levou para o quarto e tirou a guirlanda de rosas de seu cabelo.

Depois, tirou o véu.

Olhou-a durante um momento e, gentilmente, retirou os grampos, fazendo com que o cabelo se soltasse e caísse pelos ombros.

Ela estava trêmula, com uma excitação que nunca sentira antes. Abraçou-a, mais uma vez.

— Você é minha. Minha adorada e perfeita esposa. Diga que me ama também. Seus lábios se aproximaram e Roxana murmurou:

— Eu o amo, meu maravilhoso... marido e... seremos... amantes no paraíso.

❧ FIM ❧

QUEM É BARBARA CARTLAND?

A histórias de amor de Barbara Cartland já venderam mais de cem milhões de livros em todo o mundo. Numa época em que, segundo a própria Barbara, a literatura dá muita importância aos aspectos mais superficiais do sexo, o público se deixou conquistar por suas heroínas puras e seus heróis cheios de nobres ideais. E ficou fascinado pela maneira como constrói suas tramas, em cenários que vão do esplendor do palácio da rainha Vitória às misteriosas vastidões das florestas tropicais ou das montanhas do Himalaia.

A precisão das reconstituições de época é outro dos atrativos dessa autora inglesa que, além de já ter escrito mais de trezentos livros, é também historiadora, teatróloga, conferencista e oradora política. Mas Barbara Cartland se interessa tanto pelos valores do passado quanto pelos problemas do seu tempo. Por isso, recebeu o título de Dama da Ordem de São João de Jerusalém, por sua luta em defesa de melhores condições de trabalho para as enfermeiras da Inglaterra, e é presidenta da Associação Nacional Britânica para a Saúde.

SEMPRE NO MEU CORAÇÃO

No dia em que Lady Gracila Sheringham descobriu que o seu noivo, o Duque de Radstock, era amante de sua madrasta, levou um terrível choque... Então, seu próprio casamento tinha sido arranjado apenas para facilitar os encontros daqueles traidores imorais? Revoltada, sem poder revelar nada ao pai, Gracila não sabia como escapar àquela horrível união. Afinal, ela estava rejeitando um dos homens mais cobiçados de todo o Império britânico! Desnorteada, Gracila resolveu fugir. Mas, sozinha, que seria dela? Quem se importaria em ajudar uma moça desamparada que não podia sequer revelar sua identidade?